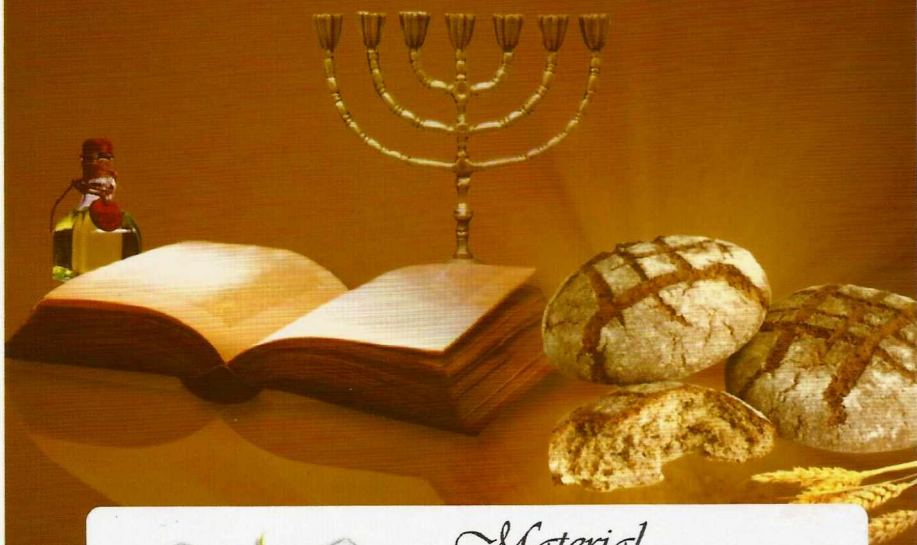




O ensino teológico além das fronteiras At. 1.8



*Material
Para
Monitor*

EPÍSTOLAS



O Ensino Teológico Além das Fronteiras (Atos 1.8)

Rua Antônio José de Oliveira, 1180

Bairro São Carlos - Cx. Postal 1120

86800-472 – Apucarana – PR

Fone/Fax: (43) 3426-0003

	(43) 99960-0910	(43) 99924-0708	(43) 99960-8886
	(43) 98455-4830	(43) 98455-4831	(43) 98455-4832
	(43) 99133-3953	(43) 99157-1462	(43) 99179-3492
	(43) 98823-7070	(43) 98846-1257	(43) 98806-6976

E-mail: contato@cetadeb.com.br

Site: www.cetadeb.com.br

Aluno(a): _____

Epístolas

Pr João Antônio de Souza Filho

Copyright © 2013 by Pr João Antônio de Souza Filho

Diagramação: Hércules Carvalho Denobi

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados a Denobi e Acioli Empreendimentos Educacionais.

O conteúdo dessa obra é de inteira responsabilidade do autor.

7ª Edição – Nov/2017

DIRETORIA E CONSELHO

Diretor

Hércules Carvalho Denobi

Vice-Diretora

Eliane Pagani Acioli Denobi

Conselho Consultivo e Teológico

Daniel Sales Acioli

Perci Fontoura

José Polini

Márcio de Souza Jardim

Ciro Sanches Zibordi

Assessoria Jurídica

Dr. Carlos Eduardo Neres Lourenço

ABREVIações

a.C. – antes de Cristo.

ARA – Almeida Revista e Atualizada

ARC – Almeida Revista e Corrigida

AT – Antigo Testamento

BV – Bíblia Viva

BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje

c. – Cerca de, aproximadamente.

cap. – capítulo; caps. – capítulos.

cf. – confere, compare.

d.C. – depois de Cristo.

e.g. – por exemplo.

Fig. – Figurado.

fig. – figurado; figuradamente.

gr. – grego

hb. – hebraico

i.e. – isto é.

IBB – Imprensa Bíblica Brasileira

Km – Símbolo de quilometro

lit. – literal, literalmente.

LXX – Septuaginta (versão grega do AT)

m – Símbolo de metro.

MSS – manuscritos

NT – Novo Testamento

NVI – Nova Versão Internacional

p. – página.

ref. – referência; refs. – referências

ss. – e os seguintes (isto é, os versículos consecutivos de um capítulo até o seu final. Por exemplo: 1Pe 2.1ss, significa 1Pe 2.1-25).

séc. – século (s).

v. – versículo;

vv. – versículos.

ver - veja

SUMÁRIO

LIÇÃO I: INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS E CARTAS

APOSTÓLICAS	7
ROMANOS, O EVANGELHO DA SALVAÇÃO	10
PRIMEIRA E SEGUNDA EPÍSTOLA DE PAULO AOS CORÍNTIOS	24
SEGUNDA EPÍSTOLA DE PAULO AOS CORÍNTIOS....	28
EPÍSTOLA DE PAULO, O APÓSTOLO, AOS GÁLATAS	33
ATIVIDADES - LIÇÃO I.....	38

LIÇÃO II: AS EPÍSTOLAS DE PAULO AOS EFÉSIOS, FILIPENSES

E COLOSSENSES	39
EPÍSTOLA DE PAULO AOS EFÉSIOS	41
EPÍSTOLA DE PAULO AOS FILIPENSES	52
EPÍSTOLA DE PAULO AOS COLOSSENSES	60
ATIVIDADES - LIÇÃO II.....	66

LIÇÃO III: EPÍSTOLAS DE 1º E 2º TESSALONICENSES, 1º E 2º

TIMÓTEO, TITO E FILEMOM	69
EPÍSTOLAS AOS TESSALONICENSES	70
SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES	76
PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PAULO A TIMÓTEO	80
SEGUNDA EPÍSTOLA DE PAULO A TIMÓTEO	96
EPÍSTOLA DE PAULO A TITO.....	99
EPÍSTOLA DE PAULO A FILEMOM	103
ATIVIDADES - LIÇÃO III	105

LIÇÃO IV: EPÍSTOLA AOS HEBREUS	107
EPÍSTOLA DE TIAGO	128
ATIVIDADES - LIÇÃO IV	143
 LIÇÃO V: EPÍSTOLAS UNIVERSAIS DE PEDRO, EPÍSTOLAS DE	
JOÃO E A EPÍSTOLA DE JUDAS	145
1ª EPÍSTOLA DE PEDRO	147
2ª EPÍSTOLA DE PEDRO	156
1ª EPÍSTOLA DE JOÃO	161
2ª E 3ª EPÍSTOLAS DE JOÃO	166
2ª EPÍSTOLA DE JOÃO	168
3ª EPÍSTOLA DE JOÃO	169
EPÍSTOLA DE JUDAS	171
ATIVIDADES - LIÇÃO V	175
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	176
 APÊNDICE	177

Lição I

Romanos, 1º e 2º Coríntios e Gálatas

ROMANOS, 1º E 2º CORÍNTIOS E GÁLATAS

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS E CARTAS APOSTÓLICAS

O aluno terá diante de si cinco lições de estudo sobre as epístolas do Novo Testamento. Nesta primeira lição o estudante se aprofundará nas cartas aos Romanos, Coríntios e Gálatas.

A carta aos Romanos é muito peculiar, única e abrangente e requereria um exame minucioso de cada capítulo e comentários apropriados, o que não é possível fazer num curso básico. No entanto, apresentaremos uma sinopse do livro, permitindo que o aluno o entenda de forma simples e profunda.

As duas epístolas que Paulo escreveu aos coríntios mereceram um comentário especial devido a pluralidade de temas tratados por Paulo. Quanto a epístola de Paulo aos Gálatas um comentário conciso é apresentado no final deste módulo, de forma clara para o entendimento do estudante.

DEFINIÇÃO DE EPÍSTOLA

James Hastings (Dictionary of the Apostolic Church, edição de 1916) considera que na antiguidade as pessoas diferenciavam uma epístola de uma carta, definindo que a epístola, mesmo quando enviada a uma pessoa, era considerada uma “carta aberta” para domínio público; já a carta era estritamente pessoal. Ele afirma que “é de se admitir que no âmbito da literatura antiga não é fácil determinar se um documento era epístola ou carta. Se era pessoal ou uma carta aberta.

Ao longo dos anos, os termos epístolas e cartas se tornaram praticamente sinônimos, sem quaisquer diferenciações entre elas. No entanto, quando se tem em mente as epístolas dos pais apostólicos deve-se entender que era hábito na época seguir o estilo clássico da literatura greco-romana.

Quando o aluno estudou Evangelhos e Atos aprendeu como essa literatura veio a fazer parte do cânone do NT, porque tal tema é tratado na introdução dos Evangelhos e Atos por este mesmo professor.

Alguns comentaristas dividem as cartas (epístolas) do NT em quatro blocos distintos:

1. Epístolas Escatológicas, que tratam das últimas coisas, que são as cartas de 1 e 2 Tessalonicenses.
2. Epístolas Soteriológicas, ou que dizem respeito a salvação, que são Romanos, Gálatas, 1 e 2 Coríntios.
3. Epístolas Eclesiológicas, que tratam da igreja: Efésios, Colossenses, Filemom e Filipenses.
4. Epístolas Pastorais (1 e 2 Timóteo e Tito).

Apesar de esta catalogação parecer mais didática e interessante, este autor decidiu apresentar as epístolas pela ordem em que aparecem no Novo Testamento. Não se pode esquecer que existem ensinamentos escatológicos em outras cartas que não a dos tessalonicenses; ensino sobre salvação fora das cartas acima propostas; ensino sobre a igreja também em outras cartas e até mesmo considerações pastorais fora das cartas a Timóteo e Tito.

Portanto, o estudante acompanhará as epístolas pela ordem em que aparecem no NT iniciando por Romanos e terminando com a epístola de Judas.

ROMANOS, O EVANGELHO DA SALVAÇÃO

INTRODUÇÃO À EPÍSTOLA AOS ROMANOS:



carta aos Romanos ficou conhecida como “O evangelho da salvação”. Devido a riqueza da epístola aos Romanos este autor decidiu apresentar aos alunos uma síntese do livro com seu conteúdo de estudo.

Diferentemente de outras epístolas em que o aluno consegue visualizar os temas de cada capítulo, estudando-os minuciosamente, aqui o aluno terá uma visão panorâmica do livro de Romanos.

AUTOR: PAULO (Rm 1.1).

A evidência é tamanha que nunca se levantou voz alguma na história contestando a autoria desta carta, já que ela contém muitas referências históricas que concordam com fatos conhecidos da vida de Paulo. Além de que, o conteúdo, para os especialistas é típico dos escritos de Paulo.

DATAÇÃO:

Acredita-se que a carta tenha sido escrita na primavera do ano 57 d.C. Provavelmente durante a terceira viagem missionária, quando Paulo deveria retornar a Jerusalém levando consigo recursos para a empobrecida igreja de Jerusalém (Rm 15.25-27). Possivelmente a carta tenha sido escrita em Corinto ou Cencréia que ficava a 9 km dali pela referência que faz a Febe, de Cencréia (Rm 16.1) e a Gaio, seu anfitrião (Rm 16.23).

DESTINATÁRIOS

Os destinatários da carta eram os irmãos da igreja de Roma (1.7), predominantemente gentios; possivelmente Paulo ainda não

os conhecia e nunca lá estivera (1.8-11). E uma das razões para se acreditar que nunca estivera lá é que Paulo não trata nenhum assunto de âmbito da igreja; apenas apresenta o propósito da salvação revelado em Cristo Jesus.

CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

1. É a carta mais sistemática de Paulo, pelo esmerado estilo que a torna mais que uma carta: Um tratado teológico.
2. O estudante consegue entender a essência da doutrina cristã, pois a carta trata de temas como o pecado, a salvação, a graça, a fé, a retidão, a justificação, a santificação, a redenção, a morte e a ressurreição.
3. A carta contém muitas citações do AT que servem de embasamento à doutrina, especialmente quando Paulo trata de Israel nos capítulos 9 a 11.
4. O profundo amor de Paulo pela nação de Israel. Paulo descreve com pesar a triste situação do povo e o seu relacionamento com os gentios. Também trata da salvação final dos judeus.

ESQUEMA PARA O ESTUDO DE ROMANOS

O esquema do livro de Romanos ajudará o estudante a seguir passo a passo a epístola. Um esboço resumido da epístola foi compilado da obra de Albert Barne, em Barne's Notes, comentário de Atos e Romanos, editado em 1884-85 pela Baker Book House Company, USA e da Bíblia de Estudo Vida.

I. INTRODUÇÃO (1.1-15).

A) Saudações aos irmãos de Roma (1.1-7).

Paulo se apresenta aqui como “servo de Jesus Cristo” ou escravo, no grego “doulos”, “chamado para ser apóstolo”. No v 5 Paulo fala que através de Cristo recebeu graça e apostolado.

B) Paulo elogia e recomenda a fé dos irmãos de Roma e deseja muito vê-los, querendo compartilhar algum dom e ser também por eles abençoado (1.8-15).

1. A igreja da capital do império ganhou notoriedade pela convicção e fé (1.8). E Paulo fazia questão de mencionar cada irmão

de Roma em oração. Por fim, conheceu aqueles irmãos ao ser levado para lá como prisioneiro (1.9-12).

II. O TEMA DA CARTA É EXPOSTO NO CAPÍTULO 1.16-17: A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ.

O estudante deve notar ao longo da carta o contraste entre as obras da lei e a salvação pela fé.

III. O ARGUMENTO PARA A DOCTRINA DA JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ DERIVA DO FATO DE QUE TODOS OS OUTROS MEIOS NÃO DERM CERTO, E DE QUE TODOS SÃO CULPADOS (1.18-32 E CAPS. 2, 3 E 4).

A) O evangelho em relação aos gentios (1.18-32).

1. A ira de Deus é demonstrada nos vv. 18-32. O argumento é que os gentios, apesar de não terem conhecimento da lei, tinham suas próprias leis para condená-los ou justificá-los: As obras de Deus (1.19-21) e a própria consciência (2.12-16). Ainda que nunca ouvissem o evangelho, serão julgados por essas duas coisas: Pela consciência e pelo testemunho da Criação.

Note a expressão “Deus os entregou” citada três vezes nos vv. 24, 26 e 28.

B) O evangelho em relação aos judeus. Paulo afirma que os judeus são tão culpados quanto os gentios (Caps. 2 e 3.1-19).

1. No capítulo dois e nos primeiros 21 vv. do capítulo três Paulo prova que tanto judeus quanto os gentios são culpados diante de Deus. O judeu costumava julgar e criticar os gentios, porque se achava mais justo e correto que eles. Mas, são tão pecadores quanto os gentios. O fato de serem privilegiados por Deus não os isenta da culpa e do juízo (2.1-4).
2. Por conhecerem a vontade de Deus bem antes dos gentios, os judeus tinham a obrigação de praticar a justiça (2.17-20), por isso são indesculpáveis, e por fracassar em obedecer, a culpa dos judeus aumenta (2.20-23).
3. O judeu confiava na lei, na circuncisão da carne, isto é, em coisas exteriores (2.25-29).
4. Paulo usa o método do discurso de perguntas e respostas, e escreve como se os próprios judeus estivessem respondendo às suas colocações (3.1-9).

5. Os judeus não têm pré-eminência alguma, apesar de seu caráter moral. Com isto provam, a partir da Escritura que são depravados (3.9-19).

C) A conclusão a respeito dos gentios e judeus é que ambos são grandes pecadores, e que o plano da justificação pela lei fracassou (3.20-23).

D) Um novo plano de justificação é apresentado: A justificação unicamente pela graça de Cristo aos que creem (3.24-31).

1. O que significa que a justificação é pela fé, independente das obras da lei; confirmado pela lei e os profetas. A justificação é obra da graça, gratuita para todos os que creem; sem aceção de pessoas (3.23-24).
2. A salvação é de graça pela expiação de Jesus Cristo. O propósito da expiação vem revelado a seguir (3.25-26).
3. O homem é humilhado e seu orgulho cai por terra (3.27-28).
4. Os gentios e judeus podem ser justificados pela expiação de Cristo. Todos são postos no mesmo nível, tanto o incircunciso quanto o circunciso (3.29-30). E, tal fato estabelece e confirma a lei (3.31).

E) A mesma doutrina da justificação pela fé é ensinada e baseada na experiência de Abraão no Antigo Testamento (Cap. 4).

1. A justificação pela fé é comprovada pela história de Abraão que foi justificado pela fé antes de ser circuncidado (4.1-5; 9-22). E, não somente isto: Abraão foi aceito diante de Deus 450 anos antes de a lei ser promulgada.
2. É comprovada pelos ensinamentos de Davi (4.6-8). Infere-se daí que, se Abraão foi justificado pela fé, outros poderão ser justificados da mesma maneira (4.23-25). Esta foi a defesa de Paulo.

IV. OS BENEFÍCIOS DA DOUTRINA DA JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ (CAP. 5).

O capítulo cinco trata da justificação pela fé. Ser justificado significa tornar-se justo. O artigo abaixo transcrito da obra de Huberto Rohden, *Paulo de Tarso* (Editora Martin-Claret, página 262) jorra muita luz sobre a palavra fé e justificação:

Sendo que as epístolas de Paulo de Tarso foram escritas em língua grega, a palavra fé (fides em latim) aparece como pistis, cujo verbo é pisteuein. Infelizmente, não existe em latim um verbo derivado do substantivo fides, e assim, os tradutores latinos se viram obrigados a recorrer a um verbo de outro radical para designar o ato de “ter fé”. Este verbo latino é credere, que em português deu “crer”.

Mas o sentido de “crer” não coincide com o de “ter fé”. “Crer” designa algo vago, incerto, nebuloso, ao passo que ter fé, fides, é ter fidelidade, estar harmonizado, sintonizado. Pisteuein, ter fé, designa um estado de alta fidelidade ou harmonização entre a alma humana e o espírito de Deus – que é a ideia do ajustamento. Neste sentido, é exata a expressão “o justo vive de fé”, mas não no sentido de “crer”. “Quem crer será salvo, quem não crer será condenado”, isto é absurdo e blasmo, se traduzirmos pisteuein por “crer”, como é de praxe. Mas é razoável se dissermos “quem tem fé”, ou fidelidade, porque o ajustamento é a salvação.

Além disto, a palavra grega dikaiosyne, em latim, justitia não coincide com a nossa palavra justiça, nem a palavra justificatio equivale a “justificação”, que, em nossa língua, representam um processo meramente legal ou social. Justificatio é o ato de estabelecer uma atitude de justeza ou correto ajustamento entre o homem e Deus.

O equívoco sobre “ter fé”, e “crer”, a confusão entre “justificação” e “ajustamento” originaram uma verdadeira tragédia espiritual através dos séculos. Aqui se verificou mais uma vez que “a letra mata, mas o espírito dá vida”; a tradução literal matou o sentido espiritual.

Ainda sobre a justificação em Romanos 5, Martin Loyd-Jones escreve:

“A ‘justificação pela fé’ diz-nos ele [Paulo] nos versos 1 e 2, faz logo três coisas por nós. Dá-nos paz com Deus; coloca-nos firmemente no lugar em que se acham todas as bênçãos; e nos habilita a exultar na perspectiva da nossa

glorificação futura e definitiva. Essa é a declaração que ele, então, passa a expor. Como ele o faz? No versículo primeiro ele trata do primeiro resultado da justificação. 'Sendo, pois justificados pela fé', ou 'Tendo sido justificados pela fé' – uma melhor tradução – 'temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo'. Devemos fazer uma breve pausa. Notem que ele torna a mencionar, 'por nosso Senhor Jesus Cristo'. Quantas vezes ele disse isso nos quatro primeiros capítulos! Ele introduz constantemente o nome do nosso Senhor, e nos faz lembrar de sua morte e ressurreição. Ele tinha acabado de fazê-lo no fim do capítulo 4, e se poderia pensar que tinha feito muito esforço para não o dizer de novo. Mas ele torna a dizê-lo. 'Sendo, pois justificados pela fé temos paz com Deus'. Provavelmente nós teríamos parado ali; não é assim, porém, com o Apóstolo Paulo. [...] O que é então que obtemos por meio [de Jesus]? A primeira coisa é a paz com Deus. 'Sendo, pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo'. A partir daqui podemos compreender que a verdadeira justificação não está preocupada com as bênçãos que podemos obter, pois isso é secundário, mas a palavra justificação na boca de Paulo tem o intuito de nos mostrar que esta justiça nos garante PAZ com alguém que nós não deveríamos nunca estar sem paz, nos garante amizade com alguém que nunca poderíamos ser inimigos, ou seja, nos garante 'paz com Deus.' (Dr. Martyn Lloyd-Jones, comentário a Romanos, pág. 20 e 21).

V) A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ NÃO ENCORAJA O HOMEM A PECAR, MAS O LIBERTA DO PECADO (6.1-7 E 7.1-6).

Os capítulos 6 e 7 de Romanos contêm uma profunda análise da lei e da graça; das obras do homem e dos feitos de Deus. Esses dois capítulos devem ser estudados juntos, pois tratam do mesmo assunto. Paulo trata do batismo como uma inserção do crente no corpo de Cristo, tornando-o participante da salvação e da morte do "eu", tema que é tratado no capítulo 7. É uma identificação dupla: na morte e na ressurreição de Jesus Cristo.

A) Resumo do capítulo 6.

1. O que há de errado em pecar e esperar que Deus perdoe? (6.1). Se o pecado abundante significa bastante graça (5.20), por que preocupar-se com o pecado? Por três razões: (a) O pecado destrói a estrutura moral da vida do crente; (b) O pecado viola o propósito de Deus para o cristão, porque o que Deus tem para o crente é algo superior; (c) Pecar, com a intenção de pedir perdão vai contra a sinceridade do arrependimento.
2. Em que sentido morre-se para o pecado? (6.6-12). O pecado está ao nosso redor e até mesmo os mais santos estão propensos ao pecado. No relacionamento com Jesus Cristo o pecado perde seu domínio sobre o homem (6.6.).
3. A relação entre o batismo e a morte (6.3-5). Quando Cristo foi crucificado levou o homem consigo para a morte (Gl 2.20). Em sua ressurreição, ressuscitou o crente para uma nova vida. O batismo é como um enxerto: O crente é enxertado em Cristo, e passa a correr em seu corpo as virtudes de Cristo.
4. A lei revela o padrão de Deus, mas não fornece o poder espiritual para viver. A graça, contudo, cancela o pecado e permite ao homem começar tudo de novo.
5. Todo homem é escravo de alguma coisa. O dono do escravo determinará se este viverá ou morrerá. Quando o senhor é o pecado, o homem morre. Quando Deus é o Senhor, o homem vive!
6. Os crentes definitivamente morreram para a lei e foram unidos a Cristo (7.1-4). O capítulo seis entra no capítulo sete, porque tratam do mesmo tema e não são estanques.

VI. OBJEÇÕES AO FATO DE QUE, CONFORME O PONTO DE VISTA ANTERIOR A LEI É MÁ. RESPOSTA: A LEI EM SI MESMA É BOA; MAS A OBEDIÊNCIA À LEI NÃO JUSTIFICA O HOMEM DE SEU PECADO NEM LHE TRAZ PAZ, AO CONTRÁRIO, O ENCHE DE CONFLITO (7. 7-25).

A) A lei realça as paixões pecaminosas (7.5-8).

Diante de um “não” a natureza humana reage: “É mesmo? Quem disse isso?”. Embora destinada a dar ao homem um relacionamento com Deus (Gl 3.24), a lei toca no orgulho do homem.

B) As intenções de Deus quanto a lei não se frustraram (7.10) por duas razões:

1. Deus pretendia fazer que a lei fizesse o homem ver como o ser humano é mau.
2. A intenção de Deus era de que a lei conduzisse o homem à vida, isto é, a Cristo, porque, em última análise a finalidade da lei é conduzir a Cristo (10.4; Gl 3.24).

C) Seria este argumento uma desculpa humana? (7.17,20).

1. Paulo não estava fugindo de sua responsabilidade, e sim argumentando que o crente deve levar mais a sério o poder do pecado. Os termos que usa, escravidão do pecado (v 14) e guerreando (v 23) mostram o respeito que ele tinha pela força do pecado.
2. Paulo mostra a tensão que o cristão enfrenta diariamente: Está livre do pecado, mas não totalmente! Assim como o reino de Deus já veio, e está vindo de maneira mais plena, da mesma forma o homem foi liberto do pecado, mas este não foi totalmente destruído.

Enquanto o mundo caído existir o pecado permanecerá no corpo físico do crente. Num mundo imperfeito e distorcido o pecado leva o crente a viver de maneira imperfeita.

VII. A DOUTRINA DA JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ LIBERTA O HOMEM DA PENA E DA ESCRAVIDÃO DO PECADO (8.1-17).**A) O crente que está em Cristo Jesus, está livre da condenação (8.1).**

Os cristãos controlados pelo Espírito Santo ainda pecam? Sim, mas somente quando não são controlados pelo Espírito. Ter o Espírito de Deus no íntimo nem sempre significa submeter-se ao seu controle. Uma pessoa pode estar no Espírito, mas não viver segundo o Espírito.

B) Outra questão que precisa ser resolvida: é necessário sofrer para poder ser herdeiro de Cristo? (8.17).

Não. Isso implicaria afirmar que o sofrimento de Cristo na cruz não foi suficiente para a nossa salvação. Pode-se esperar sofrimentos de duas maneiras: **(a)** Na identificação com os

sofrimentos de Cristo (Fp 3.10; 2 Co 1.5). Assim como Cristo agonizou para conquistar o mundo, assim também o cristão sofrerá pelos pecados da humanidade. **(b)** Enfrentando perseguições por causa da fé (Mt 5.10-12; 2 Tm 3.12). Se o mundo é hostil ao Senhor também o será para seus seguidores.

C) A criação está sujeita à vaidade (8.20-21). Vaidade aqui não deve ser entendida como vaidade física ou orgulho, mas como vida passageira.

1. A ordem de Deus para a criação foi subvertida, deixando a terra sujeita a infortúnios, enfermidades e morte. Paulo usa a figura de uma mulher em trabalho de parto, gemendo para ser libertada da condição em que se encontra.
2. Em Cristo Jesus o crente é um filho de Deus, mas precisa esperar o dia em que sua adoção será completada. Por isso, o Espírito Santo clama no íntimo do crente, “Aba, Pai” (vv. 14-16). O corpo ainda não foi totalmente liberto do pecado, da enfermidade e da morte (Fp 3.20-21).

D) Nas demais partes do capítulo 8 Paulo trata dos seguintes temas:

1. Sobre a intercessão do Espírito no coração do crente (8.27).
2. Os acontecimentos que Deus usa e os reverte para o bem do cristão (v 28). (a) Deus pode utilizar todas as coisas, algumas boas outras más. (b) Esta promessa é apenas para aqueles que amam a Deus. Os que estão em rebeldia não devem esperar que todas as coisas aconteçam para o seu bem; porque para o rebelde acontece para o mal! (c) O bem que Deus deseja efetuar é uma obra espiritual e eterna – preparando o crente para a glória futura.
3. Paulo trata também da predestinação (8.29-30). Deus cumprirá o seu propósito. Embora permita que os seres humanos façam suas escolhas, ele quer conduzir toda a humanidade e a criação até o alvo que ele propôs. E este alvo é que o homem se torne semelhante a Jesus Cristo.
4. Jesus era o unigênito Filho de Deus (Jo 3.16), mas, agora que os remidos também são filhos de Deus ele se tornou o

primogênito “entre muitos irmãos” (Rm 8.29). Veja ainda 1 Co 15.20; Cl 1.15,18.

5. Os cristãos serão sempre vencedores? (8.37). Não se pode comparar a realidade física com a espiritual. Na cruz, parecia que Cristo havia sido derrotado, na realidade ali ele foi o vencedor. No momento em que morreu tirou o poder daquele que detinha o poder da morte (Hb 2.14). Ele ensinou aos discípulos que teriam de perder a vida para realmente viverem (Lc 9.24). Que somente seriam grandes ao se tornarem servos (Mc 10.43-44). O caminho para a exaltação é a humilhação (Mt 23.12). Tais ideias parecem contraditórias porque as pessoas veem as coisas pela perspectiva do mundo físico.

VIII. DEUS TEM O DIREITO DE FAZER COM OS ESCOLHIDOS O QUE BEM QUISER E EXERCE ESTE DIREITO DESDE TEMPOS REMOTOS (CAP. 9).

O capítulo 9 trata, maiormente, da nação de Israel e de seu passado glorioso. O capítulo 10 trata do presente de Israel e o cap. 11 do futuro majestoso do povo de Deus. Veja o esquema de estudo do capítulo 9:

A) Seria Paulo mentiroso? (9.1).

1. Não. Mas, algumas pessoas o haviam acusado de voltar as costas para Israel.
2. Paulo estava disposto a ficar separado de Cristo? (9.3). Esta foi a maneira dramática que Paulo encontrou para manifestar o seu intenso amor pelos judeus. Estava se oferecendo para tomar o lugar deles, para receber a punição – mais ou menos como Cristo fez pelo mundo.

B) O Israel que não é Israel (9.6).

1. Paulo afirma que nem todos os que se dizem judeus serão salvos.

Este princípio da eleição mostrado pela seleção de Isaque fica demonstrado neste caso (Rm 9.6-8). Deus mostra seu favor a quem ele quiser porque é soberano (Rm 9.9-13). Os judeus discutiam muito essa questão da soberania de Deus especulando até que ponto Deus devia interferir no destino de uma pessoa. Paulo usa o exemplo de Esaú e de Jacó que antes de nascerem, o futuro de cada um fora decidido por Deus.

2. E usa também o caso de Faraó, mostrando que Deus endureceu o coração do rei, porque é soberano e quis mostrar seu poder em Faraó. Isto não quer dizer que Deus seja injusto (Rm 9.14-18).
3. Paulo responde à objeção dos judeus quanto a soberania de Deus. Soberano, Deus não pode ser acusado de nada (Rm 9.19-24). Resposta à objeção: (a) Deus é soberano e tem o direito de fazer conforme a sua vontade, da mesma maneira que o oleiro tem o direito de fazer com o barro o que quiser (Rm 9.20-21). (b) Deus age seguindo o princípio da justiça e da misericórdia. A doutrina da soberania é de grande necessidade manifestada no fato de Deus usar de misericórdia (Rm 9.22-24).
4. Esta tese é provada por Oséias (Os 2.23; Os 1.10; Is 45.9; Rm 9.25-26).
5. Provada também por Isaías (Is 10.22-23; 1.9; 28.16, cf. Rm 9.27-29). A doutrina da eleição, mesmo entre os gentios é provada pelos seus próprios registros de nação.
6. Já que o princípio da eleição é estabelecido em relação aos próprios judeus, pode ser também estendido aos gentios (Rm 9.30-31).
7. A razão por que os judeus são rejeitados é que desprezaram o plano de salvação (Rm 9.32-33). Exceção se faz àqueles judeus que creram e creem na obra redentora na cruz do calvário.

IX. A DOCTRINA DE QUE OS HOMENS SÃO TODOS IGUAIS DIANTE DE DEUS NO QUE DIZ RESPEITO A JUSTIFICAÇÃO É CONSISTENTE COM AS DECLARAÇÕES FEITAS AOS JUDEUS (CAP. 10).

A) Crer em Deus e não crer em Cristo (10.3-4).

1. Quem se recusa a aceitar a Cristo não conhece a Deus de fato, mesmo que professe crer em Deus.
2. Os dez mandamentos atualmente (10.4). Os dez mandamentos expressam os padrões da justiça de Deus, que se mantém pertinente e atual. Certos elementos da lei que eram figuras de Cristo (ex. morte de animais) não são mais necessários porque Cristo cumpriu a lei.

B) Outros temas do capítulo 10.

1. No restante do capítulo Paulo aborda o entendimento que os judeus tinham dos vv. 6-7. Paulo usa o testemunho de Moisés de que não era difícil seguir a Deus – não teriam de subir ao céu ou atravessar o mar para observar o mandamento de Deus.
2. Para que uma pessoa seja salva é necessário um relacionamento com Deus (10.9-10).
3. Os que nunca ouviram o evangelho precisam ser evangelizados (10.14-15).

X. RESPOSTA À OBJEÇÃO DE QUE, CONFORME A DOUTRINA ACIMA DECLARADA, OS JUDEUS SERIAM REJEITADOS. DEUS TERIA VIOLADO SUAS PROMESSAS, E DESPREZADO SEU PRÓPRIO POVO. A VERDADEIRA DOUTRINA A RESPEITO DOS JUDEUS É AQUI DECLARADA (CAP. 11).**A) O argumento de Paulo.**

1. Paulo apresenta, ele mesmo, um caso que prova que Deus não violou suas promessas nem abandonou seu povo (11.1).
2. O fato é provado no caso de Elias. Numa época de corrupção geral, quando o povo havia rejeitado a Deus, alguns dos judeus se mantiveram fieis e foram salvos (11.2-7).
3. A doutrina de que a maioria do povo foi rejeitada é provada por Isaías (Is 29.10) e Davi (Sl 69.22-23). Romanos 11.7-10 fala de um “espírito de entorpecimento” que veio sobre o povo de Israel, o que é citado por Isaías e é coerente com o que Jesus falou aos discípulos na parábola do semeador (Mt 13.13-14, cf. Is 6.9,10 e At 28.26-28).
4. Os judeus, por certo, serão novamente agrupados, conforme prova o Antigo Testamento (11.23-32).
5. A perfeição divina se evidencia neste fato. A sabedoria de Deus é aqui demonstrada, o que deveria ser motivo de louvor e admiração (11.33-36). Para alguns comentaristas o v 33 era a letra de um dos cânticos entoados pelos irmãos naquela época.

XI. EXORTAÇÕES PRÁTICAS E CONCLUSÃO DA EPÍSTOLA (CAPS. 11 A 16).**A) Exortações quanto aos deveres dos crentes (Cap. 12).**

1. Consagração total a Deus (12.1).

2. Recomendações a que não se conformem com o mundo (12.2).
3. Exortações à humildade (12.3-5).
4. Exortações à fidelidade em cumprir os compromissos cristãos (12.5-8). Os dons devem ser praticados com fidelidade e humildade por cada pessoa.
5. Exortações em serem fieis aos compromissos cristãos, ao amor fraternal; respeito mútuo; à diligência; hospitalidade; empatia etc. (12.10-16).
6. Exortações a que se perdoem os inimigos e de como se deve tratar os que injuriam os crentes (12.17-21).

B) Obediência às autoridades civis e aos magistrados. A conduta cristã, e a preparação para a morte (Cap. 13).

1. O dever de se submeter aos que estão em autoridade, por ser esta a vontade de Deus (13.1-5).
2. Da mesma forma deve-se pagar tributos (13.6-7).
3. Deve-se cuidar para não se tornar devedor aos outros e cumprir a lei do amor (13.8-10).
4. Tais deveres se devem ao fato de que a vida é curta; os crentes estão próximos do céu; e deveriam viver como se próximos de lá estivessem (13.11-14).

C) Os crentes devem cuidar para não externar opiniões provocando lutas e divisões na igreja (Caps. 14 e 15.1-13).

1. Os deveres de receber e reconhecer os que são irmãos (14.1-2).
2. Cada pessoa responderá por si mesma diante de Deus (14.3-4).
3. Cada homem deve estar persuadido em sua mente, e, mesmo que haja diferentes opiniões, todos devem honrar a Deus (14.5-9).
4. Ninguém tem o direito de julgar ou desprezar os outros. Cada pessoa deve responder por si mesma (14.10-12).
5. Não se deve servir de pedra de tropeço aos irmãos (14.13-17).
6. A pessoa que realmente serve a Cristo desta maneira torna-se aceita e deve-se viver com ela em paz (14.18-23).
7. Deve-se sofrer as debilidades dos irmãos fracos e assim imitar a Cristo (15.1-7).

8. O desejo de Deus era o de levar os gentios a usufruir das promessas antigas, e por isso todos os cristãos deveriam viver em paz (15.8-13).

D) Paulo expressa seus sentimentos aos irmãos Romanos (15.14-33).

1. A alegria de Paulo pela benevolência dos irmãos de Roma (15.14).
2. As razões por que escreveu a epístola, como ministro aos gentios. Sumário de sua obra e sucesso (15.15-21).
3. O desejo de Paulo em ver os irmãos de Roma e o propósito em visitá-los (15.22-29).
4. Paulo pede orações a seu favor para que seja guardado do mal e que as portas lhe sejam abertas para ir a Roma (15.30-33).

E) Conclusão da epístola (Cap. 16).

1. Saudações várias (16.1-16).
2. Recomendações a respeito das divisões (16.17-20).
3. Outras saudações (16.21-24).
4. Glorificação e exaltação a Deus (16.25-27).

Anotações:

[illegible]

PRIMEIRA E SEGUNDA EPÍSTOLA DE PAULO AOS CORÍNTIOS

I. AUTORIA E DATAÇÃO:

Não existem dúvidas de que Paulo é autor de ambas as epístolas. Quanto a 1ª Coríntios, Clemente de Roma, no ano 96 d.C. fez menção dela em seus escritos. A epístola teria sido escrita por volta do ano 55. Conforme autores antigos era também conhecida de Inácio e Policarpo, cf. W.R. Inge em *The NT in the Apostolic Fathers*, 1905 p 67 que diz: “Inácio conhecia esta epístola na ponta da língua. Ainda que não cite diretamente textos dela em seus escritos, ecos da linguagem paulina são vistos em seus escritos, de tal maneira que não há dúvidas de que Inácio conhecia bem a epístola de Paulo”. O autor acima fala também que Policarpo, discípulo de João, utilizava o texto de Paulo aos Coríntios em seus escritos e pregações.

Quanto a segunda epístola aos Coríntios, esta é mencionada distintivamente no cânone de Marcião. Provavelmente as cartas só foram valorizadas anos depois da morte de Paulo quando as igrejas começaram a buscar suas cartas, com o objetivo de confrontar o ensinamento dos falsos mestres. Não há dúvidas de que Paulo é o autor das duas cartas, mas existiram e existem críticos que colocam em dúvida seus escritos.

II. O COMEÇO DA IGREJA EM CORINTO

Em Atos 18.1-18 lê-se o relato da primeira visita de Paulo a Corinto quando começou a igreja naquela cidade.

A) A CIDADE. Corinto localizava-se num istmo (porção de terra que entra mar adentro) e se abria na forma de uma mão com acesso ao mar por dois lados da cidade. Era uma encruzilhada

comercial ligando vários pontos da Grécia. A cidade tinha dois portos, o de Cencréia 9 km a leste do golfo Sarônico e o porto de Lecaião cerca de 2 km a oeste no golfo de Corinto. As mercadorias chegavam à cidade pelo istmo onde navios pequenos eram rebocados e as cargas dos navios maiores levadas em vagões de um lado para outro. Os portos da cidade recebiam mercadorias da Itália e da Espanha pelo lado oeste e da Ásia Menor, da Fenícia e do Egito pelo lado leste. (Veja o Apêndice - Mapa 2)

B) POPULAÇÃO. Acredita-se que a cidade tinha uma população de 250 mil cidadãos livres e uns 400 mil escravos. No império romano os escravos eram a maioria da população.

C) CULTURA E RELIGIÃO. Os habitantes de Corinto se interessavam pela cultura grega e tinham muito interesse em adquirir sabedoria. Era um povo religioso que adorava seus deuses em 12 templos espalhados pela cidade. Um desses templos era dedicado a Afrodite, a deusa do amor e fazia parte do culto à prática da prostituição. Havia também o templo dedicado a Asclépio, o deus da cura e no meio da cidade ficava o templo de Apolo, o principal deus dos gregos.

Como acontece com cidades portuárias Corinto era o centro de imoralidade pública, porque uma das deusas, Afrodite requeria relações sexuais e prostituição entre pessoas do mesmo sexo. Na cidade criou-se o verbo 'corintianizar' como sinônimo de imoralidade sexual. Talvez por esse cenário de imoralidade a igreja enfrentou tantos problemas, como os que foram tratados por Paulo em sua primeira carta.

III. O OBJETIVO DA PRIMEIRA CARTA

1. Parece que Paulo havia escrito uma carta anterior a esta primeira epístola, porque ele a menciona em 1 Co 5.9. Possivelmente uma parte dessa carta ficou preservada em 2 Co 6.14-7.1.

2. Os coríntios escreveram uma carta a Paulo fazendo uma série de perguntas e pedindo a opinião de Paulo sobre certas questões (1 Co 7.1-25; 8.1; 11.2; 12.1). Perguntaram sobre o

casamento – se o casamento é correto para o cristão; queriam saber sobre o relacionamento conjugal entre marido não crente e mulher crente e vice-versa. Perguntaram pra Paulo sobre a questão de manter a moça virgem em casa ou deixá-la se casar; e provavelmente perguntaram a respeito da idolatria e todos os problemas sociais que isso envolveria.

As questões envolvendo a ceia (11.17 e ss.); a respeito dos dons espirituais e a desordem nos cultos e possivelmente a questão da ressurreição dos mortos.

3. Paulo tinha informações de outras fontes. Ficou sabendo da divisão entre eles por gente da família de Cloé (1 Co 1.11), ouviu – quem sabe desta mesma fonte – o caso de incesto (cp. 5), e o costume de processar os coiguais da igreja em tribunais da cidade (6.1-8). Apolo havia visitado Corinto (3.6), e estava agora com Paulo em Éfeso (16.12). Estéfanos, Fortunato e Acaico eram de Corinto e foram visitar a Paulo (16.17).

IV. Esboço

Um esboço sobre a primeira carta poderá ser resumido da seguinte maneira:

I. Introdução (1.1-9).

II. Divisões na igreja (1.10 a 4.21).

A. O fato das divisões (1.10-17).

B. As causas das divisões (1.18-4.13).

1. Um conceito errôneo da mensagem cristã (1.18 a 3.4).

2. Conceito errôneo do ministério cristão e dos seus ministros (3.5 a 4.5).

3. Um conceito errôneo do cristão (4.6-13).

C. Exortação para terminar as divisões (4.14-21).

III. Desordem moral e ética na vida da igreja (cp. 5-6).

A. A frouxidão na disciplina eclesiástica (5).

B. Causas jurídicas diante de juízes não cristãos (6.1-11).

C. A licenciosidade ou imoralidade sexual (6.12-20).

IV. Instrução sobre o casamento (7).

A. Prólogo: Princípios gerais (7.1-7).

B. Os problemas dos casados (7.8-24).

C. Os problemas dos solteiros (7.25-40).

V. Instrução sobre práticas questionáveis (8.1-11.1).

- A. Os princípios envolvidos (8).
B. Os princípios ilustrados (Cap. 9).
C. Advertência da história de Israel (10.1-22).
D. Os princípios aplicados (10.23-11.1).

VI. Instrução sobre a adoração pública (11.2 a 14.40).

No capítulo 11 trata de duas questões: O comportamento de homem e mulher no culto a Deus e a ceia do Senhor.

- A. O decoro na adoração (11.2-16).
- B. A ceia do Senhor (11.17-34).
- C. Os dons espirituais (caps. 12-14).
 - 1. O teste dos dons (12.1-3).
 - 2. A unidade dos dons (12.4-11).
 - 3. A diversidade dos dons (12.12-31).
 - 4. A necessidade de exercer os dons com amor (12.31 – 13.13).
 - 5. A superioridade da profecia sobre as línguas (14.1-25).
 - 6. Regras que governam o culto público (14.26-40).

VII. Instrução sobre a ressurreição (15).

- A) A certeza da ressurreição (15.1-34).
B) Exame de certas objeções (15.35-37).
C) Apelo Final (15.58).

VIII. Conclusão: Questões práticas e pessoais (16).

Anotações:

[illegible]

SEGUNDA EPÍSTOLA DE PAULO AOS CORÍNTIOS

Esta epístola, conforme o registro no final da carta, deve ter sido escrita em Filipos, cidade da Macedônia – para onde Paulo havia sido enviado pelo Espírito Santo (At 16.6 e ss.). Pelo fato de Paulo não se encontrar com Tito em

Trôade, como planejava, decidiu voltar à Macedônia onde Tito lhe deu um relato da repercussão que a primeira epístola tivera sobre os crentes de Corinto. O estudante terá uma ideia da segunda carta aos coríntios acompanhando o seguinte esboço:

I. PAULO APRESENTA UMA DEFESA, UMA APOLOGIA DOS CAPÍTULOS 1 AO 7.

A. Saudação (1.1,2).

Como costuma fazer em suas epístolas, Paulo sempre acena com a graça e a misericórdia de Deus. Paulo tinha uma dimensão da graça de Deus que o salvara e o resgatara do pecado (Ef 1.7-8; 1 Tm 1.12-16).

B. Ação de graças pelo conforto divino na aflição (1.3-11).

Ao começar sua carta Paulo fala da importância da tribulação na vida do crente; porque, segundo ele, as consolações são maiores que as tribulações, aliás, assunto que tratou também em Romanos 5.3-5. Paulo ficou um ano e seis meses em Corinto e ali enfrentou muita oposição (cf. At 18.1-17).

C. A integridade das intenções e do procedimento de Paulo (1.12 a 2.4).

A partir do versículo 12 Paulo explica a razão de haver enviado a primeira carta, e, dá a entender aos irmãos de Corinto que estes não haviam entendido o teor do que ele escrevera. Estava disposto a pedir perdão e a perdoar o ofensor – aquele que ele entregara a Satanás (1 Co 5.1-6). É até possível que tivesse sido duro demais ao tratar do caso – e não queria regressar a Corinto movido pela tristeza (2.1-4).

D. Perdão aos culpados de Corinto (2.5-11).

Paulo era exigente e rígido em seus pontos de vista, mas também suficientemente humilde para pedir perdão, caso alguém se ofendesse com suas palavras. Pede também que o jovem a quem ele se referira na primeira carta seja alvo do amor dos irmãos e não do juízo deles (2 Co 2.8).

E. A orientação de Deus no ministério (2.12-17).

Nesta segunda parte do capítulo, Paulo informa que o fato de não visitar pessoalmente os irmãos de Corinto, não era ostentação e orgulho, e sim porque empreendera uma viagem a Trôade para se encontrar com Tito que lhe daria informações do estado da igreja de Corinto. Paulo esperava ouvir de Tito notícias animadoras, como não encontrou Tito, partiu para a Macedônia.

Em Trôade sentiu que Deus lhe abria uma porta para pregar o Evangelho (2.12). Trôade era cidade da Ásia Menor próxima de Heliópolis, antigamente chamada de Tróia. Atos registra que Paulo ali esteve mais de uma vez (2 Tm 4.13; At 16.7,8; 20.5-6).

F. Os crentes coríntios – uma carta de Cristo (3.1-11).

Neste capítulo Paulo se defende da acusação de ser arrogante e de que se auto recomendava ao ministério. E por que precisaria Paulo de cartas de recomendação para ser apresentado aos irmãos de Corinto, visto que aqueles irmãos eram fruto de seu ministério, sendo ele mesmo uma carta aberta que testificava do seu chamamento e ministério? Aqueles crentes eram a carta de Cristo “produzida pelo nosso ministério”, e escrita com a tinta do Espírito Santo de Deus (3.3).

G. Vendo a glória de Deus com rostos desvendados (3.12-4.6).**H. Tesouro em vasos de barro (4.7-16a).**

Paulo comparou a glória do Evangelho aos tesouros que eram guardados em vasos de barro. Por exemplo, os vasos de barro eram próprios para guardar por séculos e séculos os pergaminhos que não apodreciam. O homem é este vaso de barro a quem Deus confiou as glórias de seus mistérios.

I. A perspectiva da morte e o que ela significa para o cristão (4.16b - 5.10).

O corpo do cristão, como um vaso de barro, poderá se corromper, isto é, quebrar-se, mas o que está guardado dentro do vaso tem valor eterno. Por isso, não se deve atentar para o que perece, mas para o que é eterno! A seguir (5.1-10) Paulo fala deste vaso ou tabernáculo, o corpo humano do crente dentro no qual está guardada esta riqueza, o próprio Cristo.

J. O ministério da reconciliação (5.11- 6.10).

Os irmãos em Cristo já não são distinguidos por raça e cultura, mas conforme a Cristo (5.16-17). Quando uma igreja faz distinção entre pessoas, não está vivendo na revelação do evangelho de Cristo.

K. Apelo de um pai espiritual a seus filhos (6.11-7.4).

Paulo está afirmando que não tem o que esconder, ele é sincero e fala o que tem de falar. Ele é sempre sincero (Fp 4.15). Paulo abre seu coração, sem reservas (cap. 7.3). Aquele que não ama tem o coração estreito e fechado, mas Paulo tem o coração alargado (7.4).

L. O encontro com Tito (7.5-16).

Paulo enfrentou muitas lutas na Macedônia, e o que lhe trouxe alívio foi o encontro com Tito que trouxe boas notícias dos irmãos de Corinto. Mais satisfeito ficou ao saber que aquela primeira carta produziu arrependimento nos irmãos e que o pecador (aquele sujeito que se deitara com a mulher do pai) havia sido restaurado na igreja (vv. 9-11).

II. EXORTAÇÃO: COLETA PARA OS CRISTÃOS DE JERUSALÉM (8 E 9).

Nestes dois capítulos Paulo trata dos recursos financeiros para ajudar os irmãos que viviam em grande necessidade.

A. Estímulo à generosidade (8.1-15). Paulo trata das contribuições como uma graça de Deus concedida aos crentes.

1. Contribuir é uma graça (8.1,6).
2. Os pobres também podem contribuir (8.2).
3. Contribuir faz parte da comunhão dos crentes com Deus e com o próximo (8.4)
4. Quando o crente contribui, consagra-se a Deus (8.5).

B. Tito e seus companheiros enviados a Corinto (8.16-9.5).**C. Resultados da contribuição generosa (9.6-15).**

A seguir Paulo fala que o crente deve contribuir de coração e não forçosamente; compara a contribuição como uma sementeira. Colhe-se na proporção do que foi semeado. Quem contribui mais, colherá abundantemente; quem pouco ofertar, pouco colherá.

1. A contribuição deve ser voluntária (2 Co 9.7).
2. Contribuir é como semear (2 Co 9.6; Gl 6.7).
3. Deus é quem aumentará a sementeira do contribuidor. O homem do campo quando colhe reserva uma parte dos grãos para comer durante o ano; outra parte para o consumo dos animais e da casa; ainda outra para vender; e guarda uma parte dos grãos para semear na próxima safra. Deus o abençoará tanto que não precisará meter mão no que foi guardado para a sementeira da próxima safra! E isto, afirma Paulo acontece com o cristão quando contribui financeiramente.
4. Quando se contribui, aqueles irmãos que foram abençoados com as ofertas oram e intercedem pelos que contribuíram (9.12-14).

III. POLÊMICA: PAULO DEFENDE SUA AUTORIDADE APOSTÓLICA (CAPS. 10-13).

O mesmo tema que Paulo abordou no começo da epístola, volta a tratar agora nesses próximos três capítulos com maior ênfase e em minúcias.

A. Defesa da autoridade apostólica e a abrangência de sua missão (10).

No capítulo 10 Paulo defende novamente sua autoridade apostólica e fala de sua missão como apóstolo, tudo porque os falsos apóstolos diziam que Paulo não era um verdadeiro apóstolo.

B. Paulo é forçado a gloriar-se de modo insensato (11-12).

Paulo está afirmando que os falsos apóstolos querem apenas usufruir o bem material dos irmãos; ele, no entanto, nada recebia daquela igreja e precisava recolher ofertas de outras igrejas para não ser pesado aos coríntios. Daí sua defesa nos vv. 7-15.

Por fim, Paulo quase caiu numa cilada do inimigo. De tanto ser pressionado a se explicar, Paulo teve que falar da revelação que

tivera 14 anos atrás. O texto dá a entender que Paulo iria relatar as revelações para se defender, mas parou no meio do relato. Note o vazio do texto entre o versículo 6 e o v 7. Caso se gloriasse, o diabo o atacaria ainda mais.

O espinho na carne de Paulo tem sido objeto de muitos comentários:

1. Este espinho na carne seriam os judeus, seus patrícios que o perseguiam por todo o império romano tentando matá-lo. Talvez estivesse aí a razão de querer ir para a Ásia Menor (At 16.6), porque lá estaria seguro do ataque dos judeus. Nas grandes cidades gregas havia milhares de judeus que poderiam surpreendê-lo e matá-lo.
2. Que o espinho na carne poderia ser a fraqueza de estar quase cego, devido a experiência no caminho de Damasco. A cegueira fazia que Tércio escrevesse para ele (Rm 16.22) e teria sido o mal que o levou até aos gálatas (Gl 4.12-15). A falta de visão era um espinho terrível que o atormentava diariamente.
3. Que seria uma contra revelação. Sempre que Paulo queria se orgulhar das visões celestiais e queria relatar alguma coisa do que vira e da revelação que tivera, Satanás trazia à sua memória a perseguição que ele empreendia contra os crentes, como a cena em que ele estava em pé, cuidando das roupas dos que matavam a Estêvão. Aquele clamor de Estêvão ecoava pela mente de Paulo como um espinho que eliminava qualquer possibilidade de orgulho.

Assim, para Paulo só lhe restava uma coisa: Contar sobre suas fraquezas, lutas e fracassos. Hoje os apóstolos falsos só relatam grandes coisas!

C. Advertências finais (13.1-10).

Neste capítulo o apóstolo mostra sua disposição de retornar a Corinto para tratar com dureza os irmãos incorrigíveis que insistiam em ficar na igreja. Paulo ora a Deus para que consiga se comportar de tal maneira que não seja duro demais. Depois conclui a epístola com exortações práticas aos irmãos.

Paulo consigna aqueles irmãos a que se examinem à luz de Cristo (13.5), porque desta forma entenderiam o dilema do

apóstolo. O restante do capítulo gira em torno da defesa de sua autoridade apostólica sobre a qual tratou desde o início da epístola.

IV. CONCLUSÃO (13.11-14).

Nesses versículos finais Paulo saúda os santos com a bênção de Jesus Cristo, de Deus e do Espírito Santo, num versículo que se conveniu chamar no término dos cultos de bênção apostólica: “A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós”.

EPÍSTOLA DE PAULO, O APÓSTOLO, AOS GÁLATAS

I. INTRODUÇÃO:

1. Que Paulo é o autor é fato indiscutível, a começar pelo estilo claramente paulino. O conteúdo e a alusão na carta sobre o apóstolo aos gentios escritos na primeira pessoa estabelecem toda verdade.
2. A assinatura e as alusões feitas ao apóstolo dos gentios escritas na primeira pessoa comprovam toda a verdade (Gl 1.1, 13-24; 2.1-14). A autoria paulina recebeu o apoio dos pais da igreja, como Irineu, em sua obra “Contra as Heresias”; Policarpo, em sua epístola aos Filipenses, citando Gálatas 4.26 e 6.7 e Justino Mártir, que menciona o texto de Gálatas 4.12; 5.20.
3. A epístola foi escrita para as igrejas da galácia (Gl 1.2), um distrito da Ásia Menor fronteiro a Frígia, Ponto, Bitínia e Capadócia. Os habitantes da região também conhecidos como celtas, eram galeses em sua origem. Os celtas, depois de pilharem Delfos, cerca de 280 a.C. fincaram pé na região tornando-se conhecidos como galos-gregos ou gálatas.
4. O que é dito dos gálatas na epístola está em consonância com o que foi escrito a respeito da raça Gália por todos os escritores. César (*Commentaries on the Gallic War*, 4,5) – Comentários

sobre as guerras da Gália, diz: "A fraqueza dos galeses é que são indecisos quando têm de tomar decisões e não merecem confiança". Outro escritor de nome Thierry, citado por Alford afirmou que eles são "francos, impetuosos, causam boa impressão, vivem discutindo e são muito orgulhosos". A princípio, acolheram a Paulo com muita alegria e bondade, mas logo começaram a deixar de serem fieis ao evangelho que lhes havia sido pregado, dando ouvidos aos mestres judaizantes (Gl 4.14-16).

Paulo foi quem primeiro anunciou o evangelho aos gálatas (At 16.6; Gl 1.8; 4.13), e lhes pregou "o evangelho a primeira vez por causa de uma enfermidade física", dando a entender que se deteve entre eles devido a sua enfermidade (At 18.23).

5. Paulo visitou os gálatas pela primeira vez por volta do ano 51 d.C., durante sua segunda viagem missionária. O historiador Flávio Josefo relata que muitos judeus residiam em Ancira, na Galácia. E foi entre os judeus que ele começou a pregar. Mais tarde, a maioria dos crentes da galácia passou a ser constituída de gentios (Gl 4.8-9). Esses gentios, no entanto, logo foram infectados pela doutrina dos judaizantes, e chegaram a se submeter ao ritual da circuncisão (Gl 1.6; 3.1,3; 5.2,3; 6.12-13).
6. Por serem pagãos, os gálatas, em sua origem prestavam culto a Cibele (prática prevalecte na região da Frígia), praticavam a doutrina teosófica¹ ligada àquela adoração, por isso achavam que os privilégios do cristianismo só poderiam ser obtidos através de um elaborado sistema de cerimoniais e de simbolismos (Gl 4.9-11; 5.7-12).

Chegaram até a insinuar que Paulo observava a lei entre os judeus ao mesmo tempo em que persuadia os gentios a renunciar o judaísmo. Seu objetivo, afirmam, era manter seus

¹ A palavra Teosofia é de origem grega, "theos" (Deus), e "sophos" (sabedoria), significando literalmente "sabedoria divina", ou "conhecimento divino". A Teosofia é um corpo de conhecimento que sintetiza Filosofia, Religião e Ciência. Embora essa afirmação não seja reconhecida universalmente, mas apenas por simpatizantes do ocultismo.

convertidos submissos e longe dos privilégios da fé cristã, que eram usufruídos apenas pelos crentes circuncidados (Gl 5.11; 4.16 cp. com Gl 2.17). Diziam ainda que Paulo queria agradar a todos (Gl 1.10), e queria criar seu próprio partido; além de que era falso e se dizia comissionado por Cristo, enviado pelos doze apóstolos de Jerusalém, mas discordava de Pedro e Tiago, os pilares da igreja, e, portanto, não deveria ser aceito ali.

II. PROPÓSITO.

O propósito de Paulo em escrever esta epístola foi:

1. Defender sua autoridade apostólica (Gl 1.11-19; 2.1-14).
2. Confrontar a má influência dos judaizantes da Galácia (Gl 3.1 a 4.31) provando que a doutrina dos judeus destruía a essência do cristianismo, rebaixando sua espiritualidade a um sistema cerimonial.
3. Fortalecer a fé dos crentes da galácia para que usufruissem da vida plena no Espírito (Gl 5.1 a 6.18).
4. Paulo já havia confrontado os mestres judaizantes (Gl 1.9; 4.16; At 18.23), e agora que ouvira que o mal atacara de vez aqueles crentes, escreve a epístola com suas próprias mãos (Gl 6.11). Geralmente Paulo ditava as cartas para um amanuense, alguém que escrevia os documentos. O perfil que Paulo fornece de sua carreira apostólica confirma e expande o registro do livro de Atos mostrando sua independência de qualquer autoridade humana que quisesse dominá-lo. Seu protesto contra Pedro em Gálatas 2.14-21 refuta a ficção, não apenas de que ele seria um Papa, mas até mesmo de que tivesse supremacia apostólica, mostrando que Pedro, salvo as ocasiões em que estava sob a inspiração do Espírito, era homem falível como qualquer pessoa.
5. A epístola aos Gálatas tem muita semelhança com a carta aos Romanos quando trata da justificação pela fé e não das obras da lei. A diferença está em que a epístola aos Romanos trata o tema de maneira mais didática e lógica, sem qualquer referência especial. Gálatas, de maneira controversa faz referências aos crentes judaizantes da Galácia.

III. O ESTILO

O estilo combina com dois extremos: severidade (Gl 1.1-24; 3.1-5) e ternura (Gl 4.19-20), que são características de uma pessoa que escreve sob forte emoção; e esta foi a maneira de lidar com pessoas imprevisíveis como os gálatas. O início da carta é feito de maneira abrupta, como é próprio quando se quer tratar de questões de grande importância, diante de iminentes perigos. Nota-se na carta, também, um tom de tristeza, próprio de um mestre que, depois de ensinar por tanto tempo percebe que seus alunos estão esquecendo seus ensinamentos, deixando-se levar por pessoas que pervertem a verdade e que dão ouvidos aos que caluniam seu mestre.

IV. ÉPOCA EM QUE FOI ESCRITA:

Acredita-se que a epístola foi escrita *depois* da visita que Paulo fez a Jerusalém cujo registro está em Atos 15.1 e ss. isto é, em 50 d.C., pois é possível que essa visita seja a mesma referida em Gálatas 2.1. Observando-se as expressões de Gálatas 1.9 “assim, como já dissemos”; e a declaração de Gálatas 4.16, “tornei-me, porventura, vosso inimigo, por vos dizer a verdade?” indica que, ao escrever durante “minha segunda visita, assim como fui bem acolhido na primeira visita”, Paulo estaria se referindo à sua segunda visita conforme Atos 18.23. Por isso, esta epístola deve ter sido escrita depois do outono do ano 54. O texto de Gálatas 4.13: “E vós sabeis que vos preguei o evangelho a primeira vez”, no texto grego tem o sentido de ‘na vez anterior’, o que implica que Paulo, por ocasião em que escreveu esta carta já teria estado na Galácia duas vezes.

Vale observar que a expressão de Gálatas 1.6: “Admira-me que estejais passando tão depressa”, indica que Paulo teria escrito não muito tempo depois de deixar a Galácia pela segunda vez, possivelmente no início de sua residência em Éfeso (At 18.23; 19.1) etc. (Adaptado da introdução aos gálatas de Jamieson, Faucet, Brown Commentary, pelo autor).

O espaço não nos permite aprofundarmos no estudo, mas aconselhamos que acompanhe o esboço abaixo retirado da Bíblia de Estudo NVI – Nova Versão Internacional. Sugere-se ao aluno que

abra o texto bíblico e acompanhe passo a passo o esboço a seguir, fazendo anotações que achar conveniente.

V. ESBOÇO:

I. Introdução (1.1-9).

- A) Saudação (1.1-5).
- B) Denúncia (1.6-9).

II. Pessoal: Validação do apóstolo da liberdade e da fé (1.10 a 2.21).

- A) O evangelho de Paulo foi recebido por revelação especial (1.10-12).
- B) O evangelho de Paulo independia dos apóstolos de Jerusalém e das igrejas da Judéia (1.13 a 2.21).
 - 1. Evidenciado por suas primeiras atividades como cristão (1.13-17).
 - 2. Evidenciado por sua primeira visita a Jerusalém depois que se converteu (1.18-24).
 - 3. Evidenciado por sua segunda visita a Jerusalém (2.1-10).
 - 4. Evidenciado por ter ele repreendido Pedro em Antioquia (2.11-21).

III. Doutrinário: Justificativa da doutrina da liberdade e da fé (Caps. 3 e 4).

- A) A experiência do evangelho pelos gálatas (3.1-5).
- B) A experiência de Abraão (3.6-9).
- C) A maldição da lei (3.10-14).
- D) A prioridade da promessa (3.15-18).
- E) O propósito da lei (3.19-25).
- F) Filhos, não escravos (3.26 a 4.11).
- G) Apelo para serem libertos da lei (4.12-20).
- H) A alegoria de Agar e Sara (4.21-31).

IV. Prático: A prática da vida da liberdade e da fé (5.1 a 6.10).

- A) Exortação à liberdade (5.1-12).
- B) A vida no Espírito, não na carne (5.13-26).
- C) Convite à vida mútua (6.1-10).

V. Conclusão (6.11-18).

ATIVIDADES – LIÇÃO I

- Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ Quando se tem em mente as epístolas dos pais apostólicos deve-se entender que era hábito na época seguir o estilo clássico da literatura greco-romana.
- 2) ☐ Alguns comentaristas dividem as cartas (epístolas) do NT em quatro blocos distintos: Epístolas Escatológicas; Epístolas Soteriológicas; Epístolas Eclesiológicas e Epístolas Pastorais.
- 3) ☐ A carta aos Coríntios ficou conhecida como “O evangelho da salvação”.
- 4) ☐ Corinto localizava-se num istmo (porção de terra que entra mar adentro) e se abria na forma de uma mão com acesso ao mar por dois lados da cidade.
- 5) ☐ Paulo era exigente e rígido em seus pontos de vista, mas também suficientemente humilde para pedir perdão, caso alguém se ofendesse com suas palavras.
- 6) ☐ A epístola de Paulo aos Coríntios foi escrita para as igrejas da galácia (Gl 1.2), um distrito da Ásia Menor fronteiro a Frígia, Ponto, Bitínia e Capadócia.

Anotações:

Lição II

Éfésios, Filipenses e Colossenses

EFÉSIOS, FILIPENSES E COLOSSENSES

INTRODUÇÃO

O aluno passará a estudar agora três das epístolas de Paulo: Efésios, Filipenses e Colossenses. São epístolas enviadas às igrejas dessas cidades, comumente chamadas de epístolas eclesiológicas. A carta aos Efésios é revestida de uma capa de transcendentalidade, isto é, remete o estudante ao céu e a temas que fogem ao intelecto e a razão; que requerem um conhecimento maior, com revelação do alto. Entender o que aconteceu na eternidade, o sentido de potestades, principados e dominação do mundo espiritual estão presentes nas epístolas de Efésios e de Colossenses.

Quanto a carta de Paulo aos Colossenses ela tem grande semelhança com o texto de Efésios, porque trata de assuntos transcendentais, de mistérios da eternidade e do mundo espiritual, mas também baixa o teor da linguagem quando aborda a vida cristã aqui na terra.

Já a epístola aos Filipenses não trata de potestades e acontecimentos no mundo espiritual, mas de temas bem práticos para a vida cristã. Paulo fala sobre a identificação do crente com Jesus Cristo e do grande objetivo dele, que era o de obter a perfeição ou maturidade. Certamente o estudante encontrará outras fontes de ajuda, além dessas que propomos, as quais enriquecerão seu conhecimento bíblico.

EPÍSTOLA DE PAULO AOS EFÉSIOS

INTRODUÇÃO AOS EFÉSIOS

O primeiro versículo e o texto do capítulo 3.1 indicam que a epístola foi escrita por Paulo o que é confirmado pelo testemunho de vários pais apostólicos como Irineu em *Contra as Heresias*; Clemente de Alexandria em *Miscelâneas*; Orígenes, *Contra Celso* além de ser mencionada por Policarpo em sua epístola aos Filipenses. Inácio de Antioquia, em sua carta aos Efésios refere-se frequentemente e com grande afeição a esta epístola de Paulo aos Efésios.

A CIDADE

Éfeso era a mais importante cidade a oeste da Ásia Menor, onde atualmente está a Turquia. O porto da cidade ficava no rio Caister que deságua no mar Egeu. Em tempos remotos, o rio chegava às portas da cidade, mas gradualmente o rio foi sendo aterrado e a cidade passou a ficar uns 8 km do mar. A cidade tinha cerca de 300 mil habitantes na época de Paulo. Servia de rota comercial para o mundo da época. Na cidade foi construído um imponente templo dedicado a deusa romana Diana, a mesma Artêmis, cf. Atos 19.23-31. Já naquela época uma rodovia costeando o rio Caister ligava a Sardes e uma ramificação ia para Esmirna. (Veja Apêndice – Mapa 2).

Éfeso serviu de centro de evangelização para Paulo durante três anos (dois anos em At 19.8-10; três anos em At 20.31). Paulo costumava usar as grandes cidades como centros estratégicos, visto que para esses centros afluía gente de toda parte. (Ex. Antioquia da Psídia, Tessalônica, Atenas e Corinto).

Quando Éfeso foi alcançada com a mensagem do evangelho mantinha toda sua pompa de cidade efervescente. Sua religião, a

cultura grega, o governo romano e seu intenso centro comercial fizeram da cidade o centro de comerciantes do mundo da época, além das peregrinações religiosas dos gregos que vinham visitar Artêmis ou o templo de Diana.

Em Éfeso as pessoas eram livres para pensar, e foi a cidade de Tales e Hieráclito. Havia ali uma rica cultura e uma profunda filosofia, frutos de pensadores que buscavam conhecer a verdade. Era a cidade dos asiarcas, crentes ligados aos cultos de Roma e ao imperador e aceitaram a mensagem de Paulo com simpatia (At 19.31). Por ser uma cidade aberta a novas ideias, o cristianismo floresceu ali (At 19.26).

A pregação de Paulo tinha um apelo moral e ético muito forte para a sociedade grega. E era bem visto por todos, inclusive alguns deles saíram em defesa de Paulo na confusão da adoração a Diana (At 19.37).

A MENSAGEM

O objetivo da carta era o de expandir o conhecimento dos irmãos a respeito da fé, da graça e dos mistérios de Deus. Paulo mostra nesta carta que no projeto de Deus não existe mais distinção entre os povos e que gentios e judeus, agora são irmanados pela fé formando um só povo.

A primeira visita de Paulo a Éfeso está registrada em Atos 18.19-21. A obra começou com sérias discussões com os judeus da cidade, e solidificada através de Apolo, eloquente pregador da palavra de Deus (At 18.24-28) e de Áquila e Priscila, também conhecedores da Palavra (At 18.26).

Quando esteve na cidade pela segunda vez, depois de uma viagem a Jerusalém e pelas regiões da Ásia Menor, Paulo permaneceu em Éfeso “três anos” (At 19.10 – este versículo afirma que foram dois anos, e menciona apenas uma parte daquele tempo, conforme o estudante pode confirmar lendo Atos 20.31).

Esta igreja exigiu de Paulo muito tempo para ser fundamentada e edificada, por isso nesta epístola percebe-se um

sentimento caloroso, além de que Paulo consegue expressar livremente seus sentimentos e conhecimento espiritual do propósito eterno de Deus.

Em sua última jornada a Jerusalém, Paulo convocou os anciãos (presbíteros) da igreja de Éfeso, que o encontrassem em Mileto onde ele se despediu cheio de emoção e com sentimentos de que nunca mais veria a face daqueles queridos irmãos (At 20.18-35).

A epístola foi escrita por ocasião de sua prisão em Roma, e enviada à igreja logo após haver escrito a epístola aos Colossenses – por isso existem tantas semelhanças de ideias e pensamentos doutrinários. As provas são irrefutáveis de que Efésios e Colossenses foram escritas na mesma época, sob as mesmas circunstâncias e mantêm semelhanças entre elas. Tíquico e Onésimo foram enviados a Colossos. Tíquico levou as duas epístolas (Colossenses e Efésios) às respectivas igrejas, enquanto Onésimo levava em mãos uma carta a Filemom, seu antigo mestre que residia em Colossos. A data teria sido uns quatro anos depois do discurso em Mileto (At 20.6-38).

A igreja de Éfeso era formada por judeus e gentios (At 19.8-10), e a epístola foi dirigida a esses irmãos de diferentes etnias (At 19.8-10). O estudante deve levar em conta que sempre que fala em “gentios”, a Bíblia está se referindo a povos não judeus, gente de todas as nações da terra. E quando se refere a bárbaros, está se referindo a povos que não falavam o grego e o latim, mas apenas seu idioma nativo.

Éfeso ficou famosa pelo templo idólatra construído em honra de Artemis ou Diana. O templo foi queimado por Herostratus na noite em que Alexandre, o Grande, nasceu (335 a.C.); reconstruído, se tornou uma das maravilhas do mundo da época.

Alguns comentaristas afirmam que Paulo se utilizou da beleza do templo da cidade, para falar da igreja, o edifício de Deus cuja beleza é interior e não exterior (Ef 2.19-22). A epístola (Ef 4.17; 5.1-13) deixa implícita a profligasse (derrotasse) que era notório nos Efésios ateus.

Algumas expressões comuns em outras epístolas ocorrem quando Paulo se dirige aos anciãos de Éfeso. O estudante pode comparar os textos de Efésios 1.6-7 e 2.7 quando Paulo fala da “graça”, com Atos 20.24,32 pelo qual pode-se chamar esta epístola de “epístola da graça de Deus”. Compare também quando Paulo fala em “cadeias” ou algemas nos textos de Efésios 3.1; 4.1, com Atos 20.22-23. O estudante pode comparar também quando Paulo fala sobre “o conselho de Deus” em Efésios 1.11, com Atos 20.27. Textos semelhantes podem ser comparados quando Paulo cita a frase “resgate de sua propriedade” de Efésios 1.14, com Atos 20.28. Também a expressão “edificados” e “herança” de Efésios 1.14,18; 2.20; 5.5, com Atos 20.32.

O OBJETIVO DA EPÍSTOLA

O objetivo da epístola é o de estabelecer o fundamento, o curso, o alvo e a finalidade da existência da igreja aos fieis em Cristo Jesus. Por isso, em toda a epístola a igreja vem no singular e não no plural, porque fala da única igreja que existe. O fundamento da igreja, o curso da igreja na história e a finalidade de sua existência permeiam toda a epístola. Vê-se que a fundação da igreja é da vontade do Pai; o curso ou existência da igreja é para satisfação do Filho, e o fim é para que a igreja viva na vida do Espírito. Comparando os textos de Efésios 1.11; 2.5 e 3.16 o aluno se surpreenderá com a centralidade da doutrina e com o lindo encerramento em que Paulo expressa a abundância do conhecimento de Deus na vida dos crentes (Ef 3.14-21).

A partir do capítulo 4.1 prevalece a mesma divisão em três partes em que a igreja é apresentada como fundada no conselho do Pai “o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos”. Esta igreja é nutrida pelo Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito Santo (Ef 4.4-6 etc.) que derrama de seus dons sobre todos os membros de seu corpo. Esta graça ou dons são dados para serem exercidos em todas as áreas da vida, como entre marido e mulher, servos, filhos etc. A conclusão vem a seguir: Para tanto é preciso “vestir toda a armadura de Deus” (Ef 6.13).

A sublimidade do estilo e da linguagem corresponde à sublimidade dos temas aqui tratados e são vistos em toda a epístola. Obviamente que Paulo escreveu a cristãos que eram firmados na fé. O estilo, às vezes difícil de ser entendido se deve à sublimidade do tema. As expressões "em Cristo", "dele", "nele" ocorrem em toda a epístola indicando que a igreja e Cristo estão intimamente amalgamados, como um só corpo, um grande edifício, bem construído para a glória de Cristo.

O estudante pode aprofundar o estudo da carta aos Efésios seguindo o esboço a seguir:

ESBOÇO DE EFÉSIOS

I. Saudações (1.1,2)

II. O propósito eterno de Deus: A glória e a supremacia de Cristo (1.3-14)

O estudante deve observar as expressões "regiões celestiais"; "lugares celestiais"; "nos céus", referindo-se sempre ao posicionamento da igreja em Cristo Jesus. Em Efésios 1.13 o cristão é "abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo". Deus ressuscitou a Cristo e o fez assentar "à sua direita nos lugares celestiais", e o crente está posicionalmente no mesmo lugar em Cristo Jesus (Ef 2.6). É dessa posição espiritual que a igreja torna conhecida a multiforme sabedoria de Deus (Ef 3.10). E desse lugar celestial trava a batalha contra o perverso mundo espiritual (Ef 6.12).

III. Oração para que os cristãos tomem conhecimento do propósito e do poder de Deus (1.15-23)

Paulo costuma mencionar que orava e agradecia a Deus continuamente pelos irmãos da igreja. Não apenas aqui, mas também nos textos de Filipenses, Colossenses e Tessalonicenses.

IV. Passos para a realização do propósito de Deus (cp. 2-3)

Nos capítulos 2 e 3 Paulo mostra que judeus e gentios não estão mais separados nem são mais tratados separadamente por

Deus, porque agora foram unidos tornando-se um só povo. Graças à obra redentora de Cristo, a parede de separação foi derrubada e dos dois povos foi feito um novo homem. Os que querem ainda hoje que os judeus sejam tratados como povo especial carecem de um entendimento teológico da salvação, que Paulo aborda no texto aos Romanos (caps. 9-11) e aqui.

A. Salvação dos indivíduos pela graça (2.1-10)

Este bloco de versículos serve para alertar a igreja de que a obra da salvação e sua completude não são frutos do esforço das pessoas, mas unicamente da graça de Deus. Deus decidiu salvar o homem sem que este faça esforço algum. Por isso Paulo fala que Cristo deu vida ao homem – “pela graça sois salvos” (2.5). Para provar a verdadeira natureza da salvação, Paulo afirma que os salvos estão “assentados nos lugares celestiais em Cristo Jesus” (2.6), e isto com a finalidade de mostrar a todos os que ainda haverão de nascer – nos séculos vindouros – “a suprema riqueza da sua graça” (2.7). E que a salvação é pela graça, “mediante a fé” sem participação alguma do homem (2.8). Quer dizer: o homem não precisa mostrar suas obras nem precisa fazer coisa alguma.

B. Reconciliação entre judeus e gentios mediante a cruz (2.11-18)

A assertiva de Paulo de que judeus e gentios passaram a ser um só homem – uma só nação e um só povo a partir da obra de Cristo na cruz - deveria servir de alerta aos judaizantes que insistem em trazer práticas e costumes judaicos para a igreja ainda nos dias de hoje. Existem grupos que querem a volta da prática de guardar dias, semanas e alimentos; que trazem réplicas da arca da aliança, do candelabro e até do altar do incenso para dentro dos templos; com roupas imitando vestes sacerdotais etc. Todas essas coisas foram abolidas na cruz e um novo homem em Cristo foi feito a partir de judeus e gentios.

C. Judeus e gentios unidos numa só família (2.19-22)

Agora, diz Paulo, esta nova família, este novo povo não precisa se considerar “peregrinos e estrangeiros”, porque todos os

judeus e não judeus fazem parte da família de Deus e são cidadãos dos céus (Ef 2.19). E são os apóstolos e profetas que deveriam tornar isso claro. Hoje, no entanto, os novos apóstolos e profetas são os mais judaizantes levando a igreja ser mais judia e menos gentia. A igreja não é nem judia em sua cultura, nem gentílica, mas um novo corpo e uma nova família em que todos são edificados pelos apóstolos e profetas, sobre a pedra angular que é Cristo Jesus.

D. A revelação da sabedoria de Deus mediante a igreja (3.1-13)

O mistério oculto durante séculos é agora revelado a Cristo por Paulo (3.3). Não foi a nenhum dos Doze que Cristo revelou o segredo oculto por gerações, mas a “mim, o menor de todos os santos”, foi dada a graça de “manifestar qual seja a dispensação do mistério, desde os séculos, oculto em Deus...” (3.8-9).

“Pois, segundo uma revelação, me foi dado conhecer o mistério, conforme escrevi a pouco resumidamente”. Este mistério parece ter sido revelado a Paulo em seu arrebatamento mencionado em 2 Co 12. O mistério revelado é que “os gentios são coparticipantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho” (3.6).

A igreja, desde sua posição nos lugares celestiais deve tornar conhecida ao mundo espiritual – principados e potestades – a multiforme sabedoria de Deus. E isto não deve ser algo feito lá atrás na história, nem num futuro escatológico, mas “agora”! Não é algo organizacional; nem é algo com estrutura eclesial. A igreja tem uma posição no mundo espiritual acima de todas as forças, autoridades e governos, quer sejam terreaux ou nos ares.

E. Oração por uma experiência mais profunda da plenitude de Deus (3.14-21)

Devido a essa sublime revelação, Paulo quer que todos os crentes entendam o que se passa no mundo espiritual; entendam o que ocorre na transcendentalidade, no mundo que está além da razão humana. Confira o ardor da oração de Paulo a favor desses crentes (3.14,18-19).

Ora, havia no coração de Paulo o desejo de que cada novo convertido entendesse a grandeza do “eterno propósito que (Deus) estabeleceu em Cristo Jesus” (2.11). Por isso se punha de joelhos diante do Pai. É por isso que Paulo irrompe numa doxologia ou numa glorificação a Deus, expressa nos vv. 20-21: “Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém!”

V. Modos práticos de cumprir o propósito de Deus na igreja (4.1 - 6.20)

A. União (4.1-6)

Conforme mencionado na exposição feita na introdução ao livro, a igreja tem essa tríplice fundamentação operada pelo Pai, por Jesus e pelo Espírito Santo (4.1-6). E é essa unidade da Trindade operando na igreja que os crentes devem “diligentemente preservar”. A igreja foi planejada no coração do Pai, realizada pelo Filho e preservada pelo Espírito. É comum os crentes se dividirem em torno do sentido do que é corpo e do que é batismo – criando conceitos quanto a forma – mas, o que interessa para Paulo não são as formas, mas o entendimento do que é batismo e fé (4.4-6).

B. Maturidade (4.7-16)

Nesses versículos Paulo aborda que Cristo deu dons à igreja, isto é, deu homens com ministérios de apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres. A maioria dos comentaristas concorda que são cinco ministérios específicos; outros, no entanto, acreditam que sejam quatro, já que o pastor em sua essência é também um mestre. De qualquer maneira, são homens levantados por Cristo para a igreja. Uma das formas de “encher todas as coisas” (4.10) é dar a igreja esses ministérios que aperfeiçoam ou colocam em ordem a vida do corpo.

A expressão no v. 12 “com vistas ao aperfeiçoamento”, será melhor entendida examinando-se a ocorrência da palavra *katartismos* em outros textos. Enquanto em vários lugares do NT a

palavra perfeição ou aperfeiçoamento aparece como sinal de maturidade e procede da palavra grega “teleios” (Veja Fp 3.12; Cl 3.14; Hb 7.1), em Efésios 4.12 e noutros textos a palavra “katartismos” traduzida como aperfeiçoamento, não tem o mesmo sentido de *teleios*, que é aperfeiçoamento ou maturidade, e sim de “consertar”, “remendar” ou colocar a vida dos crentes em ordem. *Katartismos* aparece também em 2 Co 13.9.

A palavra grega *katartismos* aparece anteriormente em Mateus 4.21 e Mc 1.19 em que os discípulos estão “consertando as redes”. Tomando-se o sentido dali pode-se afirmar que os homens que Cristo deu à igreja “consertam” a vida desordenada dos que se convertem ao evangelho. Ora os discípulos não estavam “aperfeiçoando” as redes, mas consertando as malhas rompidas na pescaria. Assim também os ministérios “consertam” as vidas que vêm do mundo estraçalhadas, arrebatadas física e emocionalmente.

Katartizo, portanto, tem o sentido de preparar, equipar, colocar em ordem, arranjar, ajustar; emendar (o que estava quebrado ou rachado), reparar. Pode-se traduzir o texto de Efésios 4.12 como “para que coloquem em ordem os crentes a fim de que desempenhem bem o seu trabalho”. É disto que trata o restante do texto (Ef 4.14-16): O corpo de Cristo cresce de maneira natural se estiver funcionando corretamente.

Os ministérios apostólicos de Efésios 4.11 cooperam juntamente para que o corpo de Cristo viva em ordem, cumpra sua missão na terra e esteja apto para proclamar as virtudes daquele que tirou os crentes das trevas (1 Pe 2.9).

C. Renovação da vida pessoal (4.17-5.20)

Neste bloco de versículos Paulo trata de assuntos práticos da vida cristã; ensina sobre a importância de se pensar na prática de se ter uma vida interior; da comunhão com Cristo, por isso o v. 30 resume o que Paulo quer dizer: Se o crente viver em pecado e não se disciplinar nessas questões interiores, o Espírito Santo se entristecerá. O que leva o Espírito Santo a se entristecer? A prática

do pecado que é mencionada nos versículos anteriores e posteriores ao versículo de Efésios 4.30.

Para viver em santificação Paulo sugere que o crente procure “compreender qual a vontade do Senhor” (5.17), e que, assim como os pagãos se entregavam à prática de se embriagar com o vinho, que o crente seja cheio do Espírito Santo (Ef 5.18). E sugere que a melhor maneira de se encher do Espírito é adquirir o hábito de entoar salmos e louvar ao Senhor com hinos e cânticos espirituais – o que significa “colocar para dentro do coração”, coisas boas, superando com elas a mentira, o engano, a amargura, a ira etc.

Acredita-se que quando Paulo escreve sobre “hinos e cânticos espirituais”, esteja abordando a prática de cânticos no Espírito Santo que podem ser entoados em línguas ou não, porque ele faz a diferença entre entoar com a mente e com o Espírito, conforme os textos de Colossenses 3.16; 1 Co 14.14-16 e Judas 20, “orando no Espírito Santo”.

D. Sujeição nos relacionamentos (5.21-6.9)

Os apóstolos estabeleceram princípios para os relacionamentos na sociedade que eram totalmente novos para o povo da época. Na sociedade greco-romana as mulheres não tinham direitos sociais; os homens não conheciam o conceito do que era amar uma mulher; os filhos podiam ser descartados nas ruas quando nasciam para serem comidos pelos cães; os patrões podiam tratar seus escravos como se animais fossem, surrando-os e até matando-os. Os apóstolos estabeleceram as regras de convivência do reino de Deus, ordenando aos homens que amassem suas esposas na mesma proporção em que Cristo ama a igreja; que cuidem e zelem por seus filhos e que estes zelem pela vida dos seus genitores. Que os patrões tratem gentilmente seus servos e que estes sirvam seus senhores como se estivessem servindo ao próprio Deus.

E. Fortaleza no conflito espiritual (6.10-20)

Os relacionamentos, quaisquer que sejam entre os membros da igreja, e com as pessoas do mundo serão sempre

conflitantes se forem tratados no nível da carne, do intelecto e da razão. Os temperamentos, o estilo de vida e os níveis sociais serão sempre um desafio aos relacionamentos, por isso, o cristão deve entender que existem forças acima da razão e dos sentimentos; forças espirituais que interferem na vida da igreja; que se interpõem entre os irmãos e o mundo, e que só podem ser vencidas pelo crente se este estiver com toda a armadura espiritual.

Na igreja todos são iguais perante Cristo e já a ninguém se conhece conforme a carne – isto é pelo nível social e educacional – mas através de Cristo (2 Co 5.16). As forças espirituais (Ef 6.12) não podem ser confrontadas no nível da razão, mas na transcendentalidade, isto é, “nas regiões celestiais”. Satanás e suas hostes sempre tentarão corromper os relacionamentos feitos em Cristo e não quererão que os irmãos entrem em contato com o mundo para falar aos homens o evangelho de Cristo.

Esta batalha, por manter estáveis os relacionamentos na igreja e no mundo, tratada no capítulo 5.22 a 6.10 só é vencida “com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos” (6.18).

VI. Conclusão, saudações finais e bênção (6.21-24)

Na conclusão de sua carta, Paulo não se esquece de mencionar o nome de Tíquico, provavelmente o portador da epístola que daria notícias mais recentes da vida do apóstolo. Novamente, Paulo encerra como começou a carta, falando sobre a graça do Senhor Jesus Cristo que ele conhecia tão bem.

Paulo sempre menciona a graça de Cristo, como bem disse em Efésios 3.8 que a ele, o menor dos santos foi dada “esta graça”, ou como disse a Timóteo “me foi concedida misericórdia, para que, em mim, o principal (pecador) evidenciasse Jesus Cristo a sua completa longanimidade” (1 Tm 1.16).

EPÍSTOLA DE PAULO AOS FILIPENSES

I. A CIDADE

Filipos era uma cidade a oeste da Macedônia refundada no início do século IV a.C. por Filipe da Macedônia; que fez do local uma de suas fortalezas. Construída ao lado de uma cadeia de montanhas e separada por elas do porto de Neápolis, dava vista para um altiplano fértil repleto de fontes e vertentes de água.

Em 168 a.C. a Macedônia foi conquistada pelos Romanos que quebrou a unidade nacional dividindo o país em quatro distritos; sendo que seus habitantes eram proibidos de casar ou de ter propriedades fora de seus limites geográficos. Filipos pertencia à primeira região cuja capital era Anfípolis.

Em 42 a.C. os Romanos dominaram ainda mais a cidade de Filipos, e para celebrar a conquista imperialista a cidade foi refundada por Otaviano com o nome de *Colonia Julia Augusta Victrix Philippensiun*. Tornou-se uma miniatura de Roma com todos os seus privilégios. Depois da batalha de Action serviu de abrigo para os derrotados de Marco Antônio. Até mesmo os gregos nativos da terra que eram em número maior que os Romanos se orgulhavam de ser Romanos (At 16.21). (Filipos – Veja Apêndice – Mapa 2).

O cristianismo chegou pela primeira vez no outono do ano 50 em apelo à visão que Paulo teve de um varão macedônio. Paulo atravessou o mar Egeu para Neápolis, tomou a estrada para o monte Símbolo e chegou até a colônia. A mudança de pronome de “eu” para nós, indica que o historiador Lucas se juntou ao grupo de Paulo a partir de Trôade (At 16.10).

Filipos é descrita como "cidade da Macedônia, a primeira do distrito da colônia" (At 16.12), por decisão de Augusto que resolveu celebrar sua vitória sobre Bruto e Cássio.

II. AUTORIA

As evidências quanto a autenticidade desta epístola são muito fortes. O estilo, a forma de apresentar o pensamento e a doutrina concordam com Paulo. As alusões incidentais reforçam sua autoria, como a jornada de Epafrodito a Roma, as necessidades supridas de Paulo e a enfermidade de Epafrodito (Fp 1.7; 2.25-30; 4.10-18). Outra alusão é o fato de que Timóteo esteve com Paulo em Filipos (1.1; 2.19). Outro fato é a menção que Paulo faz de sua longa prisão em Roma (Fp 1.12-14; 2.17-28). A disposição de Paulo em morrer (compare Fp 1.23 com 2 Co 5.8), e a referência aos Filipenses que o viram ser maltratado em Filipos (Fp 1.29,30; 2.1-2).

As evidências externas são também decisivas: Policarpo, na *Epístola aos Filipenses*, 3.11; Irineu em *Contra as Heresias*; além de outros pais da igreja como Clemente de Alexandria em *O Instrutor*; Eusébio, na *Epístola às igrejas de Lião e Viena*; Tertuliano em sua obra *Sobre a Ressurreição da Carne*; Orígenes e Cipriano em suas obras *Contra Celso* e *Testemunho Contra os Judeus*, respectivamente (nota do autor: A maioria dessas obras não está em português, e o aluno pode dispor delas em inglês pela Internet).

Paulo, Silas e Timóteo começaram a igreja naquela cidade debaixo de muita perseguição (At 16.12 e ss.) durante a segunda viagem missionária no ano 51 d.C. Não há dúvidas de que Paulo visitou a cidade novamente durante a viagem de Éfeso para a Macedônia (At 20.1).

Atos 20.3,6 menciona a terceira viagem durante seu retorno da Grécia (Corinto) para a Síria, atravessando a Macedônia. O sofrimento em Filipos (At 16.19) ajudou a fortalecer o relacionamento de Paulo com os primeiros convertidos, que, como ele foram submetidos a muito sofrimento pela causa do evangelho (1 Ts 2.2).

Os cristãos de Filipos enviaram duas vezes socorro material para suprir as necessidades de Paulo depois que este partiu (Fp 4.15,16). E parece que enviaram pela terceira vez ajuda a Paulo antes que ele escrevesse esta epístola (Fp 4.10,18; 2 Co 11.9).

Essas menções que Paulo faz em sua carta se devem, em parte, ao grande número de judeus que residiam na Macedônia e que seguiam a Paulo semeando desconfiança e levantando suspeitas quanto ao que Paulo ensinava. Não havia na cidade de Filipos uma sinagoga, e na ausência de um lugar oficial, os judeus se reuniam à beira do rio. Era conhecido como *proseuche*, que Thayer, em seu Novo Testamento Léxico afirma ser um lugar a céu aberto onde os judeus se reuniam para orar, sempre que numa cidade não tivesse uma sinagoga. Em Fp 4.2-3 vê-se um traço dos anais da história (At 16.13-14) em que as mulheres foram as primeiras a se converterem ao evangelho em Filipos.

Parece que os judeus não se opuseram a que Paulo ali comparecesse, porque a perseguição em Filipos não teve começo com os judeus. A perseguição veio pelos empresários que lucravam com as adivinhações de uma donzela. A moça, possessa por um espírito de adivinhação dava grande lucro aos seus senhores.

Ainda que a igreja de Filipos estivesse livre da influência dos judaizantes precisava ser advertida sobre o perigo iminente dos falsos mestres (Fp 3.2), porque este tipo de influência perversa havia acometido as igrejas da Galácia. Quanto ao estado espiritual da igreja, descobre-se lendo 2 Coríntios 8.1-2, pois que seus membros eram muito pobres, no entanto liberais no contribuir financeiramente, mesmo sob intensa perseguição (Fp 1.28-30). Paulo, contudo, se preocupava com certa tendência à divisão entre eles (Fp 1.27; 2.1-4, 12, 14; 4.2).

III. O OBJETIVO DA EPÍSTOLA

O objetivo desta epístola é amplo: Não apenas agradecer aos Filipenses por sua contribuição financeira que chegou às mãos de Paulo através de Epafrodito, que estava agora retornando a Filipos levando em mãos a epístola, mas também com o objetivo de

expressar àqueles irmãos o amor e compaixão, exortando-os à uma vida consoante com a de Cristo, alertando-os quanto aos falsos mestres que poderiam causar-lhes danos.

Deve ser ressaltado que esta é a única epístola – se comparada às demais – que, entre tantas recomendações, não haja censura quanto a erros doutrinários, divisões ou coisas deste tipo. Percebe-se, no entanto, que aqueles crentes eram mentalmente lentos em algumas coisas, porque duas mulheres da igreja, Evódia e Síntique não se entendiam em algumas coisas, e causavam problemas (Fp 4.2-3).

A epístola pode ser dividida em três partes:

1. Palavras de encorajamento e de amor aos crentes de Filipos e referência à prisão de Paulo em Roma juntamente com os seus. Depois Paulo fala da incumbência dada a Epafrodito e do ministério que este teria entre os irmãos dali (Capítulos 1 e 2). Epafrodito, ao que parece ficou um tempo cuidando da igreja de Filipos, quem sabe no ofício de presbítero.

Depois que Tíquico e Onésimo partiram (ano 62 d. C) levando com eles as epístolas aos Efésios, Colossenses e Filemom, Paulo alegrou-se com a chegada de Epafrodito que o ajudou na prisão levando-lhe consolo e ajuda financeira. Este irmão é elogiado por sua fidelidade e mencionado como “cooperador e companheiro de lutas” (Fp 2.25).

Na versão deste texto em inglês Epafrodito é elogiado como “soldado de Cristo”, pois na jornada para visitar a Paulo adoeceu mortalmente, mas foi restabelecido por Cristo (Fp 2.26,30). Agora, depois de restaurado fisicamente desejava voltar para estar novamente com seu rebanho, pois os Filipenses estavam preocupados quando souberam do estado de saúde de seu líder (Fp 2.26).

A recomendação de Paulo é que honrem pessoas como Epafrodito, aliás, o que nem sempre é feito hoje em relação aos líderes que desempenham bem sua tarefa (2.29).

2. Paulo exorta os Filipenses para que estejam precavidos contra os legalistas judaizantes (Fp 3.1.-21).
3. Na terceira parte Paulo adverte a todos os membros da igreja e agradece-os por sua ajuda financeira, concluindo com bênçãos e saudações (Fp 4.1-23).

IV. SOBRE A EPÍSTOLA

A epístola foi escrita em Roma durante a prisão de Paulo conforme relatado em Atos 28.16, 20, 30-31. A confirmação desta verdade está na referência à “casa de César” (Fp 4.22) e ao palácio (Fp 1.13) que no grego é pretório, pode significar a casa da guarda pretoriana que era um anexo do palácio de Nero.

Possivelmente tenha sido escrita no final de seu tempo na cadeia de Roma, pelas seguintes razões:

1. Ele menciona a sua “presente situação” (2.23).
2. Era tempo suficiente para que os Filipenses ouvissem de sua prisão, e tempo suficiente para que Epafrodito fosse enviado a Filipos e voltasse com notícias da igreja (2.26).
3. Deve ter sido escrita depois que enviou as outras três epístolas de Roma: Colossenses, Efésios e Filemom, pois Lucas não mais está com ele (Fp 2.20), do contrário, como fez Paulo nas outras epístolas teria mencionado as pessoas pelo nome (Cl 4.14; Fm 24).

Acredita-se que depois de ficar dois anos em prisão domiciliar onde tinha a liberdade de pregar (Ef 6.19-20), agora, nesta segunda vez, em cadeias, ele não consegue ter muita mobilidade (Fp 1.13-18). Outra coisa que Paulo menciona é a expectativa de sua soltura que ele menciona em Fp 1.22. “O viver na carne” de Paulo aqui é a sua soltura e sua liberdade de pregar. Este versículo contrasta com a forma depressiva que começa a epístola.

4. Fazia bastante tempo que estava preso, porque “suas cadeias” se tornaram conhecidas e trouxeram bons frutos para a proclamação do evangelho (Fp 1.13).

5. Evidentemente que o rigor da prisão aumentou quando comparado com seu estágio inicial, cf. descrito em At 28.1-31 e comparado com Fp 1.29-30; 2.27. A história fornece a chave para se entender por que o rigor aumentou.

Depois de dois anos em prisão domiciliar Paulo teria sido julgado e enviado para a prisão. No segundo ano da prisão domiciliar de Paulo, por volta do ano 62, Burro, o prefeito da pretoria, a quem Paulo havia sido confiado em custódia (At 28.16) morreu. O nome verdadeiro de Burro era Sextus Afranius Burrus, prefeito da pretoria, prisão ao norte de Roma.

Nero, o imperador, que se divorciara de Otávia e se casara com Pompéia, uma prosélita judia (que provocou a morte da rival Otávia e rira ao ver a cabeça decepada da vítima), elevou Tigelino, que era seu conselheiro e que o recomendara a se casar com Pompéia – um monstro – para que fosse o prefeito do pretório. Parece que aqui, historicamente, Paulo é tirado de sua casa que alugara e levado para a guarda do pretório e ficado sob custódia (Fonte, Barne's Notes). Por isso escreve mostrando certo desânimo quanto a sua soltura (Fp 2.17; 3.11).

Alguns da guarda pretoriana que antes vigiavam a Paulo, naturalmente deram notícias de que agora Paulo estava algemado, conforme Fp 1.13. Tibério havia construído esta prisão maior ao norte, fora dos muros da cidade.

Paulo chegou a Roma em fevereiro do ano 61, e os “dois anos completos” (At 20.30) que ficara em sua casa alugada durou até o ano 63, o que significa que a epístola foi escrita quando o perigo de vida era maior, por volta do ano 63. A Providência de Deus reverteu o perigo. Ofonius Tigellinus era dado às intrigas palacianas e, com a morte de Palas, irmão de Félix, o favorito de Nero neste mesmo ano, acabou por eliminar aquele que poderia trazer maior perigo a Paulo.

V. O ESTILO

O estilo de Paulo nesta epístola é abrupto e descontínuo em que seu fervor o leva a passar rapidamente de um tema a outro, cf.

2.18,19-24,25-30; 3.1-15. Em nenhuma epístola ele demonstra tanto carinho e amor como nesta. Em Fp 4.1 parece faltar-lhe palavras para expressar seu afeto, por isso usa a expressão “minha alegria e coroa” pedindo-lhes que permanecessem firmes no Senhor.

Ao mencionar os bispos e diáconos em Fp 1.1, Paulo mostra que sua epístola foi escrita numa época em que já havia ordem nas igrejas.

VI. CARACTERÍSTICAS:

1. É uma carta de agradecimento na qual o missionário – Paulo – presta um relatório do progresso da obra.
2. Apresenta uma forma verdadeiramente autêntica de como deve o cristão viver: a) Humildade (2.1-4); b) Prosseguimento para o alvo (3.13-14); c) Excesso de preocupação (4.6); d) Capacidade de se fazer todas as coisas (4.13); e) É uma carta de alegria, palavra mencionada 16 vezes em suas várias formas; f) Contém um dos textos sobre Cristo mais profundos do NT (2.5-11), e por mais profundo que seja, Paulo o incluiu com fins ilustrativos.

ESBOÇO DO LIVRO

A maior parte dos assuntos esboçados abaixo foram tratados na introdução e na explicação da epístola nesta lição. No entanto, para que o estudante tenha uma visão panorâmica do livro sugere-se que tenha em mente a seguinte evolução da carta:

I. Saudação (1.1,2)

II. Ação de graças e orações pelos Filipenses (1.3-11)

III. As circunstâncias pessoais de Paulo (1.12-26).

IV. Exortações (1.27-2.18)

A. Uma vida digna do evangelho (1.27-30)

B. Imitando a Jesus em seu serviço (2.1-18)

V. Os colegas de Paulo no Evangelho (2.19-30)

A. Timóteo (2.19-24)

B. Epafrodito (2.25-30)

VI. Advertências a respeito dos judaizantes e antinomistas - Contradição entre leis ou princípios - (3.1-4.1)

A. A respeito dos judaizantes ou legalistas (3.1-16)

B. A respeito dos libertinos (3.17- 4.1)

Faz-se necessária aqui uma explicação sobre este tema: Existe diferença entre liberdade em Cristo e libertinagem espiritual. Em Cristo o crente maduro, isto é, o perfeito, tem liberdade de comer e de beber e sabe se restringir de certas práticas, quando necessário, sem escandalizar o próximo, assunto que Paulo trata em Romanos 14. Isto quer dizer que se todos fossem crentes maduros não se escandalizariam com o que o irmão come ou bebe; se este guarda dias da semana ou não. O problema na igreja são os crentes fracos, que nunca amadurecem em Cristo, e jamais chegam à maturidade cristã (Ef 4.12-14). E hoje com tantas ideias a respeito do que pode e não pode fazer, comer e vestir, os irmãos da igreja não amadureceram para respeitar a liberdade que cada pessoa tem em Cristo, inclusive a sua liberdade de viver constantemente sob sérias restrições.

Já os libertinos acreditavam que tudo lhes era lícito e que não precisavam se restringir em nada.

A definição de libertinos está em 3.19: “visto que só se preocupam com as coisas terrenas”. Os libertinos defendiam a liberdade do cristão em desfrutar e usufruir de todas as práticas sexuais, desde que feitas em amor, inclusive a relação homoerótica. Alguns aspectos dos libertinos são tratados na epístola de Judas, quando fala de Balaão e de Caim e da prática libertina dos irmãos e pregadores que frequentavam as reuniões dos cristãos. Os libertinos ainda existem e criaram “igrejas” para si onde podem professar a fé em Cristo e ao mesmo tempo viver na prostituição, mantendo relações sexuais com pessoas do mesmo sexo.

Os libertinos eram moralmente impuros, além de insubmissos, revoltados e ignorantes quanto a Deus (Jd 9-10). A condenação de Judas é “ai deles”, comparando-os a Caim, a Balaão e a Coré que se revoltou contra Moisés. Caim representa os que criam para si mesmo uma religião; Balaão representa os profetas atuais movidos pela ganância que recolhem ofertas polpudas nas igrejas e Coré representa os que se rebelam por amor ao poder e ao cargo eclesiástico (Jd 11).

VII. Exortações finais, agradecimentos e conclusão (4.2-23).

- A) Exortações sobre vários aspectos da vida cristã (4.2-9).
- B) Testemunho final e novos agradecimentos (4.10-20).
- C) Saudações e bênção (4.21-23).

EPÍSTOLA DE PAULO AOS COLOSSENSES

INTRODUÇÃO

Justino Mártir atestou a veracidade da epístola aos Colossenses ao citar o texto de Cl 1.15, “o primogênito de toda criação”, uma referência a Cristo, em sua obra *Diálogo com Trifão*, à p 311, (Cl 1.15). *Diálogo com Trifão* não está disponível em português. A história fornece o testemunho de Teófilo de Antioquia, Irineu, Clemente de Alexandria, Tertuliano e Orígenes nas obras escritas por estes pais da igreja. Todos estes citam textos desta epístola com frequência, o que lhe dá autenticidade canônica.

Colossos era uma cidade da Frígia, às margens do rio Lico, um afluente do Meander. A igreja dessa cidade era composta em sua maioria por convertidos gentios (Cl 2.13). Alguns comentaristas acreditam que Paulo não teria sido o fundador dessa igreja o que

inferem do texto de Cl 2.1 “e por quantos não me viram face a face”. O texto de Cl 1.7,8 sugere que Epafras foi o iniciador da igreja de Colossos.

O OBJETIVO DA EPÍSTOLA

O alvo da epístola é reagir contra os ensinamentos falsos dos judeus, expondo aos Colossenses a verdadeira fé em Cristo. Por isso Paulo fala dos seres celestiais, enfatiza a majestade de Cristo e a completude da redenção realizada na cruz. Paulo adverte os crentes de que devem viver segundo a imagem do Cristo ressurreto em todas as áreas da vida (Cl 2.16). Essa questão de guardar “lua nova e dias de sábados” mostra o ensinamento falso que os judaizantes queriam impor na igreja, totalmente contrário ao cristianismo.

Os judaizantes confundiam e misturavam teosofia oriental, adoração a anjos e o ascetismo de certos grupos de judeus, especialmente dos essênios (seita judaica ascética que teve existência desde mais ou menos o ano 150 a.C. até o ano 70 d.C.).

O ascetismo ou disciplina física, mental e espiritual é bom para o indivíduo, mas torna-se perverso quando as pessoas querem impor a mesma coisa para todos os demais crentes. Os teosofistas prometiam aos seus seguidores um aprofundamento no mundo dos espíritos, uma aproximação com a pureza e a inteligência celestial, além do que o evangelho proporciona.

Os comentaristas Conybeare e Howson acreditam que alguns alexandrinos apareceram em Colossos ensinando conceitos filosóficos da escola de Filo, agregando aos seus ensinamentos teosofia e angeologia rabínica que mais tarde foram incluídas na Cabala (filosofia esotérica que visa conhecer a Deus e o Universo). Os habitantes dessa região tinham uma tendência a serem místicos em sua adoração a Cibele, o que os levava a aceitarem o gnosticismo dos judaizantes, que mais tarde se tornou heresia. Nas epístolas pastorais o mal é mencionado como tendo alcançado uma fase mortal, cf. 1 Tm 4.1-3 e 6.5.

Na Frígia havia muitos falsos mestres, judeus que possivelmente tinham sido discípulos de João Batista que retinham em seus ensinamentos preceitos judaicos de obediência à lei de Moisés.

Para que o estudante tenha uma ideia clara do problema, muitos dos erros apontados por Jesus no livro de Apocalipse nas sete igrejas da Ásia, eram praticados em cidades vizinhas a Colossos. Havia aqueles que se diziam apóstolos e não eram, mas que os irmãos de Éfeso souberam colocar à prova, o que não está acontecendo com algumas igrejas que aceitam qualquer pessoa que se diz apóstolo (Ap 2.2). Em Esmirna havia os que se declaravam judeus, mas Jesus os denuncia como sendo “sinagoga de Satanás” (Ap 2.9). Lembre! Isso já havia na igreja do primeiro século!

Em Tiatira, Jezabel, uma mulher que se dizia profetiza, levava os líderes a viverem em prostituição. Situação muito semelhante ao que acontece hoje em que irmãs que se dizem servas de Deus, insinuam novos casamentos e novos relacionamentos contrários à palavra de Deus (Ap 2.20). Em Pérgamo havia os que defendiam o ensinamento dos nicolaítas e os ensinamentos de Balaão (Ap 2.14-15). Parece que já existia uma tendência de se estabelecer um clero que intermediava as pessoas com Deus. A proximidade dessas igrejas com Colossos pode inferir que essas doutrinas tenham influenciado a igreja de Colossos.

Quando Paulo se dirigiu aos líderes de Mileto e Éfeso alertou quanto aos falsos mestres (At 20.29,30).

O ESTILO

O estilo é peculiar e segue a fluência do grego em palavras como “filosofias e vãs sutilezas” em Cl 2.8, e a expressão, “os expôs publicamente” (Cl 2.15), indica que o autor conhecia as festas romanas em que havia desfile dos soldados derrotados perante o imperador e o povo em Roma. Pode-se inferir pela epístola que Paulo não está tratando com problemas morais dos membros da igreja, já que nenhuma menção disso há na carta.

A CIDADE

Colossos, anos antes de Paulo tinha sido uma cidade de primeira grandeza na Ásia menor, atual Turquia, mas depois foi suplantada pelas cidades de Laodiceia e Hierápolis. Essas duas últimas cidades mencionadas na carta, provavelmente tiveram igrejas abertas por Epafras.

A cidade se localizava junto ao rio Lico na rota comercial entre o leste e o oeste, que ia de Éfeso, no mar Egeu ao rio Eufrates, atual Iraque e Irã.

Durante os três anos que Paulo passou em Éfeso, Epafras ou outros convertidos de Paulo abriram igrejas em Laodiceia e Hierápolis. Algumas igrejas funcionavam nos lares (Cl 4.15; Fm 2).

LOCAL E DATA

A epístola deve ter sido escrita em Roma durante seu tempo na cadeia (At 28.17-31). Na introdução da carta aos Efésios 1 o estudante viu que três epístolas, a de Efésios, Colossenses e Filemom foram enviadas na mesma ocasião, antes da morte de Burro, por ocasião em que Paulo gozava de certa liberdade na prisão. Pelos textos de Cl 4.3-4 e Ef 6.19-20 percebe-se que Paulo tinha mais liberdade de escrever, o que já não possuía quando escreveu aos Filipenses, depois que Tigellino foi eleito prefeito do pretório. A epístola aos laodicenses (Cl 4.16) foi escrita antes da de Colossenses, mas, provavelmente enviada a Laodiceia na mesma ocasião de Colossenses.

A igreja de Colossos não foi fundada por Paulo. Mas, certamente Epafras lhe pediu para corrigir alguns erros doutrinários que apareceram no seio da irmandade. Alguns erros doutrinários eram:

1. Os perigos da filosofia (2.4-8). Mal que ainda persiste em entrar na igreja, porque a teologia atualmente ensinada em alguns seminários vem impregnada com a filosofia de homens. Era uma filosofia baseada na tradição humana, e não nos ensinamentos de Cristo. Os conceitos filosóficos são

muitas vezes vagos e alimentam o intelecto com coisas que podem não condizer com a doutrina de Cristo. É bom conhecer filosofia, mas jamais permitir que as filosofias dos homens interfiram no sadio ensinamento dos apóstolos de Cristo.

Esses elementos da influência dos falsos mestres parecem ser de duas categorias: judaica e gnóstica. Essa mistura de judaísmo e de gnosticismo tomava conta da igreja naquele primeiro século e Paulo já alertava os irmãos quanto a isto.

2. Cerimonialismo. Paulo contestou as regras severas a respeito de comidas e bebidas e das festas religiosas (2.16-17). E alertou sobre a prática da circuncisão que os judeus insistiam em estabelecer nas igrejas gentílicas (2.11; 3.11). O judaísmo se infiltrara nesta igreja gentílica. Os judeus insistiam na prática da lei mosaica, mas Moisés recebera de Deus revelação de que a igreja e os remidos são um novo corpo, um novo homem e não mais judeus.

O estudante deve perceber como a revelação que Paulo recebeu da igreja foi importante para os dias de hoje. Se a igreja tivesse adotado a prática da circuncisão, o evangelho ficaria restrito aos judeus. Mas Paulo foi corajoso em romper com uma tradição milenar dos tempos dos patriarcas em que a circuncisão foi estabelecida como marca da aliança entre Abraão e Deus. Hoje, se tal prática fosse mantida pelos apóstolos, um missionário, ao chegar numa cidade teria que começar uma clínica, antes de começar um templo. Teria que contratar médicos para fazer o corte cirúrgico nos novos crentes, e isto seria um impeditivo a pregação do evangelho de Jesus Cristo. Os homens, então, não se converteriam!

3. Ascetismo. Existe o lado positivo e o negativo do ascetismo. Como disciplina física é bom, porque quem quer vencer precisa ser disciplinado. Mas o ascetismo envolve também o controle da mente e do espírito e levava os crentes a serem mais teosóficos do que teológicos na doutrina. O lado

negativo é quando o ascetismo se torna uma regra para todos, e não para um indivíduo. Querer que todos pensem e ajam da mesma maneira fere as liberdades cristãs. "... não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquilooutro" (2.21; cf. 2.23). E, dizer que tais exigências são tão fortes na igreja de hoje!

Existem provas de que havia muita influência teosófica oriental, que mais tarde entrou na igreja com o nome de gnosticismo.

4. Adoração e invocação a anjos (2.18). Essa doutrina ensinava que os anjos ou espíritos dos elementos intermediavam entre Deus, um ser puro, absoluto e inatingível e o mundo dos espíritos do mal. Tal doutrina não foi erradicada, porque um dos cânones (o 35º) do Concílio de Laodicéia, realizado, provavelmente no ano 363 diz: "Não é correto abandonar a igreja de Deus e invocar a anjos... caso alguém seja encontrado praticando este tipo de idolatria, que seja anátema!". Um século depois Teodorete comentando este texto disse: "Esta enfermidade durou por muitos anos na Frígia e na Psídia...". E, de certa forma, o culto a anjos em suas variações continua tendo lugar no meio evangélico.
5. Depreciação de Cristo. Isto se torna evidente pela forma como Paulo ressalta a supremacia de Cristo (1.15-20; 2.2, 3, 9). A supremacia de Cristo é destacada por Paulo, porque a teosofia oriental dos gnósticos afirmava que o Filho de Deus apenas se "manifestara" ou tivera uma aparência física, e que o Cristo da cruz era apenas uma aparência e não a realidade. Por isso Paulo enfatiza que em Cristo "habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade" (Cl 2.9).
6. Conhecimentos secretos. Não é próprio da doutrina da igreja manter mistérios ocultos que só serão revelados a quem alcança determinado grau ou maturidade... Os gnósticos disso se jactavam (2.18 e o realce que em 2.2, 3, Paulo dá a Cristo, "em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento

estão ocultos”). Assim, qualquer mistério oculto está revelado em Cristo, para tanto, basta manter intimidade com Cristo Jesus.

ESBOÇO DA EPÍSTOLA

I. Introdução (1.1-14).

- A. Saudações (1.1,2).
- B. Ação de graças (1.3-8).
- C. Oração (1.9-14).

II. A supremacia de Cristo (1.15-23).

III. A labuta de Paulo a favor da igreja (1.24-2.7).

- A. Um ministério por amor à igreja (1.24-29).
- B. Solicitude pelo bem-estar espiritual dos leitores (2.1-7).

IV. Livres dos regulamentos humanos, mediante a vida com Cristo (2.8-23).

- A. Advertência para precaver-se contra os falsos mestres (2.8-15).
- B. Rogos para rejeitar os falsos mestres (2.16-19).
- C. Uma análise da heresia (2.20-23).

V. Regras para o viver santo (3.1-4.6).

- A. O velho homem e o novo homem (3.1-17).
- B. Regras para os lares cristãos (3.18- 4.1).
- C) Outras instruções (4.2-6).

VI. Saudações finais (4.7-18).

ATIVIDADES – LIÇÃO II

- **Marque “C” para Certo e “E” para Errado:**

- 1) ☐ Éfeso era a mais importante cidade a oeste da Ásia Menor, onde atualmente está a Turquia.

- 2) ☐ O objetivo da carta de Paulo aos Efésios era o de expandir o conhecimento dos irmãos a respeito da fé, da graça e dos mistérios de Deus.
- 3) ☐ Nos capítulos 2 e 3 aos Efésios, Paulo mostra que judeus e gentios não estão mais separados nem são mais tratados separadamente por Deus, porque agora foram unidos tornando-se um só povo.
- 4) ☐ Os cristãos de Coríntios enviaram duas vezes socorro material para suprir as necessidades de Paulo depois que este partiu (Fp 4.15,16).
- 5) ☐ Justino Mártir atestou a veracidade da epístola aos Colossenses ao citar o texto de Cl 1.15, "o primogênito de toda criação", uma referência a Cristo.
- 6) ☐ O alvo da epístola aos Colossenses, é reagir contra os ensinamentos falsos dos judeus, expondo a verdadeira fé em Cristo. Por isso Paulo fala dos seres celestiais, enfatiza a majestade de Cristo e a completude da redenção realizada na cruz.

Anotações:

[illegible]

Anotações:

Lição III

1ª e 2ª Tessalonicenses
1ª e 2ª Timóteo
Tito e Filemom

EPÍSTOLAS 1º E 2º TESSALONICENSES, 1º E 2º TIMÓTEO, TITO E FILEMOM

Nesta lição o estudante se deterá no estudo de duas cartas à igreja de Tessalônica, e quatro cartas chamadas de “epístolas pastorais”. O estudante tem sempre um histórico da cidade, sua geografia, a cultura do povo e uma noção de como o evangelho chegou à determinada cidade.

Inicialmente veremos a razão porque Paulo escreveu aos Tessalonicenses.

No estudo das cartas pastorais, o estudante acompanhará o desenvolvimento espiritual de Timóteo, Tito e o objetivo da carta a Filemom, um amigo de Paulo.

EPÍSTOLAS AOS TESSALONICENSES

A autenticidade desta epístola vem da pena de Irineu, em *Contra Heresias*, que cita 1 Ts 5.23 em seus escritos; das observações de Clemente de Alexandria, em *O Instrutor* que cita 1 Ts 2.7; de Tertuliano, *Sobre a Ressurreição da Carne*, citando 1 Ts 5.1 e de Orígenes em *Contra Celso*.

A CIDADE

Tessalônica era uma cidade portuária da Macedônia. O estudante pode situá-la geograficamente no mapa que apresenta o trajeto da terceira viagem missionária de Paulo. (Veja Apêndice – Mapa 3).

A situação geográfica era favorável ao comércio com outras cidades e povos e possuía um porto excelente, além de uma rodovia

calçada com grandes pedras que a ligava às demais cidades, conhecida como Via Egnatia cf. a foto abaixo retirada da Internet.

A Macedônia era um país independente até que foi conquistada pelos Romanos, através de uma aliança de Filipe II durante a guerra púnica. O país se tornou uma província romana em 148 a.C.



Existem opiniões diversas quanto ao nome da cidade. No tempo de Heródoto o nome da cidade era Therme, devido as águas termais da região, e quando Paulo esteve ali a cidade já se chamava Tessalônica. A cidade teve o nome trocado por Cassandro em homenagem a sua esposa Tessalônica, filha de Filipe. Outros, no entanto afirmam que a cidade teve o nome mudado pelo próprio Filipe em memória à sua vitória sobre os exércitos de Tessaly.

A cidade era habitada por gregos, Romanos e judeus. Existia ali adoração a muitos deuses, especialmente Júpiter, pai de Hércules, que era tido como o fundador da família real mais antiga. Um grande anfiteatro ocupava o centro da cidade onde os gladiadores divertiam os habitantes e havia performances circenses para a população. Os Romanos passaram a residir ali desde sua ocupação, e os judeus da Diáspora² encontram na cidade lugar ideal para seus negócios. Nos dias de Paulo havia ali uma sinagoga dos judeus que Paulo usou para pregar sobre Jesus Cristo (At 17.1-2). Como era comum nas cidades gregas as mulheres tinham pouco valor e eram vistas como seres inferiores. Existe uma citação histórica sem fonte segura que afirmou: "As mulheres eram vistas

² Diáspora judaica (no hebraico *tefutzah*, "dispersado", ou גלות *galut* "exílio") refere-se a diversas expulsões forçadas dos judeus pelo mundo e da consequente formação das comunidades judaicas fora do que hoje é conhecido como Israel.

como pessoas sem virtude alguma e eram motivo para sátiras nos teatros e circos”.

Diferentemente das construções dos dias de hoje em Salônica, as casas de Tessalônica eram feitas de tijolos crus. O rabino Benjamim de Tudela que a visitou no ano 1160 afirmou que a cidade tinha, pelo menos, quinhentos habitantes judeus.

Tessalônica hoje se chama Salônica e é a segunda maior cidade Grécia, uma cidade moderna, à beira-mar. (Veja Apêndice – Mapa 3).

O ESTABELECIMENTO DA IGREJA EM TESSALÔNICA

O evangelho foi pregado pela primeira vez em Tessalônica por Paulo e Silas, cujo registro está em Atos 17.1-9. Chegaram ali depois da intensa perseguição sofrida em Filipos, passando por Anfípolis e Apolônia. Por alguma razão Paulo e Silas não se detiveram nessas duas cidades e foram diretamente para Tessalônica. Talvez porque em Tessalônica houvesse mais judeus que nas anteriores.

Nas três vezes em que Paulo pregou na sinagoga da cidade ocupou-se em convencer os judeus pelas Escrituras que era necessário que o Messias morresse e ressuscitasse ao terceiro dia, e que tais coisas se cumpriram na vida de Jesus de Nazaré (At 17.2-3). O estudante deve ter em mente que os apóstolos não dispunham de documentos comprobatórios nem a Escritura do Novo Testamento, mas apenas o texto das Escrituras proféticas contidas no Pentateuco, nos Salmos e nos profetas. “Como numerosa multidão de gregos piedosos e muitas distintas mulheres” aderiram ao que Paulo pregava, os judeus começaram a perseguir os apóstolos (At 17.4).

O fato de haverem pregado apenas três sábados na sinagoga dos judeus não indica que ficaram ali somente este tempo. O certo é que com o número de convertidos crescendo, Paulo e Silas devem ter permanecido na cidade um bom tempo, hospedados na casa de Jasom, conforme a acusação dos judeus (At 17.5). Infere-se

pelo texto de 1 Ts 2.9 que Paulo permaneceu ali trabalhando em sua profissão, enquanto fundamentava os crentes na fé. Comparando este texto com 2 Ts 3.8 pode-se imaginar que não ficaram apenas três semanas, porém por mais tempo. Deduz-se pelo texto de Filipenses 4.16 que deve ter ficado em Tessalônica tempo suficiente para receber ajuda dos irmãos de Filipos, “porque até para Tessalônica mandastes não somente uma vez, mas duas, o bastante para as minhas necessidades.”

Paulo e Silas precisaram fugir da cidade devido a intensa perseguição dos judeus. O livro de Atos registra este episódio (At 17.5-7).

Duas coisas devem ser observadas no texto do historiador Lucas em Atos: *Primeiro*, a reclamação dos judeus de que “os que têm transtornado o mundo”, haviam chegado a Tessalônica, o que implica afirmar que o evangelho traz implicações sociais onde é pregado. *Segundo*, os judeus usaram a argumentação de que a pregação de Paulo ofendia o culto ao imperador. Os súditos do império eram levados a queimar incenso ao imperador.

Os irmãos da igreja vendo que os apóstolos corriam perigo de vida trataram de conduzi-los durante a noite (talvez secretamente) para a cidade de Beréia. Mas, os judeus de Tessalônica insistiam em perseguir a Paulo para matá-lo e foram até Beréia. Os discípulos, atentos ao movimento do inimigo promoveram a partida de Paulo para Atenas, onde Paulo se refugiou (At 17.13). Os irmãos que o levaram a Atenas receberam ordens de solicitar que Silas e Timóteo fossem imediatamente para lá. Paulo, ao que parece não suportava a solidão e queria estar perto dos membros de sua equipe (At 17.15). Somente com a chegada desses dois é que Paulo deu início ao seu ministério de pregação na região (At 18.5).

DATA, LOCAL E OBJETIVO DA EPÍSTOLA

Tudo indica que o objetivo de Paulo com as epístolas era ensinar aos irmãos sobre o reino de Cristo, o que se infere dos

seguintes textos: 1 Ts 1.10; 2.12,19; 3.13; 4.13-18; 5.1-11. 23,24. Estes textos tratam da vinda do reino de Cristo à terra.

Nenhum dos apóstolos deixaram ensinamentos estabelecendo quando ocorrerá a vinda do Senhor, e não deixaram brecha teológica alguma para seguir este ou aquele ponto de vista. Somente a partir do século XIX João Darby e Scofield passaram a ensinar sobre o arrebatamento pré-tribulacional. Darby e Scofield foram líderes importantes na Igreja dos Irmãos ou Assembleia dos Irmãos de onde procedem alguns grupos pentecostais, entre eles a Congregação Cristã.

O ensinamento de Paulo sobre a vinda do reino de Cristo é que causou a grande perseguição dos judeus que afirmaram que ele procedia contra os decretos de César “afirmando ser Jesus outro rei” (Cf. At 17.5-9). Os asiarcas judeus, adoradores do Imperador não gostavam dessa mensagem paulina. Veja o diálogo de Jesus com Pilatos (Jo 18.33-37; 19.12 cp. Mt 26.64). Os judeus pervertiam a doutrina da vinda do reino de Cristo acusando que era uma traição a César.

Apesar da perseguição aos apóstolos a igreja foi estabelecida na cidade de Tessalônica e cada novo convertido se tornou um missionário aproveitando o intenso comércio da cidade, e pelo exemplo de vida os crentes imitavam a Cristo tornando o evangelho conhecido em toda a Macedônia, Acaia e outros povos (1 Ts 1.7-8).

Mudando de assunto: Em Atenas Paulo ficou na expectativa de voltar a ver os tessalonicenses para se certificar de que estavam realmente firmados na fé e “reparar as deficiências da vossa fé” (1 Ts 3.10), mas, provavelmente, utilizando os judeus tessalonicenses como seus instrumentos (Jo 13.27), “Satanás o impediu” (1 Ts 2.18 cf. At 17.13).

O relatório que Timóteo deu da igreja de Tessalônica foi altamente favorável, porque Timóteo informou que eles abundavam em fé e amor e também desejavam muito rever a Paulo (1 Ts 3.6-10). Apesar disso, como ninguém é perfeito, alguns deles

na expectativa da vinda de Cristo se esqueciam de seus deveres na terra (1 Ts 4.11-12).

Alguns irmãos viam seus parentes morrer e ficavam em dúvida se estes ainda veriam a vinda de Cristo, e Paulo teve que orientá-los de que os mortos em Cristo veriam a Cristo antes dos vivos na vinda do Senhor. Além de que alguns deles não estavam vivendo castamente diante do Senhor (1 Ts 5.5-7), esquecendo-se de amar e cuidar de seus líderes (1 Ts 4.3-10; 5.13,15). O sintoma de uma igreja que se esquece de seus líderes e não os honram é quando o Espírito Santo não tem mais prioridade no meio da igreja. Por isso Paulo lhes diz: “Não apaguem (a chama) do Espírito” (1 Ts 5.19).

A epístola, sem dúvida, foi enviada de Corinto onde Timóteo e Silas reencontraram a Paulo (At 18.5 veja 1 Ts 2.17) logo depois que esses obreiros ali chegaram, no outono de 52 d.C. ou no início do ano 53, porque a carta foi escrita não muito tempo depois da conversão dos tessalonicenses (1 Tm 1.8,9). A epístola foi escrita de forma conjunta em nome de Paulo, Silas (Silvano) e Timóteo (1 Ts 1.1). O pronome no plural, “nós” é usado em toda carta com exceção de 1 Ts 2.18; 3.5; 5.27. Mas o “nós” é prevalecente (1 Ts 4.13).

O ESTILO

O estilo é calmo e equilibrado, em conformidade com o tema que trata dos deveres cristãos em geral. Não havia erros doutrinários que precisassem ser tratados, a não ser a questão dos que estavam morrendo e dos desordeiros que insistiam em viver à custa dos outros e não trabalhavam (1 Ts 4.11; 2 Ts 3.6 e ss.). Nas epístolas anteriores (Romanos e Gálatas) Paulo teve que tratar de questões doutrinárias, como a doutrina da justificação pela fé. As epístolas tardias foram escritas da prisão em Roma. As cartas pastorais trazem assuntos mais eclesiais como o estabelecimento da constituição da igreja com orientações aos bispos e diáconos.

Por ser uma igreja composta em sua maioria de gentios, não existem muitas referências a textos do Antigo Testamento.

O estudante pode melhorar seu entendimento da primeira carta aos tessalonicenses seguindo a estrutura a seguir:

- I. Ação de graças pelos tessalonicenses (Cap. 1).
 - A) Motivos para as ações de graças (1.1-4).
 - B) Os motivos (1.5-10).
- II. Defesas das ações e ausência do apóstolo (caps. 2 e 3).
 - A) Defesa das ações do apóstolo (2.1-16).
 - B) Defesa da ausência do apóstolo (2.17 a 3.10).
 - C) Oração (3.11-13).
- III. Exortações aos tessalonicenses (4.1 a 5.22).
 - A) A respeito da vida pessoal (4.1-12).
 - B) A respeito da segunda vinda de Cristo (4.13-5.11).
 - C) A respeito da vida da igreja (5.12-22).
- IV. Oração final, saudações e bênção (5.23-28).

SEGUNDA EPÍSTOLA DE PAULO AOS TESSALONICENSES

INTRODUÇÃO À SEGUNDA EPÍSTOLA:

No estudo anterior o aluno viu como teve início a igreja em Tessalônica, e aprendeu certos detalhes na prolongada introdução da primeira carta.

Da mesma maneira que a primeira epístola, esta também foi atestada como genuína por Policarpo em sua *Epístola aos Filipenses* 1.1 que cita 2 Ts 3.15. Justino Mártir em *Diálogo com Trifão* cita 2 Ts 2.3. Irineu, Clemente de Alexandria e Tertuliano fazem menção em suas obras a esta segunda epístola. Os escritos dos primeiros pais servem de carimbo da veracidade da carta.

O OBJETIVO DA CARTA

Os relatos de Tessalônica, depois que Paulo enviou a primeira epístola, mostram que a fé e o amor daqueles irmãos aumentaram significativamente e que a perseguição não abalou a fé dos irmãos. Um erro doutrinário, contudo, se transformara numa prática não agradável entre eles. A descrição que Paulo faz da iminente vinda de Cristo (1 Ts 4.13 etc. e 1 Ts 5.2) e a possibilidade de ocorrer a qualquer momento levou-os a pensar que a vinda de Cristo aconteceria naqueles dias.

Apesar de ser uma epístola curta e concisa em que Paulo trata da questão da segunda vinda de Cristo corrigindo um pensamento errado que havia numa igreja local, o tema é de interesse da igreja em todas as épocas.

Alguns professavam que esta vinda de Cristo estava próxima por revelação do “Espírito” (2 Ts 2.2) e sempre que Paulo fala em “Espírito” em algumas passagens parece ser algo que tenha ocorrido em línguas como em 1 Co 14.14-17 e os cânticos espirituais que eram no Espírito (Cl 3.16). Outras pessoas alegavam que Paulo lhes falara disso e até parece que uma suposta carta de Paulo circulara entre eles com essa doutrina. (Uma carta espúria em nome de Paulo [2 Ts 2.2 cf. 3.17], e por isso ele se refere ao modo dele assinar uma carta para diferenciar de outras que poderiam circular em seu nome).

Devido a ideia de que a vinda de Jesus estava para ocorrer a qualquer momento, alguns irmãos deixaram de lado seus afazeres normais, para se dedicar a caridade esperando apenas a volta do Senhor, e este erro precisou ser corrigido. Por isso o tema principal da segunda epístola é a vinda do Senhor e as obrigações dos irmãos aqui na terra.

O capítulo dois trata explicitamente de que, antes da vinda do Senhor, primeiramente virá uma grande apostasia e o homem do pecado deverá ser revelado. Por isso, a vinda iminente do Senhor não deve ser desculpas para negligenciar os negócios. Ninguém deveria causar escândalo na igreja por causa disso, ao contrário,

deveriam ser trabalhadores (2 Ts 3.7-9). Os crentes verdadeiramente fieis deveriam ser diferentes dos desordeiros que não queriam trabalhar, mas queriam apenas ficar esperando a vinda do Senhor (2 Ts 3.6,10-15).

Por isso Paulo trata da teologia do trabalho, porque muitos irmãos com a desculpa de que estão se preparando para a chegada do Senhor, se tornaram desordeiros e passaram a viver à custa dos outros (2 Ts 3.6-16).

Esta segunda epístola pode ser dividida em três partes:

1. Recomendações aos irmãos de Tessalônica para que vivam em fé, amor e paciência no meio das tribulações (2 Ts 1.1-12).
2. Orientações quando a segunda vinda de Cristo e o aparecimento e queda do homem do pecado (2 Ts 2.1-7).
3. Exortações a uma conduta ordeira no viver cristão, trabalhando com as mãos para poder se sustentar e vivendo em harmonia com os irmãos, seguida de uma amostra de como Paulo assinava suas epístolas (2 Ts 3.1-16).

Com respeito a segunda vinda de Cristo até hoje os comentaristas se debatem com argumentos defendendo pontos de vistas divergentes. Paulo fala no capítulo 2.3 que a vinda do Senhor não acontecerá sem que antes venha a apostasia. Ora, o império romano era um grande empecilho para a apostasia, pois que não deixava surgir novas religiões nem novas ideias – nem mesmo o cristianismo tinha liberdade, e a apostasia chegou no quarto século com Tertuliano, o imperador. A apostasia é um tema amplo e completo, pois hoje a igreja vive um tempo de apostasia, e muitos homens de iniquidade surgiram ao longo dos séculos. Existem, no entanto, várias chaves no texto para entender o tempo da igreja.

DATA E LOCAL EM QUE A CARTA FOI ESCRITA

Como a epístola foi escrita em nome de Paulo, Timóteo e Silas (Silvano), deve ter sido escrita enquanto estes estavam com Paulo em Corinto (Compare Atos 18.18 com 19.22), durante aquele

“um ano e seis meses” que Paulo ficou ali (At 18.11). Isto seria no final da primavera do ano 54 d.C. uns seis meses depois de enviar a primeira epístola.

O ESTILO

O estilo é semelhante às demais epístolas de Paulo, exceto no que diz respeito à parte profética (2 Ts 2.1-12) o que dá distinção à carta. A 1ª epístola trata, maiormente, do segundo advento e dos que morreram em Cristo (1 Ts 4.1 a 5.28), assim esta epístola enfatiza a destruição final da iniquidade, o homem do pecado. Paulo deve ter dito aos irmãos em suas pregações e não por escrito muitas coisas que são desconhecidas dos leitores (2 Ts 2.5).

Provavelmente Paulo visitou Tessalônica a caminho da Ásia (At 20.4), levando com ele Aristarco e Segundo, também aqueles que estavam no navio que naufragou eram “companheiros de prisão” em Roma (At 27.2 e ss.; Cl 4.10; Fm 1.24). Conforme a tradição, Aristarco se tornou bispo de Apameia, na Grécia.

ESTRUTURA PARA ENTENDIMENTO DO LIVRO

I. Introdução (Cap. 1).

A) Saudação (1.1-2).

Silvano (Silas) e Timóteo estavam com Paulo nesta ocasião. Silas é mencionado pela primeira vez no NT quando a igreja de Jerusalém o enviou com Paulo para Antioquia levando o documento com a decisão tomada no primeiro concílio da igreja (At 15.22). Comentaristas afirmam que Silas teria sido um dos setenta discípulos de Jesus, e esteve presente desde o início da igreja.

B) Ação de graças pela fé, amor e perseverança (1.3-12).

C) Intercessão pelo progresso espiritual deles (1.11-12).

II. Instrução (Cap. 2).

A) Profecia a respeito do dia do Senhor (2.1-12).

B) Ação de graças pela eleição e pelo chamado deles (sua posição) (2.13-15).

- C) Oração pelo serviço e pelo testemunho deles (sua prática) (2.16-17).

III. O testemunho cristão perante o mundo (Cap. 3).

- A) Chamado à oração (3.1-5).
B) Os desordeiros e preguiçosos conclamados à disciplina (3.6-15).
C) Conclusão, saudação e bênção (3.16-18).

Paulo decide mostrar aos irmãos que era daquela maneira que ele assinava suas cartas – para que ninguém lesse cartas afirmando serem de Paulo. Ele deixou bem claro como ele assinava as cartas.

PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PAULO A TIMÓTEO

INTRODUÇÃO ÀS CARTAS PASTORAIS DE 1º E 2º TIMÓTEO



o estudar a carta de Paulo a Timóteo o aluno será levado a examinar algumas referências da segunda carta e também da epístola remetida a Tito. Isto porque alguns dos temas tratados por Paulo são tratados nas três cartas, especialmente no que diz respeito aos falsos mestres e aos gnósticos que surgiam na igreja daquele primeiro século.

AUTENTICIDADE

A igreja primitiva nunca duvidou da canonicidade destas cartas nem da autoria de Paulo. As cartas foram citadas nos fragmentos do cânone Muratori, documento existente desde o fim do segundo século e encontrado na biblioteca ambrosiana de Milão. São pequenos fragmentos de documentos da igreja.

Irineu cita partes das duas cartas em seu documento *Contra as Heresias*. Clemente de Alexandria também cita 2º Timóteo ao falar das diaconisas em *Miscelâneas*. E as cartas foram atestadas como verídicas por Tertuliano, Eusébio e Teófilo de Antioquia. Clemente de Roma, no final do primeiro século menciona estas cartas em sua missiva aos coríntios. Obviamente que Marcião, o gnóstico rejeitava estas cartas.

ORIENTAÇÕES QUANTO AO GOVERNO DA IGREJA

Na epístola a Timóteo e a Tito, Paulo estabelece as diretrizes para o estabelecimento do governo na igreja. Bispos ou presbíteros ou ainda como diz a versão corrigida, os anciãos e diáconos formam o governo da igreja.

ÉPOCA E LOCAL QUE FOI ESCRITA

A primeira epístola a Timóteo foi escrita não muito tempo depois de Paulo haver saído da Macedônia (1 Tm 1.13). Timóteo estivera com Paulo em Corinto (2 Co 1.1) e o enviou a Macedônia conforme registrado em Atos 19.22 e 20.1. Não era bom que a igreja de Éfeso e das cidades vizinhas ficassem sem liderança, por isso Paulo dá a Timóteo os critérios para o levantamento de presbíteros. Timóteo era muito jovem (1 Tm 4.12), porque depois que Paulo foi preso Timóteo teria uns trinta e quatro anos de idade. Em Atos 20.25 Paulo afirma que os irmãos de Éfeso não o veriam novamente, por isso em 1 Tm 1.3 refere-se a sua viagem a Éfeso registrada em Atos 19.10. Só então é que passa pela Macedônia.

Eusébio em suas *Crônicas*, diz: “Nero, aos seus crimes acrescentou intensa perseguição aos cristãos e sob seu reinado os apóstolos Pedro e Paulo foram martirizados em Roma”. Jerônimo, em *Homens Ilustres* afirma que “no décimo quarto ano de Nero, Paulo foi decapitado em Roma por amor a Cristo, no mesmo dia da morte de Pedro e foi sepultado na via Ostian, no trigésimo sétimo ano depois da morte de nosso Senhor”. Mas são conjecturas, porque Jerônimo viveu três séculos depois. Os comentaristas deduzem que as epístolas pastorais foram escritas durante aquele tempo.

A primeira visita de Paulo a Éfeso não deve ter sido a que está registrada em Atos 19.1-41, porque no capítulo 18.19-21 vê-se o registro da chegada de Apolo a Éfeso pregando o evangelho, e ali o casal Áquila e Priscila cuidavam da igreja (At 18.24-26).

Os falsos mestres poderiam ter facilmente surgido ali mesmo em Éfeso, levando-se em consideração que os primeiros conversos daquela cidade estiveram sob o ensinamento de Apolo. Ora, Apolo em Alexandria ficou exposto aos ensinamentos de Filo e aprendera muito também sobre os ensinamentos de João Batista (At 18.24-26). Mas, esta teoria é altamente discutível, porque Lucas fala muito bem dele (At 18.25).

O estudante deve levar em conta que Éfeso era conhecida pela prostituição e feitiçaria (At 19.18-19), práticas que faziam parte do culto a Diana. Este culto incluía elementos orientais e licenciosidade asiática. Daí o cuidado de Paulo em alertar Timóteo sobre os falsos elementos que insistiam em se misturar com a sã doutrina, o que pode ser visto também na exortação de Jesus à igreja, porque falsos apóstolos se infiltravam em Éfeso e ensinavam a doutrina dos nicolaítas (Ap 2.2,6).

TEMAS ABORDADOS NA EPÍSTOLA

A partir das informações acima pode-se resumir alguns pontos nesta apresentação de Timóteo:

I. Saudação (1.1,2).

Timóteo é tratado como “verdadeiro filho na fé”. O estudante deve ter em mente como e quando Paulo encontrou Timóteo em Listra. Timóteo foi-lhe apresentado como moço de bom testemunho na igreja da cidade (At 16.1-2).

II. Advertência contra os falsos mestres (1.3-11).

1. Havia muita oposição ao trabalho de Paulo por parte dos judeus que residiam em Éfeso (At 19.8,9), de onde foi escrita esta 1ª epístola. (A 2ª foi escrita da prisão em Roma).

2. Havia na igreja mestres que faziam o possível em preservar a lei judaica, e defendiam que os cristãos deveriam cumprir a lei (1 Tm 1.6,7).
3. Alguns judeus residentes de Éfeso praticavam o exorcismo, e queriam usar o cristianismo e o nome de Jesus para se autopromover (At 19.14 cp. 1 Tm 1.4). Historiadores afirmam serem comuns na época equipes de exorcistas ambulantes – peripatéticos – que andavam por toda parte expulsando demônios em nome de algum famoso líder do passado. Por exemplo, expulsavam demônios em nome de Abraão, de Moisés, de Davi etc.
4. Os mestres judeus enfatizavam a importância das genealogias e das tradições judaicas, e gostavam de ficar debatendo questões a respeito da lei (1 Tm 1.4-6).

Existem pastores que reclamam que têm problemas com os membros da igreja, mas nada se compara aos problemas que são trazidos pelos falsos mestres. Naqueles dias os falsos mestres estavam presentes na igreja e não havia parâmetros claros para definir os falsos dos verdadeiros. Depois que a doutrina da igreja foi definitivamente estabelecida pelos primeiros pais tornou-se mais fácil tomar decisões a respeito dos mestres falsos. Hoje a igreja tem parâmetros doutrinários claros, o que não havia naquela época.

III. A graça do Senhor na vida de Paulo (1.12-17).

Paulo enfatizava frequentemente a graça do Senhor Jesus Cristo em sua vida e não se orgulhava de ser apóstolo, pois considerava que o apostolado era resultado da graça de Jesus Cristo. Em 2 Coríntios 11, Paulo defendia seu apostolado com unhas e dentes, e decidiu contar a experiência que teve catorze anos antes (2 Co 12) para mostrar que ele também era apóstolo. Repentinamente Paulo faz uma pausa – o espinho na carne o feria novamente – e ele não relata o que lhe acontecera.

Arrependido de se orgulhar do apostolado, Paulo passou a se considerar “o menor de todos os santos” (Ef 3.8), e aqui a

Timóteo afirma que é o principal dos pecadores (1 Tm 1.15). Paulo olha para seu passado de “blasfemo, perseguidor e insolente” (1.13), e agora afirma que lhe foi “concedida misericórdia”, para que nele, “o principal (pecador-ver contexto dos versículos), evidenciasse Jesus Cristo a sua completa longanimidade” (1.16). E irrompe num cântico de louvor (1.17).

IV. O propósito das instruções de Paulo a Timóteo (1.18-20).

Paulo lembra a Timóteo do chamamento ministerial, “segundo as profecias de que antecipadamente foste objeto: Combate, firmado nelas, o bom combate” (1.18). Por este texto percebe-se que havia confirmação com a palavra profética e manifestação de dons, na ordenação ministerial quando se impunha as mãos sobre um obreiro (2 Tm 1.6, cf. 1 Tm 5.22). Hoje a ordenação ministerial em algumas igrejas é tão solene e fria que não existe lugar para a manifestação do Espírito Santo nem para as profecias individuais.

Não se sabe exatamente como entregar alguém a Satanás, mas Paulo sabia como fazê-lo, porque entregou o homem que se deitava com a mulher do pai (1 Co 5.4-5), e dois dos colegas que trabalhavam com ele (1 Tm 1.20). Não se sabe sobre o que blasfemaram.

V. Instruções sobre as reuniões da igreja (Cap. 2).

1. A igreja deve cumprir sua missão de interceder a favor das autoridades com súplicas e ações de graças, isto é, louvando a Deus pela vida dos que exercem governo nas cidades onde está a igreja (2.1-4).
2. Cristo se entregou a favor de todos os homens, e “deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (2.4).
3. “Para isto”, diz Paulo, sua missão era pregar o evangelho e interceder por todos (2.7).
4. Havia conceitos errados a respeito dos direitos das mulheres, e do lugar delas na igreja (1 Tm 2.8-15). Este texto deve ser

entendido à luz da cultura greco-romana que via a mulher como ser inferior, sem inteligência, cuja missão era apenas a de ser objeto sexual e para a criação de filhos. Tão forte era a cultura daqueles dias que Tertuliano, um dos pais da igreja no segundo século, chegou a afirmar que a mulher era objeto de Satanás para a destruição do homem. Ele diz: *“Ó mulher, nas dores e ansiedades dás à luz, vives girando em volta do teu marido, és dominada por ele, e não sabes que, afinal, Eva és tu mesma? Ainda vive em nossos tempos a sentença de Deus a respeito do teu sexo: necessário é que vivas na condição de culpada. És a porta do diabo, aquela que tocou a árvore proibida.”* (Tertuliano, *Os Espetáculos, Verbo, Lisboa - São Paulo, p 38*).

Em outras partes do NT, Paulo enfatiza o excelente trabalho que as mulheres faziam na igreja, como o ministério de Priscila, que com seu esposo levou Apoio a conhecer mais sobre a pessoa de Jesus Cristo (At 18.24-28). O estudante deve ver a lista de mulheres envolvidas no ministério em Romanos 16.1-6, 12 e ss..

VI. Qualificações para líderes da igreja (3.1-13).

Os ministérios não funcionavam a contento como Paulo queria. É possível que Paulo já tivesse estabelecido os ministérios na igreja, mas os presbíteros e diáconos não estavam cumprindo com seus deveres, por isso as recomendações a Timóteo (1 Tm 3).

Era preciso estabelecer parâmetros para o estabelecimento de novos líderes. Os apóstolos morreriam e os estatutos da igreja com regras para a consagração de líderes tinham que ser bem claros.

O presbítero no NT é a continuidade da figura do ancião que julgava à porta da cidade para presidir as questões difíceis do povo e resolver problemas entre os moradores (Rt 4.1-2; Ex 24.1; Nm 11.25; Jz 11.1). Os anciãos escolheram a Davi, rei de Israel em Hebrom (1 Cr 11.3).

Os anciãos aconselharam a Reoboão, filho de Salomão, mas este não os ouviu e o reino foi dividido (2 Cr 10.8-13). Provérbios

31.23 fala do esposo virtuoso que se assenta entre os anciãos da cidade.

Era algo cultural no AT não só entre os Hebreus, mas também nas demais nações. Os anciãos zelavam pelos assuntos da cidade. Sempre que uma questão tinha de ser debatida e resolvida era levada aos anciãos que se assentavam à porta da cidade. Uma espécie de fórum municipal.

Os apóstolos, seguindo a tradição e a cultura daqueles dias estabeleceram anciãos ou presbíteros para cuidar dos assuntos da igreja, a nova nação espiritual de Deus. O aluno não deve esquecer duas coisas da cultura daqueles dias que foram adotadas pela igreja: A forma de reuniões, que seguiu o modelo das sinagogas e o estabelecimento de anciãos ou presbíteros, uma tradição das cidades de Israel.

A) Definindo ancião ou presbítero

O tema desenvolvido a seguir servirá para esclarecer teologicamente a questão funcional do governo da igreja, e não temos o interesse em polemizar, mas apenas expor o ponto de vista bíblico.

1. A palavra ancião é a tradução de “presbuteros” do grego. Algumas versões usam a palavra ancião e outras presbítero para falar do mesmo *encargo*. A palavra ancião é a tradução para o latim de presbítero, e a palavra presbítero em português é uma transliteração do grego.
2. No NT o presbítero não era um cargo ou uma “escada” para galgar um cargo mais elevado, como de evangelista e pastor. Este conceito *adotado* por algumas denominações tem gerado muitos “presbíteros” nominais, isto é, alguns têm nome de presbítero, mas não exercem a função presbiterial que é a de governar e pastorear. Outros são ordenados presbíteros como parte de um escalão eclesiástico inferior, o que é também errado.

3. Na igreja do Novo Testamento havia dois cargos ou posições de governo: Presbíteros e diáconos (Fp 1.1). Tudo indica que os diáconos eram auxiliares dos presbíteros na execução da obra de Deus. No NT o diácono é função de serviço ou ministério e não um título para quem cuida da portaria ou de questões sociais.
4. Presbítero é um cargo de governo. Os demais títulos, apóstolo, evangelista, mestre, pastores e profetas são funções ministeriais.

B) Examinando o presbítero à luz de Atos 20.17-35.

1. Observe que Paulo chama a Mileto os presbíteros de Éfeso e os reúne com os presbíteros de Mileto (v 17). Deveriam ser uns doze homens (At 19.1-7).
2. Presbíteros e bispos são nomes diferentes para um mesmo ofício. Aos presbíteros de Éfeso e de Mileto Paulo diz: “Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu **bispos**, para **pastoreardes** a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue” (At 20.28). Paulo chamou a Mileto os presbíteros e os chama de bispos com a missão de pastorear, isto é, são também pastores. Observe que a função aparece nas três palavras no mesmo texto. O pastoreio é a função.
3. Na igreja da localidade havia presbíteros e nunca pessoas com o título de pastores. Veja como Pedro se coloca como um presbítero local, apesar de ser apóstolo (1 Pe 5.1-4). Pedro fala que os presbíteros pastoreiam. O título “pastor” aparece uma única vez em Efésios 4.11, mas apesar disso se tornou o título preferido no decorrer dos séculos, e nada há de errado ou antibíblico em se usar o termo “pastor”.

C) As demais funções – apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres de Efésios 4.11 são funções ministeriais extra-locais, isto é são dons que Deus dá aos homens que vão além da localidade. Um profeta é profeta para toda a igreja; um apóstolo estava

restrito a algumas igrejas; e existem hoje pastores que são pastores de toda a igreja, independente da localidade pela autoridade que receberam do Senhor Jesus.

1. O ministério de evangelista também coopera para a edificação do corpo de Cristo (Ef 4.11) e não é restrito a uma igreja local, nem tão pouco significa que o evangelista viva com o pé na estrada, de igreja em igreja falando aos perdidos. Conforme Ef 4.11 é também um ministério de edificação.
2. Um presbítero é uma pessoa da localidade. Fora dali a pessoa não é presbítero, porque seu cargo é de governo local. Uma pessoa pode ser um apóstolo, mas na localidade é um presbítero. Ou pode ser um apóstolo sem ser um presbítero local, mas, neste caso não tem ingerência na igreja da localidade, a não ser naquelas igrejas que ele mesmo começou.
3. Daí a ênfase de Paulo no caráter, mais que na habilidade ou dom. O estudante pode observar que o único dom que o presbítero tem de ter é o de ensinar (1 Tm 3.1-7). Todas as demais exigências são de caráter. Um homem que não é benquisto na vila, comunidade, bairro ou cidade onde reside não tem as qualificações necessárias para o presbiterato.
4. O presbítero era “eleito” pela congregação. Note o verbo eleger (At 14.23). Mas também era constituído pelos apóstolos (Tt 1.5).

Os apóstolos viram a necessidade de estabelecer governo em cada igreja local e o estabeleceram através dos presbíteros.

D) Presbíteros e diáconos trabalhavam lado a lado na localidade.
Veja Filipenses 1.1.

O diácono não é alguém escolhido porque tem alguma coisa a ser feita; ele é reconhecido porque vem fazendo (1 Tm 3.8-13).

E) O mistério da piedade (3.14-16).

1. **Deus manifestado na carne.** John Gill comenta que não se trata de uma abstração de Deus, nem da primeira ou da

terceira pessoa, porque de nenhum desses dois pode-se dizer tais coisas, mas da segunda Pessoa, a Palavra, ou o Filho de Deus, que existiu como Pessoa divinal; distinto do Pai e do Espírito antes da encarnação é prova da verdadeira deidade: O Filho de Deus em sua natureza divinal é igualmente invisível como o Pai, mas se manifestou em forma humana, como afirma João (1 Jo 3.8).

2. Justificado em espírito. Essa justificação aconteceu pelo Espírito de Deus que tornou sua natureza humana pura e santa, preservando-o do pecado original; também porque desceu sobre Jesus no batismo, testificando assim que ele era o Filho de Deus. A justificação ocorreu também através dos milagres e maravilhas que fez, provando aos que o rejeitaram que Jesus era o Messias. E também ao descer sobre os discípulos em Pentecoste que os capacitou a conhecer o Cristo de Deus.

3. Visto por anjos. Esses anjos não são os ministros do evangelho nem os pastores das igrejas às vezes assim nominados, mas pelos espíritos abençoados; pelos habitantes do céu. Eles o viram nascer e apareceram nos campos entoando lindas melodias; esses anjos estavam com Jesus no deserto, e o serviram depois que ele foi tentado pelo diabo. Estavam com Jesus no jardim quando agonizava e suava gotas de sangue; um deles estava ali com Jesus consolando-o e fortalecendo-o. Lá estavam os anjos na ressurreição tirando a pedra do sepulcro; anjos que falaram às mulheres anunciando que Jesus ressuscitara dos mortos; e os anjos estavam no dia de sua assunção anunciando que ele havia subido em triunfo.

Os anjos o esperaram no céu e o adoraram, e são espíritos ministradores, por ele enviados para fazerem sua vontade.

4. Pregado entre os gentios. Anunciado aos piores homens sob ordens expressas do próprio Cristo. O grande mistério, o Cristo judeu adorado em todo o mundo.

5. Crido no mundo. Os judeus e as nações do mundo creram nele. E continua sendo pregado até hoje.

6. Recebido na glória. Depois de ressuscitar dos mortos com um corpo glorificado ascendeu ao céu de maneira gloriosa, quando uma nuvem o cobriu e um coro de anjos o recebeu. O Pai o recebeu e o fez assentar-se ao seu lado direito. Jesus foi coroado com glória e honra, com a mesma glória que tinha antes do mundo ser criado (Resumo do comentário de John Gill em inglês, Bíblia On Line, SBB).

VII. Como lidar com as falsas doutrinas (Cap. 4).

1. Combate aos falsos mestres

As advertências que Paulo faz a Timóteo são indicativas dos problemas que estavam surgindo naqueles dias, especialmente a transição do judaísmo, de sua forma ascética ao gnosticismo. As referências ao legalismo judaico são evidentes em textos como 1 Tm 1.7; 4.3; Tt 1.10,14; 3.9. Traços do aparecimento do judaísmo são evidentes em 1 Tm 1.4.

A teoria gnóstica afirmava a existência de dois princípios, o bem e o mal que existiam desde o começo e aqui Paulo mostra este germe em seu início (1 Tm 4.3) etc. Em 1 Tm 6.20 aparece o termo *gnosis* "saber". Outro erro gnóstico era de que a ressurreição já ocorrera, denunciado por Paulo em 2 Tm 2.17-18.

O judaísmo a que Paulo se opõe nas epístolas a Timóteo não é o mesmo que Paulo denunciava nas primeiras epístolas. Ali Paulo mostrava que a justificação pela fé em Cristo não pode ficar no mesmo nível da lei. Em Colossenses Paulo aborda a adoração a anjos, uma das doutrinas dos judaizantes. Depois, o mal alcança um estágio mais elevado, como na epístola aos Filipenses (Fp 3.2,18,19) em que práticas imorais faziam parte das falsas doutrinas, especialmente a ressurreição dos mortos (Veja 2 Tm 2.18 com 1 Co 15.12,32,33).

Esta doutrina gnóstica que começa com o ensinamento da legalidade da superstição, e desta para a impiedade aparece de

forma mais amadurecida nas referências das epístolas pastorais. Agora, os falsos mestres não conheciam a verdadeira utilização da lei (1 Tm 1.7,8), e depois deixaram de lado a boa consciência vindo a naufragar na fé (1 Tm 1.19; 4.2). Os falsos mestres mentiam, eram hipócritas, tinham a mente corrompida e faziam da piedade uma fonte de lucro (1 Tm 6.5; Tt 1.11). Abandonavam a fé, eram heréticos e suas doutrinas pervertiam como câncer, porque afirmavam que a ressurreição já ocorrera (2 Tm 2.17,18).

Os falsos mestres usavam a tática da visitação de casa em casa cativando mulherinhas sobrecarregadas de pecados, mulheres pervertidas, cheias de paixões, “que aprendem sempre e jamais podem chegar ao conhecimento da verdade. E, do modo por que Janes e Jambres resistiram a Moisés, também estes resistem à verdade. São homens de todo corrompidos na mente, réprobos quanto à fé” (2 Tm 3.7-8). Na carta a Tito Paulo afirma que “todas as coisas são puras para os puros; todavia, para os impuros e descrentes, nada é puro. Porque tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas. No tocante a Deus, professam conhecê-lo; entretanto, o negam por suas obras; é por isso que são abomináveis, desobedientes e reprovados para toda boa obra” (Tt 1.15-16).

Essas descrições estão de acordo com as epístolas universais de João e Pedro e também na carta aos Hebreus. Os temas aqui apresentados confirmam que essas três cartas pastorais (1ª e 2ª Timóteo e Tito) foram escritas no fim da vida de Paulo.

O texto de 4.1 mostra que o Espírito Santo é que fazia o alerta da chegada dos falsos mestres. Os falsos mestres proibem o casamento e exigem abstinência de alimentos. O estudante consegue identificar claramente uma igreja falsa por essas duas proibições.

2. “Exercita-se pessoalmente na piedade” (4.7).

James Hastings em seu artigo sobre esta palavra no *Dictionary of the Apostolic Church*, Vol. I, Scribners p 467 destaca os seguintes aspectos:

A palavra piedade aparece no NT como tradução do gr. Eusébia (1 Tm 2.2; 3.16; 4.7,8; 2 Tm 3.5; Tt 1.1; 2 Pe 1.3,6,7; 3.11). Em 1 Tm 2.10 aparece como *teosobéia*. – Theos – Deus. Conforme a carta de 2 Clemente XIX.1 “eusebéia é uma palavra mais abrangente que teosobéia, e quase tem a equivalência do latim *pietas*, que significa alta consideração pelos superiores, sejam homens ou deuses, enquanto que *teosobéia* se restringe a Deus. No entanto, no NT eusebéia sempre é uma referência a Deus (J.H. Bernard, *The Pastoral Epistles* – Cambridge, Greek Test. 1899, p 39).

Eusebéia, como se vê acima, é a palavra característica das epístolas pastorais.

No conceito pastoral de hoje piedade tem a ver com dedicação extrema, devoção a Deus e ao próximo, daí que ao longo dos anos surgiram os pietistas, pessoas consagradas a Deus e ao próximo sem reservas. Philippe Jacob Spener foi um dos fundadores desse movimento cujo berço foi a Igreja Luterana, e nele está a nascente das demais igrejas pós-reforma, como o pentecostalismo.

A piedade é cercada de mistério no sentido de que não se consegue entender como Deus em sua infinita misericórdia decide enviar seu Filho para resgatar a humanidade perdida. A verdadeira dimensão da piedade (*teosobéia*) é difícil de ser entendida pela mente humana. Acredita-se que Paulo ao entender um pouco desse plano eterno tenha exclamado o texto de Romanos 11.33: “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento...”.

A união do crente com Cristo através da morte e da ressurreição torna-o um novo homem e como nova criatura deve viver. Nas epístolas pastorais, no entanto, a justificação pela fé e a comunhão com Deus são o pano de fundo. Por um lado, piedade, como adesão a igreja, aparece como garantia da verdadeira doutrina (o ensinamento conforme a piedade) [1 Tm 6.3]. O conhecimento da verdade que é conforme a piedade (1 Tm 3.16; Tt 1.1). Piedade se demonstra também pela prática de boas obras e pela vida de santidade e respeito (1 Tm 2.2; 4.7).

VIII. Como lidar com as diferenças entre pessoas na igreja (5.1 a 6.2).

1. O líder da igreja deve tratar com deferência os idosos, como se fossem seus pais e os jovens como se seus irmãos fossem (5.1-2).
2. Quanto as viúvas (5.3-16). As viúvas daquela época não tinham amparo previdenciário, não usufruíam de aposentadorias especiais e dependiam unicamente de seus filhos e parentes para sobreviver. Alguns comentaristas acreditam que Paulo esteja falando da “inscrição” de verdadeiras viúvas em alguma ordem religiosa da igreja, por isso elas teriam que preencher as condições explicitadas no versículo 10. Viúvas jovens não se adaptariam a uma vida de dedicação, consagração e total engajamento na obra de Deus.
3. Nova orientação aos presbíteros (5.17-25).
 - (a) Os presbíteros ou os atuais pastores – já que a igreja passou a usar mais a palavra pastor – devem ganhar o dobro pela dedicação em liderar ou presidir e porque se dedicam com afinco na palavra e no ensino (5.17-18).
 - (b) Paulo segue à risca a lei de Moisés e o direito romano de que denúncias contra um líder têm de ser respaldadas por duas ou três testemunhas (Veja Dt 17.6; 19.15 cf. 1 Tm 5.19). Isto significa que quem acusa deve ter provas materiais contra os líderes que pecam. E se os presbíteros ou líderes pecarem deverão ser disciplinados publicamente.
 - (c) Algumas recomendações a Timóteo, como cuidar na hora da imposição de mãos (certamente para o exercício ministerial) (1 Tm 5.22), reside no fato de que pela imposição de mãos o obreiro transmite autoridade e poder. Paulo recomenda a Timóteo que use um pouco de vinho (1Tm 5.23). O que está implícito no texto é que Timóteo não tinha o hábito de beber vinho. À época em que a Epístola foi escrita, os melhores reguladores

intestinais eram o vinho e o azeite. Paulo então faz uma recomendação conforme a sua época, para que Timóteo faça uso deste artifício para melhorar sua saúde. Com certeza não se aplica a nós, pois temos outros meios não alcoólicos para isso em nossos dias.

4. A questão dos escravos (6.1-2).

Paulo havia ensinado princípios de relacionamentos sociais benevolentes, defendendo a igualdade entre as pessoas, e, ao que parece, algumas pessoas se aproveitaram deste ensinamento para provocar um espírito de descontentamento entre escravos e seus donos e vice-versa. A doutrina de que todos são iguais perante Deus através da redenção do sangue de Cristo, provocou o ensinamento de que os escravos estavam livres de seus donos. Isto provocaria um descontentamento de uma regra social milenar e poderia haver caos e desordem (1 Tm 6.1-2, cp. com Ef 6.5-10; Cl 3.22; 4.1).

IX. Questões diversas (6.3-19).

1. A questão dos falsos mestres (6.3-5) foi tratada anteriormente, no entanto vale destacar aqui a expressão “supondo que a piedade é fonte de lucro” (6.5). Esta é uma ideia abrangente, porque envolve até mesmo os líderes que não ensinam falsas doutrinas, mas caem no erro dos falsos quando utilizam o ministério para seu enriquecimento pessoal.
2. O amor ao dinheiro (6.6-10), dos males é o pior, porque o dinheiro perverte a consciência dos líderes justos. Paulo adverte que o líder da igreja deve se contentar com seu sustento, tendo o que comer e vestir. Isto significa abrigo e cuidado. O desejo de enriquecer leva o líder a cair em pecados diversos, “concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição”. E finaliza afirmando que o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males. Observe a expressão “amor” ao dinheiro. O dinheiro em si é bom e útil.
3. Paulo faz uma série de recomendações a Timóteo a respeito

da fé (vv. 11-15), irrompendo num cântico de adoração ao Senhor Jesus Cristo (v 16).

4. Os ricos são advertidos por Paulo quanto ao valor do dinheiro (6.6-10). O estudante deve observar que Paulo afirma que o bom uso do dinheiro pelos ricos redundará em galardão no céu. Os recursos que Deus dá são para o homem usufruir (v 17), mas quando os homens são “ricos em boas obras, generosos em dar e prontos a repartir” acumulam para si mesmos “tesouros, sólido fundamento para o futuro, a fim de se apoderarem da verdadeira vida” (vv. 18-19). O princípio teológico aqui é inequívoco: As contribuições daqui resultarão em galardão no céu!

O Talmude explica que as riquezas que Deus dá ao seu povo são, em primeiro lugar, para abençoar o próximo e depois para aprazimento pessoal.

X. Apelo final (6.20-21).

A palavra final de Paulo a Timóteo nesta primeira carta é, “guarda o que te foi confiado”. Esta é a palavra a cada **estudante** deste curso. Guarda o que tem aprendido de Deus.

Anotações:

[illegible]

SEGUNDA EPÍSTOLA DE PAULO A TIMÓTEO

AUTORIA E DATA

Os comentaristas são unânimes em afirmar que Paulo escreveu esta segunda epístola a Timóteo por ocasião de sua prisão em Roma. Alguns, no entanto, alegam que Paulo teria sido solto da prisão domiciliar e, depois de uma quarta viagem missionária teria sido preso novamente, julgado e condenado por César. No entanto, não existem provas históricas de que Paulo fora solto e realizado mais uma viagem, se o fosse, Lucas, seu médico e historiador teria registrado este fato; e nada há na história que atestem estes dois fatos: A soltura de Paulo e uma quarta viagem missionária.

Existe, sim, um documento histórico que fala de uma possível transferência de Paulo da sua prisão domiciliar para a prisão no pretório, donde foi executado. Esta possibilidade foi apresentada no estudo da epístola aos Filipenses e comprovada historicamente.

Acredita-se que depois de dois anos em prisão domiciliar onde tinha a liberdade de pregar (Ef 6.19-20), agora, numa cela comum, em cadeias, ele não consegue ter muita mobilidade (Fp 1.13-18). Outra coisa que Paulo menciona é a expectativa de sua soltura que ele menciona em Fp 1.22. “O viver na carne” de Paulo aqui é a sua soltura e sua liberdade de pregar. Este versículo contrasta com a forma depressiva que começa a epístola.

Fazia bastante tempo que estava preso, porque “suas cadeias” se tornaram conhecidas e trouxeram bons frutos para a proclamação do evangelho (Fp 1.13).

Evidentemente que o rigor da prisão aumentou quando comparado com seu estágio inicial, cf. descrito em At 28.1-31 e

comparado com Fp 1.29-30; 2.27. Por isso escreve mostrando certo desânimo quanto a sua soltura (Fp 2.17; 3.11). Comentário semelhante consta neste módulo na lição sobre Colossenses.

Alguns da guarda pretoriana que antes vigiavam a Paulo naturalmente deram notícias das “algemas” do servo de Deus, conforme Fp 1.13. Tibério havia construído esta prisão maior ao norte da cidade, fora dos muros.

É dentro deste contexto que Paulo escreve a segunda carta a Timóteo. Já está condenado, deixara sua casa alugada em Roma e fora recolhido à prisão do fórum, agora numa cela fria, por isso pedira a Timóteo que passasse pela casa de Carpo, em Trôade e trouxesse sua capa. O estudante deve ter em mente que naquele tempo as pessoas usavam uma capa sobre o corpo que servia de abrigo para o frio. “Não se utilizavam cobertores, pois as pessoas costumavam dormir com a mesma roupa que andavam durante o dia. Quando esfriava muito, usavam uma capa. A capa servia de proteção contra o frio, e como cobertor à noite. Por isso, se alguém penhorasse sua capa, no fim do dia lhe seria devolvida (Dt 24.1-13)” (Cultura Bíblica, CETADEB, SOUZA FILHO, JOÃO ANTONIO).

Conforme alguns comentaristas esta segunda carta foi escrita por volta de 66-67 d.C. Seus amigos tiveram dificuldade em encontrá-lo (2 Tm 1.17), pois Paulo fora transferido para a prisão da pretoria.

“Na minha primeira defesa, ninguém foi a meu favor” (2 Tm 4.16), o que sugere um julgamento conforme as leis romanas em que Paulo teve que se defender sozinho. Ao que parece nenhum advogado se dispôs a defender Paulo no tribunal romano. Paulo deve ter sido julgado numa das basílicas do foro romano, chamadas de Basílicas Paulinas, nome que derivou de Emílio Paulo, que havia construído uma delas e restaurado a outra.

Deve ter havido um segundo julgamento, (2 Tm 4.21), que de fato aconteceu no meio do verão romano, em junho. Nesse meio tempo Lucas o acompanhava e Onesíforo, seu amigo da Ásia o procurara diligentemente e o visitara na prisão. A história registra

que Lino, futuro bispo de Roma; Pudem, filho de um senador e Cláudia sua noiva, talvez filha de um rei britânico estavam entre os que visitavam Paulo. E Tíquico que levou em mãos esta carta para Timóteo (2 Tm 4.12).

Duas razões principais para Paulo escrever a Timóteo:

1. Sentia-se muito só. Os discípulos da Ásia o haviam deixado (2 Tm 1.15), e Demas o havia abandonado (2 Tm 4.10). Crescente, Tito e Tíquico tinham viajado (4.10-12), e somente Lucas estava com ele (4.11). E Paulo desejava muito que Timóteo estivesse com ele, porque era seu “cooperador” (Rm 16.21), e que, “como um filho ao lado de seu pai”, tinha servido a Paulo intimamente (Fp 2.22; cf. 1 Co 4.17). Paulo chegou a afirmar: *“Porque a ninguém tenho de igual sentimento”* (Fp 2.20). Duas vezes pedira que Timóteo viesse ao seu encontro (4.9,21).
2. A igreja passou por muita perseguição sob o governo de Nero, e Paulo estava preocupado com o estado das igrejas, por isso diz a Timóteo, “guarda o bom depósito”. Paulo exorta seu filho Timóteo a perseverar no evangelho (2 Tm 3.14), a continuar pregando a palavra de Deus (2 Tm 4.2), e até mesmo a sofrer pela causa de Cristo (1.8; 2.3). Numa época de tão acirrada perseguição seria mais conveniente acomodar-se, mas não para Paulo. Quanto maior a perseguição, mais ousadia pedia de Timóteo.

PRISÃO E MARTÍRIO DE PAULO

Eusébio em *História Eclesiástica* afirma que Paulo foi martirizado durante o império de Nero, pelo menos cinco anos depois de sua prisão domiciliar (At 28.17-31). Seu martírio teria ocorrido entre junho de 67 e 68, último ano do governo de Nero.

Nero colocou fogo em Roma (64 d.C.) culpando os cristãos pelo incêndio. Nero inventou todo tipo de crueldade contra os cristãos. Alguns eram crucificados; outros colocados dentro de peles de animais para serem caçados por cães. Noutra ocasião os cristãos

foram betumados, pendurados em postes e, enquanto seus corpos queimavam iluminando a cidade, Nero se deliciava em banquetes nos jardins de Roma.

Por ser cidadão romano Paulo teve um tratamento diferenciado e foi tratado conforme as leis romanas, o que se supõe de suas palavras em 2 Tm 4.17. Alexandre, o latoeiro parece ter testemunhado contra Paulo (2 Tm 4.14). Clemente de Roma afirma que Paulo foi julgado, não diante de Nero, mas diante dos magistrados. É aconselhável estudar esta segunda epístola a Timóteo valendo-se do seguinte esboço:

I. Introdução (1.1-4).

II. A solicitude de Paulo por Timóteo (1.5-14).

III. A situação de Paulo (1.15-18).

IV. Instruções especiais a Timóteo (Cap. 2).

A. Exortação à perseverança (2.1-13).

B) Advertência contra as controvérsias insensatas (2.14-16).

V. Advertência a respeito dos últimos dias (Cap. 3).

A) Tempos terríveis (3.1-9).

B) Meios de combatê-los (3.10-17).

VI. Últimas observações (4.1-8).

A) Exortação para pregar a palavra (4.1-5).

B) A perspectiva vitoriosa de Paulo (4.6-8).

VII. Pedidos e saudações finais (4.9-22).

EPÍSTOLA DE PAULO A TITO

INTRODUÇÃO

A autenticidade desta epístola foi confirmada por Clemente de Roma, que a cita na epístola que ele escreveu aos coríntios; também por Irineu em sua famosa obra *Contra Heresias*; por Teófilo de Antioquia que cita a epístola como sendo parte da Escritura Sagrada, e ainda por Clemente de Alexandria e Tertuliano.

ÉPOCA E LOCAL ONDE FOI ESCRITA.

Tito, a quem a epístola é enviada era grego, gentio e incircunciso e permaneceu assim, cf. declaração de Paulo em Gl 2.1,3. Diferentemente de Timóteo que foi circuncidado quando entrou para a equipe de Paulo. Tampouco os líderes de Jerusalém exigiram que Tito fosse circuncidado quando Paulo visitou Jerusalém com Barnabé e levou a Tito com eles (Gl 2.1-3).

Era homem cheio da graça de Deus, com muitos dons e muito querido do apóstolo Paulo, que o chama de seu irmão, companheiro e cooperador. Tito caminhava no mesmo espírito de Paulo e lhe seguia os passos (2 Co 2.13; 8.23; 12.18). Paulo o enviou para vários lugares em diversas ocasiões: Enviou-o a Corinto com o fim de coletar as ofertas para os pobres irmãos de Jerusalém (2 Co 8.6, 16, 17); para a Dalmácia, para acompanhar o estado espiritual dos santos ali (2 Tm 4.10).

Não é fácil determinar o local onde a epístola foi escrita. Alguns acham que foi escrita em Roma, mas como ele desejava se encontrar com Tito em Nicópolis (Tt 3.12), alguns acham que foi escrita ali. Outros ainda acham que foi escrita bem antes desse tempo quando Paulo estava em Éfeso, perto do final de sua permanência ali. A incerteza é forte entre os comentaristas.

O certo é que Paulo deixara Tito em Creta, para pôr em ordem a vida da igreja naquela ilha. A epístola deve ter sido escrita no ano 55, mas outros a situam nos anos 63 e 65 d.C.

Seguindo uma linha didática, o esboço abaixo será comentado para auxiliar o estudante a entender melhor o conteúdo da epístola a Tito.

I. Saudação (1.1-4)

Observe novamente o uso da palavra piedade, conforme explicado anteriormente. A saudação refinada é própria do estilo literário dos gregos. Tito é mencionado como “verdadeiro filho, segundo a fé comum”.

II. A respeito dos presbíteros (1.5-9)

A respeito do estabelecimento de governo – presbíteros e diáconos – na igreja de Creta, Paulo repete o que mencionara a Timóteo (1 Tm 3.1-13). A diferença é que Paulo acrescenta na lista a Tito, o domínio próprio, piedade, e o apego à palavra de Deus. Na lista de Timóteo, Paulo fala na aptidão de ensinar, o que é omitido na lista de Tito.

Enquanto a Timóteo, Paulo estabelece também os critérios para diáconos e suas esposas, ou diaconisas, aqui ele se restringe aos presbíteros da igreja.

III. A respeito dos falsos mestres (1.10-16)

É importante que Tito seja “apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina”, para poder confrontar os falsos mestres. A igreja deve ser a defensora da sã doutrina ou ensinamento, porque ela é o bastião da verdade (1 Tm 3.15). Se a igreja afrouxar na sã doutrina – e entenda-se sã doutrina como teologia da fé e estilo de vida – perderá sua autoridade nos assuntos da Fé e nos princípios de Cristo.

O obreiro deve conhecer a doutrina bíblica para poder confrontar as falsas doutrinas, como as que Paulo expôs a Timóteo e aqui a Tito. “Porque andam pervertendo casas inteiras, ensinando o que não devem, por torpe ganância”, isto é, buscando o enriquecimento e não a Cristo (1.11).

Paulo cita um dos poetas cretenses, Epimênides que vivera no século VI antes de Cristo. Nascido em Cnossos, em Creta. O poema, certamente fazia parte da cultura da época: “Cretenses, sempre mentirosos, feras terríveis, ventres preguiçosos” (1.12). E Tito deveria ter em mente esta citação de um poeta local, para ensinar e pôr em ordem a vida da igreja.

IV. Os vários grupos da igreja (Cap. 2).

1. Uma amostra da sã doutrina é apresentada aqui no capítulo 2 em que Paulo começa dizendo: “Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina” (2.1). A palavra “doutrina”, no grego *didaskalia* de cuja raiz procede outras palavras como didática,

didaquê, e ensinamento. A sã doutrina, portanto é ensino, instrução, preceitos. Na realidade, os pregadores pentecostais antigos quando falavam em sã doutrina, tinham em mente usos e costumes, mas pelo texto de Paulo a Tito trata-se da vida prática da igreja. A sã doutrina consiste:

- a) Ensinamento para os homens idosos, para que sejam temperantes, respeitáveis, sensatos, sadios na fé, no amor e na constância (2.2).
- b) Orientação às mulheres idosas da igreja (2.3-5).
- c) Ensinamento aos jovens (2.6).
- d) Orientação para que o jovem pastor tenha linguagem sadia e irrepreensível (2.7-8).
- e) Ensinamento aos escravos (2.9-10). “a fim de ornarem, em todas as coisas, a doutrina de Deus, nosso Salvador”.

2. O fundamento da vida cristã (2.11-14).

A graça de Deus se manifestou aos homens e trouxe um grande legado: A educação do ser humano, para que abandone as práticas do pecado. E um dos objetivos da educação na fé é levar os crentes a serem praticantes de boas obras. A educação para a salvação é mencionada novamente no capítulo 3.3-4.

V. A respeito dos crentes em geral (3.1-8).

1. Ao que parece Paulo volta a insistir que os crentes se submetam às autoridades, sejam corteses com todas as pessoas (vv.1-2).
2. Paulo aborda a questão das boas obras seis vezes na epístola a Tito (1.16; 2.7, 14; 3.5, 8, 14). O chamamento à prática das boas obras é uma constante nesta epístola.

VI. Coisas que Tito deveria evitar (3.9-11).

Se os jovens obreiros seguissem atentamente as orientações a Timóteo e Tito muitos problemas seriam evitados. “Evita discussões insensatas, genealogias, contendas e debates sobre a lei; porque não têm utilidade e são fúteis. Evita o homem faccioso, depois de admoestá-lo primeira e segunda vez, pois sabes

que tal pessoa está pervertida, e vive pecando, e por si mesma está condenada”.

VII. Conclusão (3.12-15).

Ártemas e Tíquico eram obreiros, mas não existe menção do nome Ártemas em qualquer outra parte do NT. Alguns comentaristas aventuram dizer que Ártemas fazia parte do grupo dos setenta discípulos de Jesus, tornando-se, anos depois Bispo de Listra, mas é apenas uma suposição. O nome é a contração de Artemidorus. Quanto a Tíquico é sempre mencionado como homem de caráter (Ef 6.21).

Esses dois foram enviados para substituir Tito em Creta enquanto este vinha ao encontro de Paulo em Nicópolis. Nicópolis, “a cidade da vitória”, assim chamada desde a batalha de Action. Tíquico foi enviado por Paulo duas vezes para a Ásia Menor (Ef 6.21; 2 Tm 4.12). A tradição afirma que Tíquico se tornou bispo de Calcedônia, na Bitúnia.

Anotações:

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is no handwriting or other markings on the paper.

EPÍSTOLA DE PAULO A FILEMOM

APRESENTAÇÃO DA EPÍSTOLA



autenticidade da epístola foi atestada por Orígenes, em sua homilia 19 sobre Jeremias que cita esta epístola. Tertuliano em sua obra *Contra Marcião* diz: “Por ser uma epístola pequena, esta escapou das mãos falsas de Marcião”. Eusébio de Cesaréia em *História Eclesiástica* fala que “é uma das epístolas reconhecidas do cânone”. E aos que duvidavam da epístola, Jerônimo, em seu comentário a Filemom (Vol. IV p 442), argumenta contra os que duvidavam da canonicidade da epístola. Inácio de Antioquia e Policarpo também abordam esta pequena epístola em seus escritos.

ÉPOCA E ANO EM QUE FOI ESCRITA

Esta epístola está intimamente ligada com a carta aos Colossenses e as duas foram levadas pela mesma pessoa, Onésimo (Tíquico se une a ele na epístola aos Colossenses) (Cl 4.9). As pessoas que enviam saudações são as mesmas, exceção feita a Jesus, o Justo (Cl 4.11). Em ambas as epístolas Arquipo é mencionado (Fm 1.2; Cl 4.17). Paulo e Timóteo escrevem a epístola e a enviam por eles. E Paulo na epístola aparece como prisioneiro (Fm 1.9; Cl 4.18).

Deduz-se que a carta foi escrita na mesma época da epístola aos Colossenses (mais ou menos na mesma época em que foi escrita a epístola aos Efésios), em Roma, durante a prisão de Paulo, por volta do ano 61 ou 62 d.C.

O OBJETIVO

Onésimo, da cidade de Colossos “o fiel e amado irmão, que é do vosso meio” (Cl 4.9), escravo de Filemom, fugira de seu senhor

para Roma, possivelmente depois de o haver roubado (Fm 1.18). Foi convertido ao evangelho por Paulo que o aconselhou a voltar para a casa de seu senhor. Em suas mãos, Onésimo levava para Filemom uma carta de apresentação, indicando que Onésimo não era mais um mero escravo, mas irmão em Cristo. Paulo encerra a epístola pedindo a Filemom que lhe preparasse pousada, pois esperava ser libertado da prisão e ficaria livre para visitar Colossos. A epístola é enviada também à irmã Áfia e a Arquipo (Fm 1.2). Alguns acham que Áfia seria a esposa de Filemom. E Arquipo obreiro do Senhor na igreja de Colossos (Cl 4.17).

No cânone apostólico consta que Onésimo foi alforriado por seu mestre, e que teria sido consagrado por Paulo para ser bispo de Beréia, na Macedônia, e que depois foi martirizado em Roma. Inácio (Cânone aos Efésios) fala que ele se tornou bispo de Éfeso.

O ESTILO

Pela delicadeza, graça e urbanidade é chamada de “a epístola polida”. Paulo é afetuoso e direto, apresentando com clareza os fatos. É também persuasivo.

O comentarista Alford (mencionado por Jamieson, Faucet, Brown Commentary) cita a eloquente descrição de Lutero:

“Esta epístola mostra o nobre e amoroso exemplo de amor cristão. Vê-se aqui como o próprio Paulo dá a sua vida por Onésimo, e de todo coração apela ao dono de Onésimo que o receba, como se estivesse recebendo o próprio Paulo. E se Onésimo estivesse devendo alguma coisa a Filemom, Paulo pagaria. E todo este apelo, Paulo o faz sem qualquer esforço, abrindo mão de seus direitos. Assim como Cristo se deu por todos os homens, assim também Paulo estava disposto a dar sua vida em favor de Onésimo. Assim como Cristo se despiu de seus direitos, e por seu amor e humildade levou o Pai a deixar de lado a ira e a força, mostrando sua graça através de Cristo, também Paulo se entregou a favor de Onésimo, levando Filemom a amar e a cuidar de seu escravo como irmão em Cristo”.

A estrutura desta carta é simples conforme o esboço abaixo:

I. Saudações (1-3).

II. Ação de graças e oração (4-7).

III. A petição de Paulo a favor de Onésimo (8-21).

IV. Pedido final, saudações e bênção (22-25).

ATIVIDADES – LIÇÃO III

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ Tessalônica era uma cidade portuária da Macedônia.
- 2) ☐ O evangelho foi pregado pela primeira vez em Tessalônica por Marcos e Timóteo, cujo registro está em Atos 17.1-9.
- 3) ☐ O ensinamento de Paulo sobre a vinda do reino de Cristo é que causou a grande perseguição dos judeus que afirmaram que ele procedia contra os decretos de César “afirmando ser Jesus outro rei” (Cf. At 17.5-9).
- 4) ☐ Os relatos de Tessalônica, depois que Paulo enviou a primeira epístola, mostram que a fé e o amor daqueles irmãos aumentaram significativamente e que a perseguição não abalou a fé dos irmãos.
- 5) ☐ Paulo trata da teologia do trabalho, porque muitos irmãos com a desculpa de que estão se preparando para a chegada do Senhor, se tornaram desordeiros e passaram a viver à custa dos outros (2 Ts 3.6-16).
- 6) ☐ Nero colocou fogo em Roma (64 d.C.) culpando os cristãos pelo incêndio. Nero inventou todo tipo de crueldade contra os cristãos.

Lição IV

Epístolas aos Hebreus e Tiago

EPÍSTOLAS AOS HEBREUS E EPÍSTOLA DE TIAGO

INTRODUÇÃO AO MÓDULO

Nesta lição o estudante descobrirá as riquezas das epístolas aos Hebreus e a de Tiago. São epístolas que parecem opostas entre si, no entanto, cada uma tem sua mensagem particular. A carta aos Hebreus, como diz o nome, foi escrita para os judeus espalhados pelo mundo, para revelar a importância do único e universal sacrifício a favor dos homens. É genérica e abrangente, porque dessa epístola judeus e gentios podem aprender sobre o sacrifício expiatório de Jesus Cristo.

A epístola de Tiago, bispo de Jerusalém é típica dos cuidados pastorais; de alguém que convive todos os dias no meio do povo. Nela não se encontram muitos conceitos teológicos, mas lições práticas do dia-a-dia da vida cristã. É uma carta que deve ser estudada com dedicação.

Seguindo a ordem do NT o aluno verá primeiro a epístola aos Hebreus e depois a de Tiago. Por serem dois livros de grande relevância ocuparão uma só lição de estudo.

EPÍSTOLA AOS HEBREUS

INTRODUÇÃO

Alguns comentaristas abrem seus comentários com o nome, “Epístola de Paulo aos Hebreus” porque são convictos de que se trata de uma epístola paulina. No entanto, como exegetas e críticos ainda se debatem sobre a autoria, o estudante terá que decidir por si mesmo sobre este aspecto do livro, vendo os prós e os contras desta teoria que serão expostas a seguir.

CANONICIDADE E AUTORIA

Bem antes do cânone do NT ser estabelecido – o estudante viu este aspecto ao estudar a introdução aos Evangelhos e Atos – Clemente de Roma, no final do primeiro século usava o texto desta carta aos Hebreus, sem chamá-lo de “Escritura”, nome que era dado na época apenas aos livros do AT. No entanto, Clemente colocava esta carta em pé de igualdade com as epístolas conhecidas da época. Clemente utilizava o texto desta carta atribuindo sua autoria a Paulo, e isto ainda na era apostólica. Justino Mártir cita a autoridade divina da carta quando fala do Filho de Deus como “apóstolo” e “anjo”.

Clemente de Alexandria atribuía a autoria a Paulo, defendendo na metade do segundo século que Paulo, humilde como era, não se considerava apóstolo dos judeus, mas dos gentios, por isso usa o termo “apóstolo” referindo-se a Jesus Cristo. “Por isso, santos irmãos, que participais da vocação celestial, considerai atentamente o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Jesus...” (Hb 3.1). Já no segundo século, Clemente de Alexandria dizia que Paulo prudentemente omitiu-se de ser o autor, porque os judeus tinham preconceitos sobre ele, e que a carta foi escrita originalmente em hebraico para os Hebreus. Lucas a traduzira para o grego, a fim de se tornar universal, por isso o estilo é semelhante ao dos Atos dos Apóstolos.

Anos depois, Orígenes também afirmava que, apesar do estilo ser diferente das cartas paulinas, porque era um estilo mais grego que hebraico, os pensamentos nela contidos são típicos de Paulo. Afirmava ainda que “apesar dos antigos afirmarem através da tradição que o texto é de autoria de Paulo, e deveriam ter boas razões para tal afirmação, só Deus poderá dizer quem foi realmente o autor”, ou a pessoa que “traduziu” os pensamentos de Paulo.

Tertuliano em *De pudicitia*, 20 (cerca do ano 200) cita uma epístola aos Hebreus com o nome de Barnabé. Barnabé pode preencher os requisitos de um bom escritor da epístola. Outro candidato possível seria Apolo, nome proposto por Martinho Lutero, apoiado hoje por muitos estudiosos. Apolo, alexandrino de

nascença, era também judeu cristão, a quem Lucas cita como homem de grande conhecimento das Escrituras e muito culto (At 18.24). E Apolo foi companheiro de Paulo nos primeiros anos da igreja em Corinto (1 Co 1.12; 3.4-6, 22).

Irineu, mencionado na obra de Eusébio cita que a epístola era de autoria de Paulo. Neste mesmo tempo, Caio, presbítero da igreja de Roma mencionava as treze epístolas de Paulo, e que, se Hebreus fosse de Paulo, ele teria falado em catorze epístolas.

Como o estudante percebe, exegetas e comentaristas debruçaram-se sobre o tema da autoria do livro desde o primeiro século. Existem ainda muitas descobertas ao longo da história que em nada acrescentarão ao estudante quanto a autoria da epístola.

Durante mais de 1.200 anos (400 - 1.660 d.C.) o livro era conhecido como Epístola de Paulo aos Hebreus. Que o autor não teria conhecido pessoalmente a Jesus Cristo – enquanto Barnabé pode ter sido um dos setenta discípulos de Jesus – está no texto de Hb 2.3: “... como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram” (cf. Gl 1.11-12).

A semelhança da carta ao estilo de Lucas, seja talvez, pelo tempo em que esteve associado a Paulo. Cristóstomo, comparando Lucas e Marcos afirma que “cada um deles imitou seu mestre. Lucas imitou a Paulo como o fluir de um rio; Marcos a Pedro”.

DATAÇÃO DA EPÍSTOLA

A epístola deve ter sido escrita antes da destruição de Jerusalém e do templo ocorridas no ano 70, do contrário o autor teria mencionado o fato e também o fim do sistema sacrificial judaico. O autor emprega o tempo presente grego, quando fala do templo e das atividades sacerdotais a ele associadas (5.1-3; 7.23,27; 8.3-5; 9.6-9,13,25; 10.1,3,4,8,11; 13.10,11).

DESTINATÁRIOS

A carta foi endereçada primordialmente, aos judeus convertidos que eram familiarizados com o AT e se sentiam

tentados a voltar para o judaísmo ou queriam judaizar o evangelho, cf. Gl 2.14.

TEMA

Hebreus trata da supremacia e da suficiência de Jesus Cristo, como Aquele que trouxe revelação e que se tornou o mediador da graça de Deus. A introdução (1.1-4) mostra a transcendentalidade da obra de Cristo e sua superioridade a tudo o que é mostrado no AT. As promessas e as profecias do AT são plenamente cumpridas, agora, no NT. Cristo é apresentado como superior a Moisés, a Arão e aos anjos.

Não é difícil entender o texto aos Hebreus, especialmente porque o autor fornece lições práticas do tema ao longo do livro. O objetivo do livro é mostrar que os crentes convertidos do judaísmo não devem voltar ao sistema antigo, ultrapassado e arcaico. Ao retornarem à prática de sacrifícios, os judeus convertidos estavam novamente crucificando a Cristo (6.4-6), e não poderiam mais ser salvos, porque “estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus”. Quer dizer: Ao voltar a matar animais, e a oferecer sacrifícios exigidos pela lei, os judeus convertidos estavam negando a eficácia do sacrifício de Jesus Cristo.

Seguindo a linha de estudo desses módulos, o aluno poderá acompanhar o desenvolvimento do livro seguindo o comentário e esboço abaixo.

I. INTRODUÇÃO (1.1-14)

A mais alta revelação é dada aos crentes mostrando que o Filho de Deus é maior que os anjos. Depois de realizar a obra de redenção da humanidade, o Filho de Deus está assentado à direita do Pai.

O autor, ainda que anônimo, deveria ser bem conhecido das pessoas a quem remetia a carta (Hb 13.19). O livro deve ter sido escrito antes da destruição do templo de Jerusalém em 70 d.C. pouco antes do martírio de Pedro que indiretamente menciona a

epístola (2 Pe 3.15-16), quando a maioria das pessoas que conheceram a Jesus pessoalmente já haviam morrido.

1. Deus falou de muitas maneiras no passado. No grego a expressão “de muitas maneiras” do v.1 é “em muitas partes ou porções”. A revelação veio aos poucos, e a cada profeta, em seu tempo, foi dada uma parte da revelação. A Noé, o Messias foi revelado àquela quarta parte do globo; a Abraão a revelação foi de uma nação; a Jacó, de uma tribo; a Miquéias a revelação do local do nascimento do Messias; a Daniel o tempo certo; a Malaquias a vinda do precursor e sua segunda vinda. A Jonas, seu sepultamento e ressurreição. Aos profetas Isaías e Oséias, a ressurreição do Messias. Cada um deles conheceu em parte, mas quando veio o que era Perfeito revelado no Messias, aquilo que havia sido revelado em partes, mostrou-se ao mundo todo (1 Co 13.12).
2. “Muitas vezes”. A revelação veio por convicção interior, por vozes audíveis, por Urim e Tumim, por sonhos e visões. O Messias foi visto por diversos ângulos. Abraão viu de um jeito; Moisés doutro, de maneira diferente por Elias, e também por Miquéias, Isaías, Daniel e Ezequiel (Veja Nm 12.6-8). A revelação do AT era fragmentária em substância, mas se apresentava de maneira multiforme. Os profetas sabiam que profetizavam em parte. Em Cristo a revelação ficou completa (Hb 1.3).
3. O intervalo de 400 anos entre Malaquias, o último profeta, e a vinda do Messias, serviu para evidenciar com clareza a chegada do Filho (Hb 2.3). Deus, o Espírito Santo (Hb 3.7).
4. O Filho é a última e maior revelação de Deus (Mt 21.34,37). Jesus não é apenas uma “medida”, como apresentado nos profetas. Em Cristo reside corporalmente a plenitude do Espírito de Deus (Jo 1.16; 3.34; Cl 2.9). O autor, ao apresentar o Filho responde a todas as objeções dos judeus e dos seus profetas. Jesus é o fim de toda profecia (Ap 19.10) e da lei de Moisés (Jo 1.17; 5.46).

II. O PERIGO DE NEGLIGENCIAR TÃO GRANDE SALVAÇÃO (2.1-18)

O capítulo 2 abre com a frase “portanto”, ou “por esta razão”. Isto é, Cristo é superior a todos.

O capítulo trata do perigo de se negligenciar tão grande salvação, revelada primeiramente pelos anjos e finalmente completada pelo Filho, a quem todos devem se submeter. Ainda que por breve tempo o Filho foi humilhado tornando-se menor que os anjos, a humilhação se deu por divina necessidade para obter a salvação do homem. A humilhação de Cristo “menor que os anjos” (2.9) e a humanidade do Filho foi necessária para ele poder entender as fraquezas humanas (2.10).

Cristo se tornou como qualquer homem, participou da natureza humana para entender os dilemas da humanidade (2.14-18). Ele entende o homem e pode interceder por eles, porque conhece as fraquezas das pessoas.

III. A SUPREMACIA DE CRISTO. SUPERIOR A MOISÉS (Hb 3.1-19)

Depois de dissertar nos capítulos anteriores sobre a dignidade da pessoa de Cristo; de falar de sua graça e de sua humanidade, de seu sofrimento a favor do seu povo, o autor exorta os Hebreus a levarem a sério o Filho de Deus.

O autor chama a atenção da superioridade de Cristo sobre Moisés. Moisés foi o mediador da lei, e governou sobre a “casa de Deus”, a nação de Israel. Jesus, no entanto é maior que Moisés. O anjo da aliança apareceu em nome de Deus para Israel; Moisés apareceu em nome de Deus; o sumo sacerdote trazia o nome de Deus em sua testa (Êx 28.36-38). Cristo é maior que os anjos conforme os capítulos 1 e 2.

Moisés foi fiel em tudo presidindo sobre a casa de Deus, “como servo”, e serviu de testemunho “das coisas que haviam de ser anunciadas” (3.5); Cristo é fiel sobre sua casa, a Igreja “a qual casa somos nós” (3.6). O estudante deve observar que sempre que as Escrituras tratam de “casa de Deus”, família, templo e nação, referem-se ao povo de Deus. A casa de Deus que Moisés presidia

era o povo de Israel; a casa de Deus que Jesus preside é a igreja, e disto tratam os primeiros versículos deste capítulo (3.2-6).

Daí a exortação para que os crentes estejam abertos a ação do Espírito Santo. O autor usa o texto do Salmo 95.7-11 e aplica à presente situação. O autor ilustra o endurecimento à obra do Espírito Santo com o povo de Israel no deserto (Hb 3.15-19). A incredulidade é o maior empecilho à obra do Espírito Santo na igreja.

IV. EXORTAÇÃO A UMA VIDA DE COMUNHÃO COM CRISTO (4.1-16)

O escritor depois de mostrar o castigo sofrido pelo povo de Israel no deserto que pela desobediência não pôde entrar na Terra Prometida, e não encontrou descanso (cap. 3), começa esta parte com outro “portanto”, concluindo o pensamento do capítulo 3. Ele temia que, “sendo-nos deixada a promessa de entrar no descanso de Deus, suceda parecer que algum de vós tenha falhado” (4.1). Isto é, ele adverte da possibilidade de alguns crentes não entrarem no descanso, como os Hebreus rebeldes que não puderam entrar na Terra Prometida. E o autor explica: “Porque também a nós foram anunciadas as boas-novas, como se deu com eles; mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto não ter sido acompanhada pela fé naqueles que a ouviram” (Hb 4.2).

O povo de Israel ouviu o mesmo evangelho, mas não obedeceu! O mesmo poderá acontecer com muitos irmãos. O autor mostra que mesmo entrando na terra prometida o povo não obteve descanso (4.4-8). Não se trata aqui do descanso do sétimo dia, como Deus descansou, nem tão pouco do descanso da terra de Canaã, que eles possuíam com Josué, mas de outro tipo de descanso. Trata-se do descanso em Deus, isto é, não é preciso obras realizadas, nem esforços desgastantes para entrar no descanso. Basta descansar em Cristo (4.9,10). Todo o que professa a fé em Cristo não precisa mais trabalhar ou fazer esforços para ser aceito por Deus: Está no descanso! A exortação é: “Esforcemo-nos, pois, por entrar naquele descanso, a fim de que ninguém caia, segundo o mesmo exemplo de desobediência” (Hb 4.11).

Basta para o crente depender unicamente da ação da Palavra de Deus (Hb 4.12-13). Nos versículos 14-16 o autor volta a falar outra vez – como fizera no início do capítulo 3.1 – da importância de se ter Cristo como grande sacerdote. E, por conhecer os problemas do ser humano, este sumo sacerdote se compadece das fraquezas humanas, porque “foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Hb 4.15). Nem sempre, fraquezas ou enfermidades, nas Escrituras, se referem a pecados, mas também às debilidades ou deficiências em alguma área da vida.

V. CRISTO, O SUMO SACERDOTE EFICAZ (5.1-14).

O apóstolo, depois de apresentar a Cristo como o sumo sacerdote no capítulo anterior, continua mostrando como agia o sumo sacerdote do AT, para enfatizar a excelência da obra de Jesus Cristo, que não é da ordem de Arão, mas de Melquisedeque. A descrição do sumo sacerdote é para mostrar a relação deste com os homens; a forma como era separado de entre os homens, para expiar os pecados das pessoas (Hb 5.1-4).

Arão se sentiu honrado com o chamamento sacerdotal, mas Cristo não se orgulhava de ser sacerdote. O Pai o glorificou, afirmando, “Tu és meu Filho, eu hoje te gerei” (5.5,6). A confirmação do Pai vem pelos Salmos 2.7 e 110.4. No capítulo sete o estudante verá o sentido de Cristo pertencer à ordem de Melquisedeque. Cristo, como homem, com fraquezas, mas sem pecado, se condoia dos ignorantes e deles tinha misericórdia (Hb 5.5-6).

Nos versículos 7-9 o autor mostra que através da obediência e sofrimento Jesus se tornou o autor da salvação de seu povo, que é a centralidade de seu sacerdócio, seguindo a ordem de Melquisedeque (Hb 5.10). O apóstolo poderia dizer muitas coisas a esse respeito, mas aqueles Hebreus eram “cabeçudos” e incapazes de entender o que ele queria dizer (5.11). Por serem “tardios em ouvir”, o autor os adverte de que pelo tempo decorrido deveriam ser mestres, mas ainda eram crianças, e queriam continuar se

alimentando apenas de leite (5.11-14). O que o apóstolo diz aqui continuará no capítulo 6.

VI. PAULO REVELA O VERDADEIRO CARÁTER DA FIDELIDADE DE DEUS A ABRAÃO E AOS SEUS DESCENDENTES (6.1-20).

Nestes vinte versículos o escritor exorta os crentes Hebreus a não se deterem nos rudimentos da religião cristã que aprenderam, muito menos voltar aos fundamentos da religião judaica (Hb 6.1-3). Ele quer que os crentes Hebreus se aprofundem em coisas divinas, mas eles haviam decaído da graça de Deus. O que fizeram esses crentes que não havia possibilidade de arrependimento? Porque haviam voltado à prática da religião judaica. Isto é, depois de conhecerem a graça de Jesus Cristo, voltaram aos sacrifícios de animais.

Os crentes gentios não estão incluídos no que o autor aborda aqui nesses primeiros versículos. "... é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia." Quem fez isto foram os crentes Hebreus. Conheceram a eficácia da obra redentora de Jesus Cristo, o perfeito e único sacrifício e voltaram depois à prática de sacrifícios de animais (Hb 6.4-6).

O escritor aos Hebreus os compara à terra que foi cultivada, produziu frutos, mas depois deixou de produzir o que era bom, e foi amaldiçoada. "Porque a terra que absorve a chuva que frequentemente cai sobre ela e produz erva útil para aqueles por quem é também cultivada recebe bênção da parte de Deus; mas, se produz espinhos e abrolhos, é rejeitada e perto está da maldição; e o seu fim é ser queimada" (Hb 6.7-8). Assim também eram aqueles Hebreus: Cultivados em sua fé e frutificando foram abençoados. Mas, caso rejeitassem as bênçãos de Deus, cairiam em desgraça. O apóstolo esperava deles contínua frutificação (Hb 6.9-10).

Dos versículos 9-12 o escritor fala que Deus recompensará a cada um deles pela obra que estavam fazendo. E imediatamente usa a experiência de Abraão para concluir seu pensamento.

Ao escrever, “Pois, quando Deus fez a promessa a Abraão”, o autor descreve a aliança que Deus fez com Abraão, querendo afirmar com isto que a fé que esses judeus abraçaram, era a continuidade da aliança eterna com o Pai da Fé.

O autor mostra a transcendentalidade da aliança de Deus com Abraão que não se restringiu ao seu servo, mas à sua descendência para sempre, que são os crentes em Jesus Cristo (Veja Rm 4.18-23). Deus não tinha ninguém superior a si mesmo por quem jurar. Afinal, ele é maior que a terra e o Universo. Então, Deus jurou por si mesmo (vv. 16-17). E jurou por duas coisas imutáveis: Deus não muda e não mente. Estas duas colunas do juramento de Deus permanecem até hoje (v.18). E este juramento em que Deus coloca em questão seu próprio caráter e sua fidelidade deve ser tido como “âncora da alma, segura e firme e que penetra além do véu” (v.19).

Ora, o que o autor quer dizer é que a âncora dá firmeza ao navio no meio da tempestade. Mas, a âncora de que Paulo fala é a promessa de Deus de que ele não mente e não muda, e está firmada “além do véu” isto é, no tabernáculo do céu (Ap 11.19). As cordas dessa promessa que prendem a âncora estão agarradas em Deus, “onde Jesus, como precursor, entrou por nós, tendo-se tornado sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque” (v.20).

O capítulo não se encerra nesse versículo, mas continua no capítulo sete, como se verá a seguir.

VII. TRÊS ASPECTOS DO SACERDÓCIO DE CRISTO (CAP. 7.1-28).

A) O sacerdócio de Cristo é superior ao levítico (7.4-10).

“Porque este Melquisedeque, rei de Salém...”. O apóstolo vem tentando apresentar Melquisedeque desde o capítulo cinco (5.6,10 e 6.20). E agora compara o sacerdócio de Cristo ao de Melquisedeque, e não o compara como se fosse da família de Levi. “Sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência, (entretanto, feito semelhante ao Filho de Deus), permanece sacerdote perpetuamente” (v.3).

Alguns acreditam que Melquisedeque é uma epifânia, isto é, uma aparição de Cristo na terra em forma humana (como no caso dos três seres celestiais que visitaram a Abraão e comeram com ele).

Porém há outro pensamento sobre o tema: Quando a Escritura afirma que Melquisedeque não tinha pai, nem mãe, nem genealogia, significa que seu pai não era sacerdote, sua mãe não descendia de nenhuma ordem sacerdotal, nem tinha ele antecessor nesse ofício. Tão pouco tinha um substituto. Era um homem comum, mas sem linhagem sacerdotal. A versão siríaca afirma: “cujos pais não estão inscritos na genealogia”. A tradição dos escritores árabes diz que era filho de Pelegue e traça sua descendência a partir de Sem, filho de Noé. “Melquisedeque, filho de Heraclim, o filho de Pelegue, filho de Eber. O nome de sua mãe era Salatiel, filha de Gomer, filho de Jafé, filho de Noé. Heraclim, filho de Éber casou-se com Salatiel e ela lhe deu à luz Melquisedeque, também chamado de rei de Salém”.

Melquisedeque torna-se assim, uma figura de Cristo, pelo fato de não provir de linhagem sacerdotal, como a de Levi e Arão. Abraão o reconheceu como autoridade espiritual naqueles dias e lhe entregou todos os dízimos (Hb 7.6-10). Figurativamente Abraão dava os dízimos na pessoa de Levi – seu bisneto. Quando o autor apresenta Melquisedeque superior a Abraão, de quem recebeu os dízimos, está apontando que Cristo é superior a Melquisedeque, portanto, superior ao sacerdócio judaico. A relação com os dízimos aqui é que estes são entregues a Alguém superior, Cristo Jesus, na pessoa de Levi. Contextualizando, na pessoa do líder da igreja.

B) O sacerdócio levítico teve fim, o de Cristo é eterno (7.11-19).

Nestes versículos o apóstolo leva os crentes Hebreus a considerarem atentamente o fato de que o sacerdócio levítico dado mediante a Lei era imperfeito, por isso foi necessário que se levantasse um sumo sacerdote perfeito, maior que Melquisedeque. Melquisedeque, diz o autor, não pertencia a nenhuma tribo sacerdotal (7.13), e assim também Jesus, nosso Senhor veio da tribo de Judá “à qual Moisés nunca atribuiu sacerdotes” (7.14). E o fato

de se levantar outro sacerdote à semelhança de Melquisedeque implica na afirmação de que Cristo não foi levantado segundo a lei, “mas segundo o poder da vida indissolúvel” (7.16).

Com a vinda de Jesus, segundo a ordem de Melquisedeque se revoga “a anterior ordenança” que era fraca e inútil, porque a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma. Agora, introduz-se “esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus” (7.19).

C) Cristo, sacerdócio único e perfeito (7.20-28).

Houve um juramento no passado para estabelecer o sacerdócio de Cristo, pelos lábios de Davi: “O SENHOR jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque” (Sl 110.4). O apóstolo está usando uma palavra profética de Davi para mostrar a supremacia do sacerdócio de Cristo sobre a ordem levítica.

Enquanto os sacerdotes da ordem de Levi só podiam ser substituídos quando morriam, o sacerdócio de Cristo é eterno e imutável (7.23-24). Por isso é eficaz e “pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (7.25). É um sacerdote que atende às necessidades humanas, como afirma o versículo 20 porque é:

 **Santo.** Filo, o judeu de Alexandria, afirma que os judeus falam de um sacerdote que não é homem, mas Palavra divina, livre de todo pecado, voluntário e involuntário.

 **Inculpável.** Quer dizer, sem malícia, sem culpa e com isso era maior que o sumo sacerdote terrestre que vivia sob a lei. Por isso, podia assumir a forma de pecado para tirar os pecados dos homens.

 **Imaculado.** Quer dizer, sem mancha alguma de caráter. Não vivia como os pecadores, e seu sangue, como de um cordeiro, sem culpa e sem mancha alguma. Seu caráter distinguia-se dos demais sacerdotes em pureza e santidade.

 **Separado dos pecadores.** A versão siríaca fala em “separado dos pecados”, o que significa que era diferente dos

sacerdotes que pecavam, e que tinham de fazer a purificação de seus próprios pecados durante sete dias, antes de purificarem o povo (7.27).



Feito mais alto que os céus. “Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão” (Hb 4.14). Cristo é superior a tudo o que é celestial, inclusive aos anjos, que o receberam nos céus e o exaltaram acima de tudo (Ap 5.9-12). Enquanto a Lei instituía sacerdotes fracos que podiam pecar, a palavra do juramento instituiu um sacerdote “perfeito para sempre” (7.28).

E o autor da epístola continua com o tema no capítulo oito.

VIII. A OBRA SACRIFICIAL SUPERIOR DO NOSSO SUMO SACERDOTE (CAPS. 8-10).

A) Uma melhor aliança.

1. Sumário dos capítulos anteriores (8.1-13).

O v.1 em inglês diz: “Das coisas que vimos dizendo, este é o sumário”. Portanto, o capítulo oito resume o que o apóstolo vinha afirmando no capítulo anterior: “O resumo do que temos afirmado é que possuímos tal sumo sacerdote” (v.1). No capítulo oito o apóstolo mostra que Cristo exerce seu sacerdócio “à destra do trono da Majestade nos céus”. Ele é “ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem” (v.2). Veja o Salmo 110.1.

Enquanto o sacerdócio de Arão era exercido na terra, o de Cristo é exercido no céu, onde ele entrou com seu próprio corpo (8.3). Porque, se Cristo estivesse na terra, nem mesmo sacerdote seria, porque havia tantos sacerdotes que não sobraria espaço para ele.

O estudante deve levar em conta que havia sacerdotes que viviam e morriam sem nunca exercerem o ofício no tabernáculo de tantos que eram. E os sacerdotes da terra ministravam “em figura e

sombra das coisas celestes” (v.5). Por isso Deus ordenou a Moisés que o tabernáculo e todos os seus utensílios fossem feitos conforme “o modelo que te foi mostrado no monte”.

Os sacerdotes, ao ministrarem no tabernáculo apontavam para o que era superior nos céus. O estudante aprende mais sobre este tema no estudo de tipologia, em nosso Curso de Nível Médio.

Dos versículos 6 ao 12 o apóstolo prova aos judeus que Cristo é o mediador desta nova aliança que é superior a tudo o que a lei estabelecia. Para tanto usa as profecias de Jeremias 31.31-34 nos versículos 8-12, concluindo que a nova aliança, anula a antiga, portanto, a lei mosaica estava aos poucos desvanecendo, enquanto a nova aliança em Cristo tomava seu lugar na vida do povo de Israel.

B) Um melhor santuário (9.1-10).

Nesses dez versículos o apóstolo descreve como o sacerdote entrava no tabernáculo terrestre para oferecer os sacrifícios. Tudo não passava de “ordenanças da carne, baseadas somente em comidas, e bebidas, e diversas abluções, impostas até ao tempo oportuno de reforma” (9.10). O fato de entrar no santo dos santos uma vez por ano, era um indicativo de que o Espírito Santo estava avisando que havia outro caminho para um melhor santuário, e que este não podia ser manifestado enquanto o terreal existisse (9.8).

Filo afirmou que o tabernáculo terrestre era um tipo do mundo. Este judeu não entendia na época que aquele tabernáculo era um tipo da igreja ou do céu ou ainda de Cristo em sua natureza humana, porque os utensílios eram feitos pelos homens na terra. Os judeus, no entanto, acreditavam que havia um santuário superior nos céus. É este santuário que o apóstolo tenta mostrar aos judeus crentes.

C) Um melhor sacrifício (9.13 a 10.18).

A expressão do v.13, “Portanto, se o sangue de bodes e de touros”, no grego tem o sentido de “Como sabemos, o sangue de bodes e de touros...”. O apóstolo passa a discorrer sobre o sangue

derramado nos sacrifícios e apresenta o sangue de Jesus Cristo, como oferta eternal (vv.13-14). O estudante pode ver a questão das cinzas da novilha vermelha em Nm 19.16-18. As cinzas da novilha postas em água, serviam para purificar as pessoas quando tocavam algum morto, e assim como ela morria fora do acampamento, também Cristo morreu fora do arraial por nossos pecados (Hb 13.11 cf. Nm 19.3,4).

1. “As figuras das coisas que se acham nos céus” deveriam ser purificadas com o sangue de animais aqui derramado; e as figuras “celestiais, com sacrifícios a eles superiores”. Com isto o apóstolo introduz o fato de que Cristo “não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu”, e ofereceu no santuário celeste o seu próprio sangue. Encerra o apóstolo com o v.28 afirmando que Cristo tendo se oferecido uma vez para sempre, tirou os pecados de todo mundo, e aparecerá, segunda vez, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação.
2. No capítulo 10 dos versículos 1 ao 18 o apóstolo continua sua exposição pormenorizada sobre os sacrifícios afirmando que o sacrifício de Cristo é superior e maior, com resultados eternos. Duas vezes ele se refere ao Espírito Santo (9.14; 10.15), como testemunha dessa aliança Eterna. Sim, porque o que era escrito nos corações de pedra agora foi escrito pelo Espírito Santo nos corações dos crentes (10.16-17).

O apóstolo relembra os crentes judeus, da promessa feita através de Jeremias (v.17). Quem dera os cristãos tomassem isso como verdade, porque, vez por outra se lembram dos pecados cometidos e se martirizam por eles. Como se Cristo precisasse uma vez mais morrer por seus pecados!

D) Exortações práticas (10.19-39).

Três coisas o escritor lembra aos fieis:

1. Que os crentes podem entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus. Este privilégio é concedido a todos (10.19-

24). E os crentes são lembrados de que devem entrar no santuário pelo sangue de Cristo, pela sua carne, “com o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura”. Isto é, assim como o sacerdote se purificava, o crente se purifica em Cristo (v.22). Que guarde a confissão da esperança, tendo em mente que Cristo é fiel (v.23). E os crentes não devem pensar que deverão viver agora todos os dias dentro do santo dos santos. Nada disso: Devem estimular uns aos outros às boas obras e sempre congregarem-se (vv. 24-25).

2. Não é por ser privilegiado em entrar no santo dos santos que os crentes devem viver de qualquer maneira. O castigo é maior para aqueles que conhecem a verdade (vv. 26-31). Uma pessoa que passa a confiar nos seus próprios méritos profana o sangue da aliança e traz ultraje ao Espírito da graça! (v.29).
3. O escritor introduz, a partir daqui (vv. 32-39) a questão da fé e da promessa de Deus. Os crentes devem lembrar-se de tudo o que fizeram, de como sofreram perseguições e calúnias, olhando sempre para o alvo. Primeiramente olhando para si mesmos (10.32), depois olhando para os pais da fé (Cap. 11) e por fim olhando para Jesus (Cap. 12). Os versículos 38, 39 introduzem o capítulo 11 de Hebreus.

IX. APELO FINAL PELA PERSEVERANÇA NA FÉ (CAPS. 11 E 12).

A) Exemplos dos heróis da fé no passado (Cap. 11).

Este é o capítulo mais lido e lembrado do livro de Hebreus, porque nele o crente encontra alento para continuar na jornada da fé. Homens e mulheres do passado, fracos e humanos encontraram força para avançar e vencer porque eram pessoas de fé. Neste capítulo nenhuma fraqueza é mencionada. Abraão mentiu, mas aqui é o pai da fé. Sara não creu, mas aqui é apresentada como mulher que creu. Homens e mulheres pecadores tiveram fé para ver o impossível.

1. O v.1 não é a melhor definição de fé.

A tradução brasileira traduz o v.1 assim: “Ora a fé é a substância das coisas esperadas, a prova das coisas não vistas”. E a versão está mais que correta, porque fé é substância; e a substância de uma semente não é o que dela se vê, mas o DNA que está dentro dela que transmite a característica da semente. A palavra fé foi traduzida para o latim a partir da raiz da palavra latina *credere* e em muitas partes do NT sempre que aparece a palavra fé, ela é traduzida como crer. Mas, crer não é o mesmo que fé. Fé tem o sentido no hebraico de “é firme”, “é certo”, “é fiel”. A raiz desta palavra no hebraico é *amén* que para nós traduz “assim seja”. Fé, seguindo a versão apresentada diz respeito a crer no invisível (11.27).

2. Abraão, o pai da fé peregrinou na terra da promessa sem dela tomar posse, “porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador” (v.10). Portanto não se tratava de Jerusalém terreal. Ali Abraão esteve para oferecer Isaque e encontrou-se com Melquisedeque. Jerusalém não é uma cidade construída por Deus. Ora, a cidade que tem fundamentos é a igreja. Veja Ef 2.20,22. A igreja é esta cidade, vista em Apocalipse como noiva e cidade ao mesmo tempo (Ap 21.1,2, 9 e ss.). Quer dizer, Abraão via o futuro, via a igreja (Hb 11.10).
3. “da fraqueza tiraram força” (Hb 11.34). Esta é a principal qualidade do que tem fé. Reconhece que é fraco, mas se fortalece em Deus (Rm 4.17-21).

B) Encorajamento à fé perseverante (12.1-13).

Neste capítulo o apóstolo insiste para que os crentes Hebreus tenham paciência e fé no meio das aflições, e por isso os exorta a uma vida cristã plena. No capítulo anterior, chamado de capítulo da fé o apóstolo apresenta várias pessoas que perseveraram em alcançar a promessa, mas urge que os crentes não fiquem olhando para esses exemplos do passado, mas para Cristo Jesus, Autor e Consumador da fé (12.1). O pecado, diz o apóstolo,

está sempre presente, e os crentes devem continuar sua peregrinação se desembaraçando dessa teia mortal que os quer prender. Contudo, ainda não chegaram ao ponto de terem que dar suas vidas, como Cristo. “Olhem como Cristo suportou as agruras da vida”, diz o apóstolo (Hb 12.2-4).

Depois o escritor traz à tona a questão da disciplina, deixando implícito que as perseguições são usadas por Deus para disciplinar os fieis citando o texto de Provérbios 3.11-12. Dos versículos 6-13 o escritor trata da questão da disciplina e, para tanto aborda a questão disciplinar que os pais impõem aos filhos para que estes vivam corretamente. Os pais disciplinam os filhos para que vivam pouco tempo, enquanto Deus os disciplina para que vivam eternamente.

C) Esaú: Exemplo negativo de pessoa profana (12.14-17).

1. Paz nos relacionamentos, na igreja, na sociedade e com todas as pessoas. O apóstolo insiste em que haja um ambiente de paz, especialmente os Hebreus que eram orientados pela lei a não buscarem a paz com os gentios (Hb 12.14 cf. Dt 23.6). Existe uma citação de Hillel que viveu no tempo de Cristo: “Vivam como discípulos de Arão que buscavam a paz”. O Talmude afirma que “Arão amava a paz, seguia a paz e intermediava a paz entre ele e seus vizinhos”. “A verdadeira instrução esteve na sua boca, e a injustiça não se achou nos seus lábios; andou comigo em paz e em retidão e da iniquidade apartou a muitos” (Cf. MI 2.6).
2. O apóstolo fala em separar-se da graça de Deus usando Esaú como exemplo de pessoa profana (vv. 14-16). Profana é a pessoa que conhece a verdade e a despreza. Esaú espontaneamente decidiu em seguir o mal, abandonando o que Deus lhe dava por direito (v.17).

D) Motivação para a fé perseverante (12.18-29).

Nesta última parte do capítulo 12, o escritor relembra os Hebreus da manifestação divina no Monte Sinai, em que Deus se apresentou no meio do “fogo palpável e ardente”; em meio “à

escuridão, e às trevas, e à tempestade, ao clangor de trombeta, e ao som de palavras...” (vv. 18-19). E compara com a revelação que chegou ao povo no Monte Sião, na cidade do Deus vivo, na Jerusalém celestial (vv. 22-24).

Certos cristãos pensam que Deus sempre se manifesta em luz, mas nas Escrituras ele sempre se manifestou de diversas maneiras, inclusive no meio do fogo, das trevas e da escuridão. Caso Deus se manifestasse em meio a trevas hoje, as pessoas pensariam que era o Diabo.

A igreja aqui é descrita como Monte Sião, cidade do Deus vivo, Jerusalém celestial etc. Se no Sinai o espetáculo foi tão aterrador a ponto de Moisés dizer “sinto-me aterrado e trêmulo”, o mesmo Deus promete que abalará todas as coisas. O apóstolo cita o texto de Ageu 2.6. O escritor explica, então, que aquelas coisas que foram abaladas no Sinai serão removidas, “para que as coisas que não são abaladas permaneçam” (v.27). E este é o reino que espera os cristãos: Um reino inabalável!

X. ASPECTOS PRÁTICOS DA VIDA CRISTÃ (CAP. 13).

A) Conselhos diversos (13.1-17).

1. Exortação quanto ao amor fraternal (v.1). O escritor apela para que o amor “seja constante”, que não seja algo pontual, uma atitude aqui e ali.
2. A hospitalidade (v.2). A experiência de muitos irmãos do passado que hospedaram anjos de verdade sem o saber. Porque os anjos não são seres que costumam aparecer com asas. A ideia de anjos alados vem do período da renascença. Os anjos que apareciam no AT tinham aparência de viajantes cansados, como os que apareceram a Abraão e comeram na casa dele; como peregrinos, como os que apareceram na casa de Ló e jantaram com sua família. Como ancião um deles apareceu a Manoá anunciando o nascimento de Sansão; como guerreiro apareceu a Jacó e lutou com ele; apareceu também a Josué, a ponto deste confundi-lo com um guerreiro inimigo e assim sucessivamente.

3. Quanto aos encarcerados (v.3). Obviamente que o escritor tem em mente aqui os encarcerados cristãos que sofriam por sua fé. E que carecem do socorro dos irmãos.
4. O casamento e o leito conjugal devem ser mantidos com honra e imaculado (v.4). Existe muita discussão sobre o sentido de “leito sem mácula”. O sentido é genérico e incerto. Certamente o apóstolo se refere ao pecado.
5. Aconselhando os cristãos a se contentarem com o que possuem (vv. 5-6). Não é o que acontece nos dias de hoje. Os crentes imitam os ímpios e concorrem com eles para terem tudo o que aqueles têm. O verdadeiro crente usa dos recursos que Deus lhe dá para viver dignamente, ajudar o próximo e investir no reino de Deus.
6. Os cristãos devem manter em mente a boa atuação de seus guias e devem honrá-los acima de tudo (vv. 7,17). No v.17 o apóstolo recomenda que os crentes devem se submeter aos líderes, porque eles vigiam e cuidam das almas dos irmãos; sabem que devem prestar contas de seu trabalho, e é melhor que o façam com alegria do que gemendo. Um pastor amargurado com a congregação destila veneno em sua pregação e não amor.
7. O apóstolo volta a relembrar os Hebreus do sacrifício de animais e do sacrifício de Jesus Cristo. Agora, em vez de animais o crente deve oferecer a Deus “sacrifício de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome” (vv. 8-16).

B) Pedido de oração (13.18-19).

É fácil se deixar corromper pelo sistema do mundo e perder a “boa consciência” (v.18). A intercessão dos irmãos poderia apressar a liberação do apóstolo – quem quer que seja (v.19).

C) Bênção (13.20-21).

Esta doxologia – cântico de adoração – pode servir para identificar o autor como sendo Paulo, já que ele se expressou da

mesma maneira em outras epístolas (Rm 16.25; 1 Tm 3.16; 2 Tm 2.11; 4.18).

D) Notas pessoais e bênção final (13.22-25).

1. O autor diz que escreveu o texto aos Hebreus resumidamente! (v.23).
2. Outra possível prova de que Paulo poderia ser o autor desta epístola está no versículo 23: “Notifico-vos que o irmão Timóteo foi posto em liberdade; com ele, caso venha logo, vos verei”, o que implica afirmar que Timóteo estava preso e o autor da carta não!
3. “Os da Itália vos saúdam” (v.24). Esta é uma informação importante para identificar o autor e o lugar de onde enviou a carta aos Hebreus.

EPÍSTOLA DE TIAGO

INTRODUÇÃO

O estudante tem em mãos uma carta escrita por Tiago, irmão de Jesus. O primeiro Tiago apresentado no NT era irmão de João, filhos de Zebedeu. Estes dois eram sócios com Pedro na indústria da pesca e uns seis meses depois do primeiro encontro com Jesus abandonaram as redes e o seguiram.

Eusébio, em *História Eclesiástica* (cerca de 330 d.C.) chama esta carta de epístola universal, isto é, circulava pelo mundo todo, diferentemente de algumas epístolas de Paulo que eram enviadas a pessoas ou igrejas específicas. Apenas duas outras cartas recebem este título universal, 1 Pedro e 1 João. Essas cartas constam de todos os manuscritos existentes do NT.

As epístolas enviadas a igrejas e pessoas específicas, levaram mais tempo para serem reconhecidas, enquanto que a epístola de Tiago se tornou rapidamente conhecida da igreja toda. A epístola de Tiago é mencionada pela primeira vez no início do século III por Orígenes em seu comentário de João 1.19. Orígenes nasceu no ano 185 e morreu em 254. Outro pai da igreja, Clemente de Roma, em sua 1 epístola aos coríntios cita vários textos de Tiago. Outros líderes como Hermas, Irineu e Clemente de Alexandria também citam em suas obras os textos de Tiago.

Lutero dizia que a epístola de Tiago era vazia e destituída do caráter evangélico, porque pensava erroneamente que Tiago se opunha à justificação pela fé, por causa do texto em que o bispo de Jerusalém fala das obras (Tg 2.14-26). Paulo falava sobre a justificação pela fé, enquanto Tiago aborda a justificação pelas obras.

Os dois apóstolos viam a questão da justificação por óticas diferentes, em perfeita harmonia e mutuamente complementadas na definição de um e de outro. A fé precede o amor e os atos de amor, e sem amor esta fé é morta. Paulo trata da justificação do pecador diante de Deus; Tiago trata da justificação perante os homens. O erro em se interpretar aqui é que os judeus acreditavam que conhecendo a lei estavam justificados diante de Deus. (Compare Tg 1.22 com Rm 2.17-25).

Os textos de Tiago 1.3 e 4.1,12 aludem plenamente o texto de Rm 5.3; 6.13; 7.23 e 14.4. O ponto alto de Tiago 2.14-26 sobre a justificação parece referir-se ao ensinamento de Paulo com o fim de corrigir a noção falsa dos judeus que o contraditavam (Rm 2.17 e ss.).

Tiago era conhecido como "O Justo". Era preciso sabedoria peculiar para pregar o evangelho sem ferir a lei. Como bispo de Jerusalém escrevendo às doze tribos, Tiago apresenta o evangelho em relação a lei que os judeus tanto reverenciavam. Enquanto as epístolas de Paulo tratam da doutrina, a começar pela morte e ressurreição de Cristo, a epístola de Tiago tem ligação com os ensinamentos de Jesus, especialmente o sermão do monte.

Esta epístola exala o mesmo fôlego da retidão de vida apresentada nos evangelhos, retidão que o sermão do monte apresenta como a mais sublime realização da lei. O caráter de Tiago, “o Justo” ou legalmente reto, o apresenta com esta coincidência (Compare Tg 1.20; 2.10; 3.18 com Mt 5.20). Tiago conseguia pastorear uma igreja que ainda queria zelar pela lei (At 21.18-24; Gl 2.12).

Vários anos se passariam até que a igreja deixasse de ser vista como um avivamento do judaísmo. No segundo século havia sérias divergências entre os discípulos de Paulo e os de João. Os de Paulo queriam uma igreja totalmente afastada de quaisquer judaísmos, enquanto os discípulos de João queriam preservar, por exemplo, os costumes das festas judaicas, seguindo o calendário dos Hebreus. Assim, Tiago podia convencer os judeus da verdade do Evangelho de Cristo seguindo o modelo do AT (Tg 2.8 c/ Mt 5.44-48). A prática da fé, e não a confissão, é a melhor obediência (Tg 2.17; 4.17 c/ Mt 7.2-23).

Pecados cometidos por falar demais, ainda que não sejam vistos como algo relevante, são uma ofensa contra a lei do amor (Compare Tg 1.26; 3.2-18 com Mt 5.22 e Tg 5.12 com Mt 5.33-37).

A ausência da bênção apostólica nesta epístola se deve, provavelmente, ao fato de que a epístola tinha o objetivo de atingir também os israelitas descrentes. Aos judeus crentes ele recomenda que sejam humildes, pacientes, e que vivam em oração. Aos descrentes alerta quanto aos perigos iminentes de se viver fora do evangelho de Cristo (Tg 5.7-11; 4.9; 5.1-6).

AUTORIA E DATAÇÃO

Escrita por volta de 60 d.C. O Tiago que escreve esta carta se apresenta como “servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo”. Era um dos irmãos de Cristo, provavelmente o mais velho, porque aparece como o primeiro da lista em Mt 13.55. Era costume daquela época colocar os nomes de uma família pela ordem de nascimento. No início, Tiago nem sequer cria em Jesus por não entender a missão dele (Jo 7.2-5). Com o passar do tempo passou a ter destaque na igreja.

Este Tiago aparece no Concílio de Jerusalém registrado em Atos 15 para tratar da inclusão dos gentios na emergente igreja e para regulamentar a questão da circuncisão e da ingestão da carne sufocada.

No NT o estudante se depara com quatro pessoas com nome Tiago. O autor não pode ter sido o apóstolo Tiago que morreu cedo demais (44.d.C.) nas mãos de Herodes (At 12). Os outros dois homens com o mesmo nome, não tinham a estatura espiritual nem a influência que o autor desta carta possuía.

Alguns detalhes sobre Tiago, irmão de Jesus e autor desta carta ajudarão o estudante a conhecer melhor este apóstolo.

1. Foi um dos poucos a quem Cristo apareceu após a ressurreição (1 Co 15.7).
2. Paulo o chamou de “coluna” da igreja (Gl 2.9).
3. Paulo, em sua primeira ida a Jerusalém depois de se converter e de fugir de Damasco, dirigiu-se para Jerusalém e se encontrou com Tiago (Gl 1.19).
4. Tiago estava em Jerusalém e se encontrou com Paulo durante a última visita de Paulo, antes de ser encarcerado e levado para Roma como prisioneiro (At 21.18).
5. Na ocasião em que o Tiago, filho de Zebedeu foi degolado a mando de Herodes, Pedro, solto da prisão por um anjo, ordenou na casa de Maria que os irmãos avisassem Tiago de sua soltura (At 12.17).
6. Tiago liderou o Concílio de Jerusalém (At 15.13).
7. Judas se identificou apenas como “irmão de Tiago” (Jd 1), uma vez que Tiago era conhecido.

Seu martírio ocorreu durante a Páscoa. A epístola, no entanto, deve ter sido escrita antes deste ano. A destruição de Jerusalém foi profetizada de forma indireta em Tiago 5.1 etc. Hegesipo, citado por Eusébio em *História Eclesiástica* (Livro 2.23 -

fonte em inglês), narra que os escribas e fariseus levaram Tiago para o pináculo do templo de Jerusalém, exigindo que ele impedisse que tanta gente abraçasse o evangelho. “Dize-nos”, disseram na presença de todo o povo reunido para a festa da Páscoa, “qual é a porta de Jesus?”. Tiago os respondeu em voz alta: “Por que me perguntam sobre Jesus o Filho do Homem? Ele está assentado à mão direita (do Pai) e voltará outra vez nas nuvens do céu”.

Muitos dentre a multidão gritaram, Hosana ao Filho de Davi. Mas Tiago foi lançado do alto do pináculo pelos fariseus de cabeça para baixo, orando: “Pai, perdoa-os porque não sabem o que fazem”. Foi apedrejado e bateram nele com um porrete até que morresse.

Sabe-se pelos registros dos Atos dos Apóstolos, que os judeus andavam desesperados porque fizeram um juramento de morte e não conseguiram matar a Paulo, por isso decidiram se vingar em Tiago.

A publicação desta epístola aos israelitas dispersos pelo mundo, levada por aqueles judeus que vinham a Jerusalém para participar das festas anuais, fez que Tiago ganhasse notoriedade nas classes mais altas, porque ele havia predito a queda de Jerusalém e a destruição do país. A insistente pergunta dos fariseus, “por qual porta Jesus entrará quando retornar” alude a esta profecia de que a vinda do Senhor está próxima. “Irmãos, não vos queixéis uns dos outros, para não serdes julgados. Eis que o juiz está às portas” (Tg 5.8-9). Hebreus 13.7 provavelmente tem em mente Tiago que, depois de tanto tempo como bispo de Jerusalém foi martirizado: “Lembrai-vos dos vossos guias, os quais vos pregaram a palavra de Deus; e, considerando atentamente o fim da sua vida, imitai a fé que tiveram”.

Como apóstolo, sua atitude decisiva no Concílio de Jerusalém em Atos 15.19, 28 é: “pelo que julgo eu” e “pareceu bem ao Espírito Santo e a nós”. Com esta sentença o Concílio foi encerrado e a paz estabelecida entre judeus convertidos e gentios de todo o mundo. Tiago tinha uma autoridade episcopal que é mencionada por Pedro e Paulo (At 12.17; 21.18; Gl 1.19; 2.9).

O Senhor apareceu individualmente a Tiago depois de ressuscitar dentre os mortos (1 Co 15.7). Pedro em sua primeira epístola – tida como canônica já no primeiro século – confirma a epístola inspirada de Tiago, ao incorporar em sua epístola cerca de dez trechos da epístola de Tiago. Pedro, o “apóstolo da circuncisão” juntamente com o primeiro bispo de Jerusalém tinha, naturalmente, muita coisa em comum. Com mais tempo, possivelmente em seu estudo particular em casa, compare os seguintes textos de Tiago e Pedro para observar a semelhança (Tg 1.1 com 1 Pe 1.1; Tg 1.2 com 1 Pe 1.6; 4.12,13; Tg 1.11 com 1 Pe 1.24; Tg 1.18 com 1 Pe 1.3; Tg 2.7 com 1 Pe 4.14; Tg 3.13 com 1 Pe 2.12; Tg 4.1 com 1 Pe 2.11; Tg 4.6 com 1 Pe 5.5,6; Tg 4.7 com 1 Pe 5.6,9; Tg 4.10 com 1 Pe 5.6; Tg 5.20 com 1 Pe 4.6). Escritos no grego mais puro, mostram que as epístolas tinham como alvo também os helenistas, isto é, os gregos e também os judeus.

O estilo da epístola é incisivo e curto, com frases que se identificam por si sós. As imagens são as de argumentos analógicos que combinam lógica e poesia; eloquência e persuasão são características da epístola.

Existe uma semelhança com Mateus, o mais hebraico dos evangelhos. E era de se esperar isso do bispo de Jerusalém ao escrever para os israelitas. Na epístola percebe-se que o elevado espírito do cristianismo põe a lei dos israelitas em seu verdadeiro lugar. Por outro lado Tiago complementa o ensinamento de Paulo, e mostra aos judeus que ainda se apegavam à guarda da lei até a queda de Jerusalém, o princípio espiritual da lei, isto é, amor e obediência.

CONTEÚDO DO LIVRO

1. A natureza caracteristicamente judaica do livro, leva a crer que foi redigido quando ainda predominavam na igreja as fortes influências judaicas.
2. Reflete uma ordem eclesiástica simples – os líderes da igreja são chamados de “presbíteros” (5.14) e “mestres” (3.1).

3. Nenhuma referência se faz a respeito da circuncisão dos gentios.
4. O termo grego sinagoga ou assembleia é usado em referência à reunião ou ao lugar de reunião da igreja (2.2).

Se essa data antiga estiver correta, essa carta é o escrito mais antigo de todo o NT- com a possível exceção de Gálatas.

DESTINATÁRIOS

Os destinatários são identificados em 1.1: “às doze tribos que se encontram na Dispersão.” A expressão “doze tribos” é aplicada aos judeus cristãos. Os destinatários judeus estavam mais adequados à natureza visivelmente judaica da carta, como por exemplo, o emprego do título hebraico de Deus: *kyrios sabaoth*, “Senhor dos Exércitos” (5.4). Fica claro em 2.1 e em 5.7-8 que os destinatários eram cristãos. Há uma hipótese aparentemente digna de confiança de que se tratavam de crentes provenientes da igreja primitiva de Jerusalém, os quais, depois da morte de Estêvão, se dispersaram pela Fenícia, Chipre e pela Antioquia da Síria (At 8.1; 11.19). Tiago escreveu como pastor para instruir e encorajar seu povo disperso que enfrentava dificuldades.

Para que o estudante entenda melhor a epístola algumas explicações são acrescentadas no esboço abaixo:

ESBOÇO DO LIVRO

I. SAUDAÇÃO (1.1).

Tiago inicia sua epístola declarando-se um “*doulos*” ou escravo de nosso Senhor Jesus Cristo (1.1). Em seguida o apóstolo de Jerusalém, mostra que as tribulações que os crentes enfrentam aqui na terra têm várias características.

II. PROVAÇÕES E TENTAÇÕES (1.2-18).

A versão Corrigida não foi muito feliz ao traduzir o texto, “tende grande gozo quando cairdes em várias tentações” (Tg 1.2),

porque passa a ideia de que uma pessoa quando cai no laço do diabo deve sentir-se feliz. Cair em tentação não é uma boa tradução. Já a versão Atualizada diz: “passardes por várias provações”.

A palavra tentação e provação são a mesma palavra na Bíblia, mas têm sentidos diferentes em português. Porque tentação induz que a pessoa vê alguma coisa ou sente prazer por alguma coisa; sente-se tentado a comer da fruta, como Eva que foi tentada por Satanás. Os tradutores costumam traduzir a palavra grega *peirasmós* por tentação e provação, o que costuma confundir o estudante. Na maioria das vezes tentação e provação procedem da mesma palavra, mas tem sentido diferente em português. Tanto aqui no v.2 “provação” como nos versículos 12-13 “tentado” são a mesma palavra *peirasmós*.

Os que fizeram a tradução do grego para o latim na Vulgata usam uma única palavra latina, tentação.

A) A prova da fé (1.2-12). As provações são boas e servem para aperfeiçoar o crente. São as provações que conduzem o cristão à vida (1.2-12).

1. As tribulações fazem parte do treinamento do crente, e o leva à perseverança, e esta o conduz à maturidade (vs. 3-4). Veja o texto semelhante em Rm 5.3-5.
2. A pessoa que suporta a tentação, com perseverança, “receberá a coroa da vida” (1.12).

Quando Tiago afirma que “Deus a ninguém tenta”, é diferente da provação, porque a provação, muitas vezes vem com permissão de Deus, como aconteceu com o povo de Israel no deserto (Veja Dt 8.2 e ss. cf. Hb 12.5-13), diferentemente da tentação que é de colocar diante de uma pessoa coisas que atraem ao pecado. “A concupiscência dos olhos” (1 Jo 2.16).

B) A origem da tentação (1.13-18). Tiago, então, analisa imediatamente a tentação (1.13).

Quando a Escritura afirma que Deus “a ninguém tenta”, é no sentido de que Deus não traz a tentação, mas que esta vem com consequência do pecado do homem. Os santos se alegram quando são afligidos, porque a aflição é sinal de que Deus os ama e também uma evidência da filiação do homem a Deus.

Ao contrário, “toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto” (1.17), isto é, de Deus vem coisas boas. Sempre que o cristão é tentado costuma colocar a culpa em alguém, especialmente, em Deus (1.13-18). Mas a pessoa está sendo provada por sua culpa.

III. ESCUTANDO E PONDO EM PRÁTICA (1.19-27).

A centralidade do livro de Tiago é: “Sabeis estas coisas, meus amados irmãos. Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar” (Tg 1.19).

A partir deste versículo o estudante poderá entender o livro de Tiago e até mesmo aplicá-lo em uma classe de estudo bíblico ou mesmo em pregações sobre o livro.

A) “Seja pronto para ouvir.”

A questão que todo estudante pergunta é: Ouvir a quem, e quando? Obviamente que é preciso ouvir os irmãos, em geral, mas Tiago explica que o ouvir, aqui, é ouvir o que a Palavra de Deus tem a dizer. Ouve-se sempre os ditados: “Temos dois ouvidos e uma língua; para ouvir mais e falar menos.” “Dois ouvidos sempre estão abertos, prontos à instrução; a língua está cercada de duas carreiras de dentes para aprisioná-la”. Outro ditado é: “O justo fala pouco, mas age; o perverso fala muito, e nada faz” e “bateu com a língua nos dentes”.

1. Prontos para ouvir a Palavra de Deus (1.21). Não é ouvir os outros.

- a) O crente aprende a ouvir melhor a Deus quando está passando por tribulações.
- b) Prontos para ouvir o que vem a seguir na Palavra.

c) Prontos para ouvir o que acontece no meio das provas.

d) Prontos para ouvir os que passam por tribulações.

2. Prontos para obedecer a Palavra (1.22-27), que significa:

a) Ajudar as pessoas (1.26-27), porque esta é a verdadeira religião.

b) Não ser preconceituoso fazendo diferença entre ricos e pobres (2.1-13).

c) Mostre sua fé com boas obras (2.14-27).

3. O sumário de Tiago 1.19-27 é, esteja pronto para ouvir a Deus, ajudando o povo de Deus.

IV. PROIBINDO O FAVORITISMO (2.1-13).

Aqui Tiago fala do preconceito social – e por tabela o preconceito racial – que não deveria existir entre os irmãos. Devem existir muitos pastores e igrejas que não leem Tiago. Obviamente que existe uma diferença substancial entre honrar alguém que esteja em autoridade (prefeitos e governadores) e pessoas com cargos comuns, como vereadores, advogados etc. Deve-se dar lugar de honra a uma autoridade da cidade, mas não se deve praticar o preconceito social privilegiando pessoas que têm dinheiro ou formação superior. É disso que Tiago está tratando.

E quanto a trazer tais pessoas em autoridade para o púlpito, deve também ser repensado.

Na igreja de Cristo não deve haver distinção entre os irmãos. O médico e o pedreiro; o juiz de direito e a faxineira que limpa a casa dele, na reunião da igreja são iguais. Não se deve fazer distinção entre irmãos por coisas da carne, afirma Paulo em 2 Co 5.16: “Assim que, nós, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne”. O que nivela os irmãos é a Pessoa de Jesus Cristo. Cristo Jesus é exemplo de amor e cuidado para pessoas de todas as camadas sociais.

O próprio Espírito Santo fez questão de deixar claro que na igreja há lugar para negros e brancos; raças e tribos. Um dos primeiros profetas que havia na igreja de Antioquia era negro, do norte da África: “Simeão, por sobrenome Níger” (At 13.10). Níger é “negro” no grego.

V. FÉ E OBRAS (2.14-26).

Este trecho da carta de Tiago gerou muita discussão entre teólogos e mestres da igreja, pois, aparentemente Paulo e Tiago conflitam quando tratam do tema da fé e das obras. Uma boa explicação está no Comentário de Mathew Henry:

“Quando Paulo afirma que a pessoa é justificada pela fé, sem as obras da lei, (Rm 3.28), refere-se a outro tipo de obras e não a que Tiago se refere, mas ao mesmo tipo de fé. Paulo fala de obras feitas em obediência à lei de Moisés, antes da pessoa abraçar a fé do evangelho. Ele estava tratando com aqueles que valorizavam tanto as obras praticadas na lei a ponto de desprezar o evangelho. (Como diz Romanos 10). Tiago fala de obras feitas em obediência ao evangelho. Ambos engrandecem a fé do Evangelho, mas Paulo mostra a ineficiência das obras antes da chegada da fé.”

Tiago está falando de uma fé com obediência! Abraão teve fé, mas obedeceu! Saiu de sua terra, andou conforme Deus queria!

Paulo fala de uma justificação diferente de Tiago. Paulo fala de a pessoa ser justificada diante de Deus, e Tiago fala que a fé precisa ser justificada diante dos homens pelas obras. “Mostra-me essa tua fé pelas obras”, diz Tiago. “Deixe que a fé o justifique aos olhos daqueles que só acreditam vendo!”. Paulo fala da justificação aos olhos de Deus, pela fé em Jesus. Tiago fala da fé que precisa ser justificada diante dos homens! Veja Gálatas 5.6; 1 Ts 1.3 e Tito 3.8. (Comentário de Mathew Henry).

VI. O DOMÍNIO SOBRE A LÍNGUA (3.1-18).

A) “Seja tardio para falar” – Conexão com Tiago 1.19

O texto de Tiago 1.19 volta a ter conexão com o capítulo 3. Aqui o apóstolo trata da razão de ser “tardio no falar”. Tiago tinha em mente o mau uso da língua. O estudante pode acrescentar os textos paralelos de Eclesiastes 5.2 e Provérbios 10.19; 13.3 e 18.21. O maior problema das pessoas está na língua e por falar demais.

Primeiramente uma advertência aos mestres. Este autor e todos os que ensinam devem atentar para a exortação do v.1: Os que ensinam – quer dizer, os mestres – receberão juízo maior.

- 1) O apóstolo está mostrando a importância de manter a boca fechada: O homem deve evitar falar, porque a língua pode ajudar, mas também atrapalhar (3.1-12).
- 2) Quando uma pessoa fala pouco mostra que está atento à sabedoria que vem do céu, isto é: A sabedoria do céu deve ser mostrada, primeiramente com boas obras (3.13-18).

VII. DOIS TIPOS DE SABEDORIA (3.13-18).

A) A sabedoria da carne é “terrena, animal e demoníaca” (3.13-16).

Tiago continua abordando o tema anterior, perguntando: “Quem entre vós é sábio e inteligente?” (3.13). Uma pessoa inteligente sempre demonstrará pelas boas obras que é manso e sábio. O bispo de Jerusalém foi enfático: A sabedoria do homem é terrena, animal e demoníaca, porque sempre o resultado é inveja e sentimento faccioso (3.15-16).

B) A sabedoria do alto (3.17-18).

Numa escala de valores, Tiago afirma:

1. A sabedoria que vem do alto é pura.
2. É pacífica, isto é, promove a paz e não usa a língua para ferir e dividir os irmãos. A missão do cristão é a de promover a paz (3.18). Cristo deu ao crente o ministério da reconciliação e da paz (2 Co 5.18-20).

3. É indulgente, isto é, moderada.
4. É tratável.
5. Plena de misericórdia e de bons frutos
6. Imparcial.
7. Sem fingimento ou hipocrisia.

A Versão NTLH (Nova Tradução na Linguagem de Hoje) diz: "... é também pacífica, bondosa e amigável. Ela é cheia de misericórdia, produz uma colheita de boas ações, não trata os outros pela sua aparência e é livre de fingimento".

VIII. ADVERTÊNCIA CONTRA O MUNDANISMO (CAP. 4).

A) "Seja... tardio para se irar" (Tg 1.19).

O cristão não deve se irritar, mas sim, estar atento ao que diz a Palavra de Deus! É bom que o aluno leia atentamente estes textos paralelos de Pv 16.32; Jó 5.2; Pv 11.17; 25.28, e atente como a ira é tratada no Novo Testamento (Ef 4.26,31; Cl 3.8). A ira é uma coisa normal, uma reação ou indignidade contra algo ou alguém. Uma criança se irrita facilmente e é disciplinada para não cometer excessos. O adulto também se irrita, mas deve tratar sua ira dentro dos princípios da palavra de Deus.

1. Seja tardio para se irar, porque a consequência de uma atitude errada é a guerra (4.1-10). Tiago afirma que as brigas e guerras são fruto "dos prazeres que militam na vossa carne" (4.1).

Acrescenta ainda que os crentes não sabem pedir a Deus, porque pedem para esbanjar em seus próprios prazeres (4.3). Quando o crente ama o mundo se torna inimigo de Deus (4.4). Deus tem ciúmes daqueles que são dele (4.5).

2. Seja tardio para se irar, porque as consequências de uma atitude errada é julgar os outros (4.11-12).

3. Seja tardio para se irar, porque as consequências de uma atitude errada é planejar o futuro, o dia de amanhã sem contar com Deus (4.13-17). As pessoas fazem planos de negócios sem consultar a Deus e esquecem que suas vidas dependem de Deus e de sua graça. A vida de uma pessoa é como “neblina que aparece por instante e logo se dissipa” (4.14). Trata-se aqui do humanismo e do positivismo quando a pessoa acha que Deus nada tem a ver com sua vida e que pode resolver seus próprios problemas.

IX. ADVERTÊNCIA AOS OPRESSORES RICOS (5.1-6).

A) Seja tardio para se irar porque a consequência da ira é tratar os funcionários ou os trabalhadores injustamente (5.1-6). O tema da ira continua neste capítulo, quando Tiago denuncia que os ricos e donos de grandes empresas tratam de forma injusta os seus funcionários. Aliás, este tema não é abordado somente por Tiago, mas também por Paulo quando fala do comportamento dos patrões em relação aos seus empregados.

1. Uma pessoa rica pode acumular tesouros no céu ou no inferno. Se esta pessoa honra a Deus e ao próximo com seus recursos acumulará tesouro no céu, como afirma Paulo a Timóteo (1 Tm 6.17-19). O rico seja ele crente ou não precisa entender que as coisas materiais são passageiras e que se perdem e se desgastam no decorrer dos tempos. O Senhor Jesus falou sobre este tema em Mateus 6.19-21.
2. A riqueza é útil e redundante em herança nos céus. Esta era a visão de Paulo (1 Tm 6.17-19).

X. EXORTAÇÕES DIVERSAS (5.7-20).

A) A bênção da paciência (5.7-11).

1. O exemplo do agricultor que aguarda com paciência que o grão brote da terra, cresça, floresça e amadureça (5.7). A paciência é uma das virtudes da vida cristã que deve ser cultivada com muito amor.

2. O exemplo dos profetas que sofreram e pacientemente esperaram em Deus (5.10).
 3. O exemplo de perseverança de Jó. Em meio às enfermidades e tribulações Jó esperou no Senhor. A palavra de esperança é que “o Senhor é cheio de terna misericórdia e compassivo” (5.11).
- B) Mantendo a palavra de honra (5.12). Tiago continua a tratar aqui a questão da língua afirmando que a palavra do crente deve ser sim, sim, e não, não “para não cairdes em juízo”. Paulo abordando o mesmo tema diz que o exemplo de palavra confiável vem de Deus. Não pode haver no crente o sim e o não ao mesmo tempo para uma mesma coisa, “antes, como Deus é fiel, a nossa palavra para convosco não é sim e não” (Ver 2 Co 1.17-20).
- C) “Seja tardio para se irar” (Tg 1.19) porque a consequência da ira são as enfermidades físicas (5.13-17).
1. Estes versículos são os mais conhecidos da carta de Tiago, porque Tiago oferece duas opções: Orar e louvar. Quando se está sofrendo, o caminho da vitória é a oração e quando se está alegre deve-se expressar a alegria com cânticos a Deus (5.13).
 2. Tiago não trata apenas a questão da enfermidade, mas também do pecado, pois parece haver uma nítida relação, neste texto, entre a enfermidade e o pecado. Porque não basta apenas a oração do presbítero, nem somente a unção com óleo para uma pessoa ser curada, mas é preciso confissão de pecados. A chave está no final do texto: “E, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados. Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados” (5.15-16).

A confissão de pecados é condição imposta por Tiago para o crente receber a cura. Nem sempre uma enfermidade é resultado de pecado da pessoa, mas, cabe ao presbítero investigar para saber

a origem do mal físico. Parece que neste caso a enfermidade tem a ver com o pecado. Existem enfermidades que são resultado natural do desgaste físico, da corrupção própria do ser humano; outras, no entanto, consequências da prática de pecado.

Tiago, então, busca em Elias o exemplo de eficácia na oração, porque era homem comum, tinha fraquezas, mas orou com instância para que não chovesse sobre a terra, “e, por três anos e seis meses, não choveu. E orou, de novo, e o céu deu chuva, e a terra fez germinar seus frutos” (5.17-18). A história de Elias comove por sua transcendentalidade. Era transportado de um lado para o outro pelo Espírito, mas também humano, que chegou até a pedir para si a morte diante da adversidade.

Por último Tiago conclui o tema que iniciou nos versículos 13-16 – a questão da enfermidade e da confissão dos pecados – mostrando a recompensa daquele que “se desvia da verdade” (a ponto de enfermar), e o ministério da pessoa que o leva à confissão de pecados. Este obreiro “salvará da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados”.

Quando a enfermidade é resultado do pecado, o presbítero que ministra cura e perdão converterá o “pecador do seu caminho errado”, e salvará da morte a alma daquela pessoa, cobrindo multidão de pecados (5.20). É uma ministração dupla: O presbítero ouve a confissão de pecados, unge a pessoa com óleo e ela é curada e perdoada, o que dá pleno cumprimento ao v.20.

ATIVIDADES – LIÇÃO IV

- Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ Hebreus trata da supremacia e da suficiência de Jesus Cristo, como Aquele que trouxe revelação e que se tornou o mediador da graça de Deus.

- 2) ☐ Em Hebreus 1.1-14, o escritor mostra que a mais alta revelação é dada aos crentes mostrando que o Filho de Deus é maior que os anjos.
- 3) ☐ Basta para o crente depender unicamente da ação da Palavra de Deus (Hb 4.12-13).
- 4) ☐ Enquanto o sacerdócio de Arão era exercido na terra, o de Cristo é exercido no céu, onde ele entrou com seu próprio corpo (Hb 8.3).
- 5) ☐ A epístola de Tiago, exala o mesmo fôlego da retidão de vida apresentada nos evangelhos, retidão que o sermão do monte apresenta como a mais sublime realização da lei.
- 6) ☐ Pecados cometidos por falar demais, ainda que não sejam vistos como algo relevante, são uma ofensa contra a lei do amor.

Anotações:

[illegible]

Lição V

Epístolas de Pedro, João e Judas

EPÍSTOLAS UNIVERSAIS DE PEDRO

EPISTOLAS DE SÃO JOÃO

EPÍSTOLA DE JUDAS

INTRODUÇÃO À QUINTA LIÇÃO

Esta é a última lição do estudo das epístolas. Nela o estudante perceberá a riqueza dos escritos apostólicos, a começar pelas duas cartas escritas por Pedro, o apóstolo que esteve diretamente ligado com o Senhor Jesus Cristo. Não se sabe por que Pedro não assinou nem um dos evangelhos – como Mateus e João o fizeram relatando a vida e ministério de nosso Senhor Jesus Cristo. Mas, de maneira pessoal ele relata na primeira epístola seus momentos ao lado de Jesus, e na segunda carta adverte os irmãos sobre os falsos mestres e os adverte a crescerem no pleno conhecimento de Cristo.

Depois de estudar as duas epístolas de Pedro o aluno se concentrará nas três cartas de João, o apóstolo, atentando para a falsa doutrina que negava ter Cristo vindo em carne, conhecida como *docetismo*. Finalmente o aluno estudará a epístola de Judas, o irmão de Jesus. Pequeníssima, mas rica em detalhes, esta epístola aborda o que estava acontecendo naqueles dias e anunciava o que aconteceria nos dias de hoje.

Nas epístolas de Pedro apresentaremos uma visão geral do livro e um esboço para estudo. As epístolas de João e Judas serão comentadas mais abrangentemente.

1ª EPÍSTOLA DE PEDRO

I. INTRODUÇÃO

Em originais antigos, inclusive em versões bíblicas de outros idiomas a carta é chamada de “A primeira epístola geral de Pedro”.

1. Pedro em sua segunda epístola (2 Pe 3.1) confirma a autenticidade de sua autoria, quando afirma que havia escrito uma primeira carta. “Esta é, agora, a segunda epístola que vos escrevo”. Policarpo, citado por Eusébio em *História Eclesiástica* (Livro 4. 14), ao escrever para os crentes de Filipos cita as passagens de 1 Pedro 1.13,21; 3.9; 1 Pe 2.11. Eusébio também afirmava que Papias (*História Eclesiástica* 3.39) faz menção em seus escritos sobre a primeira epístola de Pedro. Irineu em *Contra as Heresias* também menciona esta epístola. Assim, pais apostólicos como Orígenes, Tertuliano e o próprio Eusébio mencionam em seus escritos as cartas de Pedro.
2. O autor se apresenta como “Pedro, apóstolo de Jesus Cristo” (1 Pe 1.1). As epístolas de Pedro, desde o início foram consideradas autoria dele e a referência mais antiga está em 2 Pe 3.15-16; Gl 1.18; 2.1-21 em que era conhecido como líder da igreja. Um dos pais da igreja das gerações seguintes, Clemente (95 d.C.) parece indicar certa familiaridade com 1 Pedro. Outros, como Irineu (140-203 d.C.), Tertuliano (150-222), Clemente de Alexandria (155-215) e Orígenes (185-253) não tinham dúvidas de que Pedro era o autor das epístolas.
3. O Cânone Muratori, também conhecido por fragmento muratoriano, não faz menção às epístolas de Pedro. São documentos que datam do fim do segundo século, encontrados na Biblioteca Ambrosiana de Milão por Ludovico Antônio Muratori (1672-1750). Está em latim e por ser incompleto é chamado de fragmento muratoriano.

Com exceção deste documento, em que os fragmentos perdidos poderiam mencionar a autoria de Pedro, e dos heréticos que não suportavam a Paulo, a história antiga se posiciona a favor da autoria de Pedro. Mas, a epístola mesma traz evidências da autenticidade de Pedro (1 Pe 1.1), testemunha dos sofrimentos de Cristo, e presbítero ou ancião (1 Pe 5.1). O estilo enérgico se harmoniza perfeitamente com o caráter de Pedro. Erasmo afirmou que se percebe, no estilo da carta, dignidade, autoridade e o apreço de Pedro entre os apóstolos.

II. A HISTÓRIA DE PEDRO

1. Simão ou Simeão era da cidade de Betsaida, junto ao mar da Galiléia, filho de Jonas ou João (São nomes semelhantes do aramaico). Juntamente com seu pai e seu irmão André trabalhava na indústria da pesca em Cafarnaum, lugar em que passou a residir (Mt 4.21). Era casado e a tradição afirma que sua mulher se chamava Concórdia ou Perpétua. Clemente de Alexandria diz que ela foi martirizada e que Pedro, seu esposo a encorajou a permanecer fiel a Cristo até a morte. "Lembre-se, querida, de nosso Senhor". Sua sogra foi curada por Jesus de febre muito alta.
2. Pedro foi levado a Cristo por André, seu irmão, que era discípulo de João Batista e, passou a seguir a Jesus depois que seu mestre, João Batista apontou para Jesus, dizendo, "Eis o Cordeiro de Deus" (Jo 1.29,35-37).

Quando Jesus viu a Pedro pela primeira vez, deu-lhe um nome pelo qual é conhecido até hoje, indicando qual seria sua função na Igreja: Pedro (grego) ou Cefas (aramaico) que quer dizer "uma pedra". Pedro só entrou na equipe apostólica tempos depois (Mt 4.18). Existem vários incidentes bem conhecidos na vida de Pedro, como a ocasião em que caminhou sobre as águas para ir ao encontro de Jesus, mas começou a afundar (Mt 14.28-31). Foi ousado em reconhecer que Jesus era o Filho do Deus vivo (Mt 16.16; Mc 8.29; Jo 11.27), levando-se em conta as dificuldades dele em crer, já

que foi cognominado de pedra, ou rocha (Mt 16.18). Pedro foi também repreendido severamente por Jesus quando tentou dissuadi-lo a não morrer em Jerusalém, numa cruz (Mt 16.22).

3. Costumava ir de um extremo ao outro, como na ocasião em que não queria que Jesus lhe lavasse os pés, e depois pediu que lhe lavasse o corpo todo (Jo 13.8-9). Noutra ocasião afirmou enfaticamente que outros poderiam abandonar o Senhor, mas ele, jamais! (Mt 26.33). Mas, logo traiu o Senhor três vezes (Mt 26.75). Depois, Mateus apresenta a maneira como Pedro chorou arrependido. Mas também foi perdoado e amado por Jesus junto ao mar da Galiléia (Jo 21.15-17).

Estes incidentes ilustram seu caráter e zelo, sua piedade e seu comprometimento ao Senhor, mas, ao mesmo tempo mostram um Pedro impulsivo em seus sentimentos, um homem que não era calmo nem continuamente firme. Agia sempre com rapidez, era precipitado, autoconfiante em suas declarações. O resultado é que, mesmo parecendo corajoso, Pedro era facilmente levado pela opinião dos outros.

No entanto aconteceu uma restauração surpreendente depois de sua queda, pela graça do Cristo ressuscitado. Seu zelo e ardor tornaram-se ainda mais forte depois que experimentou a santificação pela cruz de Cristo. A partir de então Pedro se tornou um homem humilde. Seu amor pelo Senhor aumentou e agora estava disposto a sofrer pelo nome de Cristo. Por isso quando levado perante o sínédrio, porque pregava a Cristo, e expressamente proibido de pregar sobre o nome de Jesus, ousadamente reafirmou sua disposição de continuar a falar de Cristo, mesmo que os homens o proibissem (At 4.18-22). Com isto ficou conhecido como “a boca dos apóstolos”. Devido a sua fé, Herodes Agripa, o prendeu pensando em executá-lo depois da Páscoa, mas foi miraculosamente liberto pelo anjo do Senhor (At 12).

4. Depois que Cristo foi levado aos céus Pedro assumiu a liderança da igreja, e no dia da descida do Espírito Santo no

Pentecostes, ele assumiu a posição que Cristo lhe deu de ter as “chaves” do reino, abrindo as portas da igreja, pregando, e convertendo milhares de israelitas. Depois, recebeu uma revelação especial de que Deus não fazia acepção de pessoas e recebeu na igreja um gentio prosélito de nome Cornélio, o precursor de muitos que haviam de se converter entre os gentios anos depois (At 10).

5. Esses fatos mostram o verdadeiro sentido das palavras de Cristo dirigidas a Pedro: “sobre esta pedra edificarei a minha igreja” (Mt 16.18). Isto é, a pregação de Cristo, a verdadeira “Rocha”. O título de “pedra” ou “rocha” também pertenceu aos demais apóstolos, porque os crentes são “edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas” e Jesus Cristo é a “pedra angular” (Ef 2.20).

Normalmente no hebraico o nome dado a uma pessoa tem um sentido especial; não que a pessoa seja o que o nome diz, mas pode ter uma identificação com seu nome. Por exemplo, Elias significa “Meu Deus é Jeová”, e Simão é chamado de Pedro, a “rocha”, não que ele o seja, a não ser pela ligação com Jesus, a única e verdadeira Rocha. “Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada; aquele que crer não foge” (Is 28.16; 1 Co 3.11). Logo que foi chamado por Jesus de rocha, Pedro foi chamado também de Satanás (Mt 16.23). A pessoa é conhecida com aquilo que se identifica. Quando Pedro confessou quem era o Cristo, a Rocha, ele se identificou com Cristo e foi chamado de rocha, pela identificação com Jesus (Mt 16.18).

6. Não existem registros históricos de Pedro se autoproclamando líder supremo da igreja, ao contrário, o texto bíblico mostra que ele foi enviado de Jerusalém a Samaria para confirmar na fé os que foram salvos e batizados por Filipe naquela cidade. Quem o enviou?

No concílio de Jerusalém não é Pedro que se vê como bispo presidindo a reunião, mas Tiago que dá a decisão final

(At 15.19, como a dizer: “Sou de opinião...”). Pedro tinha certa primazia entre os apóstolos devido a sua idade, especialmente porque era direto e franco, mas ele próprio não advoga a si, em lugar algum das Escrituras como tendo supremacia sobre toda a igreja. Por ser mais velho aparece em primeiro lugar na lista apostólica (Mt 10.2). Daí as frases em que “levantou-se Pedro com os onze” ou “Pedro e os demais apóstolos”, e o próprio Paulo ao subir para Jerusalém tratou de se encontrar particularmente com Pedro.

7. Nos demais casos, de fato, Pedro era tido como coluna da igreja, expressão que Paulo usa a respeito dele (Gl 2.9). Subsequentemente é possível que Pedro esteja em “Babilônia” de onde escreveu esta primeira epístola aos israelitas convertidos que se encontravam dispersos pelo mundo, e também aos gentios unidos por Jesus Cristo que estavam no Ponto, na Galácia, na Capadócia, Ásia e Bitínia.
8. Uma única vez ele traiu a confiança do Senhor ao vacilar com medo dos homens. Ainda que no concílio de Jerusalém tenha apoiado a entrada dos gentios na igreja sem que estes precisassem se submeter às leis judaicas. Em Antioquia, afastou-se dos gentios com medo de ser perseguido pelos judeus que faziam parte da igreja de Jerusalém liderada por Tiago. Esta atitude de Pedro fez que Paulo o repreendesse publicamente, o que indica novamente que Pedro não tinha supremacia nem se supunha infalível.
9. Depois da ressurreição de Jesus, Pedro, desanimado, tomou a decisão de voltar à pesca na Galiléia, quem sabe para continuar na indústria do pescado. O evangelho de João registra assim: “Depois disto, tornou Jesus a manifestar-se aos discípulos junto do mar de Tiberíades; e foi assim que ele se manifestou: estavam juntos Simão Pedro, Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu e mais dois dos seus discípulos” (Jo 21.1-2).

Pedro, Tomé, Natanael, João, Tiago e dois outros discípulos cujos nomes não são mencionados voltaram à

pescaria, quando Jesus lhes apareceu à beira-mar e os esperou com pão e peixe sobre as brasas. Diante daquela cena em que 153 grandes peixes estavam sobre a areia e alguns peixinhos assavam sobre a brasa, Jesus põe Pedro à prova na frente dos demais discípulos, perguntando-lhe se o amava. Jesus não o trata como Pedro, rocha, mas como Simão, filho de João (Jonas) e questiona a Pedro se este o amava. Mais que os peixes. Mais que os discípulos, para então dar a sentença final a Pedro: “Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres. Disse isto para significar com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus. Depois de assim falar, acrescentou-lhe: Segue-me” (Jo 21.18-19).

III. HISTORIADORES QUE ESCREVERAM SOBRE PEDRO

Os dados abaixo são informações de um período da história registrado do ponto de vista romano.

1. Jerônimo em *Homens Ilustres* afirma que “Pedro, depois de haver exercido a função de bispo de Antioquia, e de ter pregado para os crentes gentios em Ponto etc. (o que se infere de 1 Pe 1.1), no segundo ano do governo de Cláudio viajou para Roma para refutar pessoalmente as heresias de Simão, o Mago, e durante 25 anos em Roma exerceu seu episcopado até o último ano de Nero, o quarto ano, quando foi crucificado de cabeça pra baixo, declarando que não poderia morrer como morreu o seu Senhor, e foi sepultado no Vaticano, perto da entrada triunfal”. O registro acima pode parecer um pensamento da incipiente igreja de Roma que surgia naqueles dias do qual Jerônimo foi o solidificador.
2. Dionísio de Corinto citado na *História Eclesiástica* de Eusébio afirma numa epístola aos Romanos que Paulo e Pedro iniciaram a igreja de Roma e de Corinto – que a Bíblia não confirma – e que ambos foram martirizados na Itália na

mesma época. É certo, porém que Pedro nunca esteve em Roma antes de Paulo escrever aos Romanos (ano 58) do contrário Paulo o teria mencionado em sua carta; nem tão pouco Pedro apareceu em Roma durante o tempo em que Paulo esteve preso na cidade, do contrário Paulo teria feito alguma menção a este fato em suas epístolas.

IV. A QUEM A CARTA FOI ENVIADA

No início da carta vê-se a resposta: “aos eleitos que são forasteiros da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia” (1.1). Este versículo mostra claramente que a epístola não foi dirigida apenas aos judeus dispersos, mas também aos crentes gentílicos (1 Pe 1.14; 2.9,10; 3.6; 4.3). Assim, Pedro, o apóstolo da circuncisão buscava unir judeus e gentios numa só fé à semelhança de Paulo.

Ponto, a que Pedro se refere era o local de nascimento de Áquila. Paulo visitou duas vezes a Galácia fortalecendo e confirmando a vida dos discípulos juntamente com Crescêncio, seu companheiro.

Homens de Capadócia, Ponto e da Ásia estavam presentes no dia de Pentecostes, por ocasião da descida do Espírito Santo em que Pedro discursou. Possivelmente esses que ouviram a Pedro no dia de Pentecostes trouxeram as boas novas para seus países.

V. O OBJETIVO

A carta visa fortalecer a vida dos irmãos espalhados por todo o mundo diante da perseguição romana, por isso, Pedro exorta a todos, maridos, esposas, servos, presbíteros e o povo em geral para que cumpram com seus compromissos e deem bom testemunho de vida aos seus perseguidores.

VI. DATAÇÃO E LOCAL ONDE FOI ESCRITA A EPÍSTOLA

Fica claro que foi escrita antes que Nero recrudescesse a perseguição aos cristãos. A certeza de que esta epístola foi escrita

depois das cartas de Paulo, mesmo aquelas escritas durante a prisão, pode ser vista na familiaridade com a epístola. Mais ainda, em 1 Pedro 5.13, Marcos é mencionado ao lado de Pedro na Babilônia. Isto deve ter ocorrido depois de Cl 4.10 (61-63 d.C.) quando Marcos estava com Paulo em Roma, mas desejava ir para a Ásia Menor. Marcos estava em Éfeso ou na Ásia Menor e Timóteo deveria trazê-lo a Roma. Portanto, Marcos deve ter se juntado a Pedro logo depois do martírio de Paulo.

Em 1 Pe 5.13, Pedro envia saudações da Babilônia quando escreveu a primeira epístola. Alguns acham que não era a terra da Babilônia, mas em alguma cidade que na Bíblia aparece como figura da Babilônia espiritual, como a Babilônia Egípcia, a própria Babilônia, Jerusalém e Roma. É bem provável que Pedro estivesse empregando o nome Babilônia simbolicamente, como no livro de Apocalipse (Ap 17.9-10).

No entanto, alguns acreditam definitivamente que se tratava mesmo da Babilônia, junto ao rio Eufrates, e que não estava usando o nome Babilônia como uma figura de cidade espiritual. O historiador Flávio Josefo afirma que havia muitos judeus residentes na Babilônia. Outros acreditam que a Babilônia era o Egito, porque Marcos pregou naquela região de Alexandria logo depois da morte de Pedro.

VII. ESTILO

Pelo fato das epístolas serem escritas num grego literário clássico, alguns acreditam que Pedro usara a instrumentalidade de João Marcos para escrever. Mas, este autor acredita que Pedro, mesmo sendo pescador da Galiléia deveria falar o grego fluentemente, porque os gregos dominaram a região por vários séculos e o idioma grego se tornou conhecido de todos. Mais tarde até o Latim era falado pela população, porque a inscrição sobre a cruz estava escrita em hebraico, latim e grego (Jo 19.20). Então Pedro que vivera sob o domínio greco-romano falava esses três idiomas, e, por ser jovem deve ter aprimorado seu conhecimento da língua grega.

Dominam a carta o fervor, a energia e a maneira acalorada com que Pedro escreve. Ao citar Silvano (Silas), Pedro está mostrando sua familiaridade com os companheiros de Paulo, mas nada indica no texto de que Paulo ditou a carta para Silvano escrever.

ESBOÇO DE 1 PEDRO

I. A saudação (1.1,2).

II. Louvor a Deus por sua graça e salvação (1.3-12).

III. Exortações à santidade de vida (1.13 a 5.11).

- A) A exigência da santidade (1.13 – 2.3).
- B) A posição dos crentes (2.4-12).
 - 1. Uma casa espiritual (2.4-8).
 - 2. Um povo escolhido (2.9-10).
 - 3. Forasteiros e estrangeiros (2.11-12).
- C) Submissão à autoridade (2.13 – 3.7).
 - 1. Submissão aos governantes (2.13-17).
 - 2. Submissão aos senhores (2.18-20).
 - 3. O exemplo de submissão de Cristo (2.21-25).
 - 4. Submissão das esposas aos maridos (3.1-6).
 - 5. O dever correspondente dos maridos (3.7).
- D) Deveres de Todos (3.8-17).
- E) O exemplo de Cristo (3.18 – 4.6).
- F) Conduta diante do fim de todas as coisas (4.7-11).
- G) Conduta dos que sofrem por Cristo (4.12-19).
- H) Conduta dos presbíteros (5.1-4).
- I) Conduta dos jovens (5.5-11).

IV. O propósito da carta (5.12).

V. Saudações finais (5.13-14).

Anotações:

2ª EPÍSTOLA DE PEDRO

I. INTRODUÇÃO À SEGUNDA EPÍSTOLA DE PEDRO

Evidências da autoria de Pedro podem ser encontradas na própria epístola. Para não deixar dúvidas quanto a autoria, o autor, no fim de sua vida deixa bem claro que é Simão Pedro – ele assina com seus dois nomes – e que é apóstolo de Jesus Cristo (2 Pe 1.1).

1. O autor faz questão de mencionar que estava presente no monte da Transfiguração (2 Pe 1.16-18), quando dois varões, identificados como Moisés e Elias falaram com Jesus sobre a sua morte (Lc 9.31), episódio que os três evangelistas deixaram registrados (Mt 1.1-8; Mc 9.2-8 e Lc 9.28-36). Registra também que conhecia a Paulo e que o ouvira pregar (2 Pe 3.15-16).
2. Identifica-se também como autor da primeira epístola (2 Pe 3.1), e escreve àqueles mesmos irmãos – mas não apenas a aqueles, e sim, à toda igreja universal. Já na época havia pessoas que deturpavam as Escrituras, termo que era usado naquele tempo como referência ao AT (2 Pe 3.16). Pedro afirma que escreveu “movido pelo Espírito Santo” (2 Pe 1.21).
3. Caso a epístola de 2º Pedro fosse falsa – como supunham os críticos do passado – não seria incluída no cânone bíblico no Concílio de Laodicéia em 360 d.C. e mais tarde no Concílio de Cartago em 397 d.C.
4. Anos depois, os pais apostólicos mencionaram esta carta em seus escritos. Hermas, em *Similitudes* e *O Pastor* cita trechos desta epístola. Clemente de Roma, Irineu, Justino Mártir, Hipólito e o historiador Eusébio fazem menção a esta carta. Cirilo de Jerusalém (348 d.C.) enumera as sete epístolas universais e inclui entre elas a segunda epístola de Pedro.

5. Jerônimo foi quem levantou a hipótese de que Pedro não teria capacidade de escrever em grego clássico e que suas epístolas teriam sido traduzidas pelo autor do evangelho de Marcos, isto é, o próprio João Marcos. Ora, pontos de vistas semelhantes dominam as duas epístolas. Em ambas, Pedro fala da vinda repentina de Jesus e do fim dos tempos (Cp. 2 Pe 3.8-10 c/ 1 Pe 4.5). Fala também da inspiração dos profetas (1 Pe 1.10-12 c/ 2 Pe 1.19-21 e 3.2). O novo nascimento gerado pela palavra de Deus que leva o crente a se abster das paixões carnis pelo mundo (1 Pe 1.22; 2.2 c/ 2 Pe 1.4). E compare também os textos de 1 Pe 2.9 com 2 Pe 1.3 em que aparece uma palavra rara do idioma grego, virtude.

II. O ESTILO

1. O estilo é bem marcante em cada epístola, e diferente em alguns aspectos. O sofrimento de Cristo é enfatizado com mais veemência na primeira carta, porque visava encorajar os crentes sofrendores a permanecerem firmes em seu chamamento. O Senhor é apresentado, exaltado e em glória na segunda carta, com o objetivo de comunicar o completo “conhecimento” de Jesus, como antídoto aos falsos mestres daqueles dias. Na primeira epístola, Pedro apresenta Cristo como Redentor, mas na segunda ele o apresenta como “o Senhor”.
2. Esperança é a característica da primeira carta, e conhecimento completo ou pleno conhecimento a característica da segunda. Na primeira carta ele demonstra sua autoridade apostólica de maneira mais contundente que na segunda, porque nesta, Pedro alerta contra os falsos mestres e seus ensinamentos. Sempre que possível o estudante deve encontrar os contrastes de uma carta, como por exemplo, nos textos de 1 Ts 1.1; 2 Tm 1.1; Fp 1.1 com Gl 1.1 e 1 Co 1.1. As referências que Pedro faz aos ensinamentos de Paulo, e que o apóstolo reconhece como parte das Escrituras (2 Pe 3.15-16), indica

que esta segunda epístola foi escrita numa data posterior, antes da morte de Paulo.

3. Atente o estudante para as coincidências verbais entre as duas epístolas. Compare 1 Pe 1.19 com 2 Pe 3.14; 2 Pe 2.16; 3.17 com 1 Pe 3.1,5. Observe o uso de duas palavras, “tabernáculo”, referindo-se ao seu corpo (2 Pe 1.13) e “partida” (2 Pe 1.15), que remete ao episódio da narrativa do monte da transfiguração de Lucas 9; aqui é usada a mesma palavra “êxodos” para partida (Lc 9.31). As duas epístolas fazem referência ao dilúvio e a Noé em cuja arca foram salvas oito pessoas (1 Pe 3.20 e 2 Pe 2.5).
4. Ainda que na primeira epístola Pedro cite várias passagens do AT, na segunda carta ele não menciona diretamente um texto, mas a episódios (2 Pe 1.21; 2.5-8,15; 3.5,6,10,13). O testemunho de Judas, que pede aos irmãos que atentem para as palavras dos apóstolos do Senhor Jesus Cristo (Jd 1.17-18), fortalece a inspiração e autenticidade da epístola de Pedro por usar as mesmas palavras, referindo-se às igrejas as quais Judas escreveu. “Vós, porém, amados, lembrai-vos das palavras anteriormente proferidas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo, os quais vos diziam: No último tempo, haverá escarnecedores, andando segundo as suas ímpias paixões” (Jd 1.17-18).
5. Pelo menos onze textos de Judas são baseados nas declarações de Pedro em sua segunda carta, o que implica afirmar que a epístola de Judas deve ter sido escrita depois da 2ª carta de Pedro. Com disponibilidade de tempo o estudante deve comparar os seguintes textos: Jd 1.2 com 2 Pe 1.2; Jd 1.4 com 2 Pe 2.1; Jd 1.6 com 2 Pe 2.4; Jd 1.7 com 2 Pe 2.6; Jd 1.8 com 2 Pe 2.10; Jd 1.9 com 2 Pe 2.11; Jd 1.11 com 2 Pe 2.15; Jd 1.12 com 2 Pe 2.17; Jd 1.16 com 2 Pe 2.18 e Jd 1.18 com 2 Pe 2.1 e 3.3. Assim como Miquéias em sua profecia cita o que Isaías escrevera anos antes. A dignidade e energia do estilo de Pedro está em perfeita consonância com o que se pode esperar de um coração ardente pelo Senhor.

III. DATAÇÃO

Conforme mencionado anteriormente, a data em que a segunda epístola foi escrita deve ter sido por volta do ano 68 ou 69, não muito tempo antes da destruição de Jerusalém, profetizada por Pedro (2 Pe 3.10-13). A carta não é dirigida a uma pessoa em particular, nem contém saudações a quem quer que seja; também não foi escrita a nenhuma igreja em particular, mas é dirigida “aos que conosco obtiveram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo” (2 Pe 1.1).

IV. O OBJETIVO DA EPÍSTOLA

1. Pode-se observar os dois objetivos da epístola no texto de 2 Pe 3.17-18: Prevenir e guardar os leitores contra os ensinamentos dos falsos mestres, e exortá-los a crescer “na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2 Pe 3.18). O único que merece “glória, tanto agora como no dia eterno”. O fundamento sobre o qual este conhecimento está firmado são as palavras inspiradas dos apóstolos e profetas (2 Pe 1.12-21).
2. O perigo naqueles dias – assim como nos dias de hoje – é o surgimento dos falsos mestres, que logo se infiltraram no meio da igreja, conforme Paulo lembrou (cuja referência é feita em 2 Pe 3.15-16). O grande antídoto é “o pleno conhecimento de nosso Senhor e Salvador”, através de quem temos conhecimento do Deus e Pai, sendo participantes de sua natureza, e escapando da contaminação do mundo, para poder dar entrada no reino de Cristo.

Nesta epístola Pedro não apresenta Cristo como o sofredor, mas como Salvador em glória e poder. Ainda que a segunda epístola seja diferente da primeira, Pedro traça entre elas uma conexão. O cristão que negligenciar o caminho de santidade cairá no erro mencionado na segunda carta. O estudante pode comparar o abuso da liberdade (1 Pe 2.16 com 2 Pe 2.19). “Prometendo-lhes liberdade, quando eles mesmos são escravos da corrupção, pois

aquele que é vencido fica escravo do vencedor”. Vê-se também uma exortação contra o orgulho (1 Pe 5.5,6 com 2 Pe 2.18), “Porquanto, proferindo palavras jactanciosas de vaidade, engodam com paixões carnis, por suas libertinagens, aqueles que estavam prestes a fugir dos que andam no erro”.

Na realidade, nessas duas cartas, Pedro, como pastor das ovelhas de Cristo (Jo 21.15-17), procura recomendar aos seus leitores uma combinação sadia de fé e práticas cristãs. Seu propósito é tríplice: a) Estimular o crescimento cristão (2Pe 1); b) Combater os falsos ensinamentos (2Pe 2) e c) Encorajar a vigilância, tendo em vista a segunda vinda do Senhor (2Pe 3).

O aluno poderá se aprofundar no estudo desta carta seguindo o esboço abaixo e estudando exaustivamente cada versículo da epístola.

I. Introdução (1.1-2).

II. Exortação ao crescimento nas virtudes cristãs (1.3-11).

- A. A capacitação divina (1.3-4).
- B. Convite ao crescimento (1,5-7).
- C. O valor desse crescimento (1.8-11).

III. O propósito e a legitimação da mensagem de Pedro (1.12-21).

- A. Seu alvo ao escrever (1.12-15).
- B. A base de sua autoridade (1.16-21).

IV. Advertência contra falsos mestres (Cp. 2).

- A. Predita a vinda dos falsos (2.1-3^a).
- B. A condenação deles é inevitável (2.3b-9).
- C. Delineadas as suas características (2.10-22).

V. O fato da segunda vinda de Cristo (3.1-16).

- A. Reafirmado o propósito de Pedro escrever (3.1-16).
- B. A chegada dos zombadores (3.3-7).
- C. A certeza da segunda vinda de Cristo (3.8-10).
- D. Exortações baseadas no fato da segunda vinda de Cristo (3.11-16).

VI. Observações finais (3.17-18).

1ª EPÍSTOLA DE JOÃO

I. INTRODUÇÃO

Abre-se diante do estudante uma das epístolas mais ricas e misteriosas escrita por um dos apóstolos. Na medida do possível tentamos apresentar a autenticidade das cartas apostólicas usando referências históricas, fruto da pena dourada dos pais apostólicos dos primeiros séculos da igreja cristã. O cristão – especialmente os membros de igrejas – aceitam sem reservas os textos bíblicos como autênticos e escriturísticos. Mas, nem sempre foi assim.

Teólogos céticos levantaram dúvidas quanto a autenticidade de muitos livros da Bíblia, o que fez surgir no passado os defensores ou apologistas que investigaram atentamente documentos antigos, dados arqueológicos e a tradição oral para provar que os escritos são verdadeiros e que seus autores eram, realmente, discípulos de Jesus. Talvez isto não tenha relevância para alguns alunos, mas, à medida que o estudante começar a pesquisar e se aprofundar na leitura e na consulta aos comentaristas bíblicos irá se deparar com teorias que lançam nuvens negras de dúvidas sobre a autenticidade da Bíblia.

Este autor, ao comentar cada um dos livros da Bíblia, tem se deparado diante da incredulidade de homens que se dizem teólogos, que fazem colocações duvidosas a respeito de certos temas bíblicos. Por isso, é necessário ater-se aos fatos históricos provando que os pais apostólicos já discutiram minuciosamente os prós e os contras quanto a autoria deste ou daquele livro.

II. AUTORIA

Não restam dúvidas de que o autor é João, apóstolo e discípulo de Jesus, aquele que se reclinava no peito do Mestre. A prova vem de Policarpo, um dos discípulos de João, que ao escrever

sua própria epístola aos Filipenses cita o texto de 1 Jo 4.3. Eusébio, em *História Eclesiástica* (Livro 3.39 - CPAD) afirma que Papias era um ouvinte de João e amigo de Policarpo e que costumava falar da primeira epístola de João. Mas também Irineu, conforme Eusébio, frequentemente citava esta epístola, bem como a autenticidade dos demais escritos apostólicos (Obra citada, Livro 5.8).

O testemunho de Eusébio de Cesaréia, em *História Eclesiástica* é importante, porque afirma que “até hoje as epístolas de João e seu evangelho são reconhecidas como autênticas pelos anciãos” (Livro 3. 24).

III. EVIDÊNCIAS ENCONTRADAS NO PRÓPRIO LIVRO

Na introdução ao Evangelho de João, objeto de estudo neste curso, apresentamos um resumo da vida de João, filho de Zebedeu e discípulo amado de Jesus.

Os comentaristas sempre buscam evidências de quem é o autor de determinado livro buscando dados em fragmentos ou documentos históricos, a que chamam de evidências externas. Também buscam o que chamam de evidências internas no próprio livro. As evidências externas foram apresentadas acima. Poder-se-ia citar um bom número de pais apostólicos que atestam a autenticidade de João, mas nos limitamos ao que escreveu Policarpo, discípulo de João e de Eusébio de Cesaréia.

Estudando o evangelho de João e esta primeira epístola o aluno pode fazer comparações interessantes quanto a semelhança dos escritos.

EPÍSTOLA COMPARADA COM O EVANGELHO DE JOÃO

<i>Epístola</i>	<i>Evangelho</i>
1 Jo 1.1	Jo 1.1,4,14
1 Jo 2.5	Jo 14.23
1 Jo 2.6	Jo 15.4
1 Jo 2.8 e 3.11	Jo 13.34
1 Jo 2.8,10	Jo 1.5,9; 11.10
1 Jo 2.13,14	Jo 17.3

1 Jo 3.1	Jo 1.12
1 Jo 3.2	Jo 17.24
1 Jo 3.8	Jo 8.44
1 Jo 3.13	Jo 15.20
1 Jo 4.9	Jo 3.16
1 Jo 4.12	Jo 1.18
1 Jo 5.13	Jo 20.31
1 Jo 5.14	Jo 14.4
1 Jo 5.20	Jo 17.2

O apóstolo João não menciona os nomes de muitas pessoas, como o fez Paulo em suas epístolas, visto que as cartas de Paulo são mais universais. João faz questão de mencionar o seu apostolado e indiretamente faz referências ao seu evangelho, e aos laços de amor que prendiam um pastor idoso aos seus “filhos” espirituais, como em 1 Jo 2.18-19 e 4.1-3.

Como o fizeram os demais apóstolos (Paulo, Tiago e Pedro), João faz questão de abordar o perigo dos falsos mestres, que eram conhecidos de seus leitores. Em 1 Jo 5.21 João alerta seus filhos espirituais sobre a idolatria existente no mundo.

Um dos principais objetivos do apóstolo é combater o docetismo (vem da palavra grega *dokeo*, aparência), heresia surgida no fim daquele século que negava que Jesus veio em carne, afirmando que as pessoas viam apenas uma aparência do Filho de Deus, mas não ele em pessoa. Por isso a insistência do apóstolo em afirmar que suas mãos “apalparam” o Verbo da Vida (1 Jo 1.1). O combate a esta falsa doutrina aparece em textos de Cl 1.15-18; 1 Tm 3.16; Hb 1.1-3. O germe do docetismo, que viria a se desenvolver no segundo século era muito forte naqueles dias. O Espírito Santo se antecipa através do apóstolo alertando a igreja com antecedência.

IV. A QUEM JOÃO DIRIGE A EPÍSTOLA

Nada na epístola indica a quem a carta foi dirigida. Historicamente existem várias teorias. Uma delas, levantada por

Agostinho (*The Question of the Gospels*, 2.39, obra em inglês) é que foi remetida para os persas, o que é confirmado por Atanásio. Poderia significar que estivessem se referindo aos crentes que viviam fora do império romano, como a referência já vista pelo aluno que Pedro faz da “Babilônia” (1 Pe 5.13). Como não existem registros históricos, nem na tradição de que João alguma vez estivesse na Pérsia, a colocação de Agostinho pode ser inverídica.

V. ÉPOCA E LOCAL

Supõem-se que a epístola tenha sido escrita não muito tempo depois de João escrever seu evangelho, já que existem acontecimentos e verdades paralelas entre os dois textos (veja o quadro apresentado anteriormente), especialmente a questão da encarnação da Palavra, isto é, a manifestação de Deus em carne, tema que os apóstolos enfatizavam como verdade absoluta (1 Tm 3.16).

VI. CONTEÚDO

A espinha dorsal da carta é a comunhão com o Pai e com o Filho (1 Jo 1.3).

Tirando-se os primeiros quatro versículos do livro, que é a introdução e também os últimos (5.13-21), que fornecem um sumário do livro, o corpo principal da epístola fornece uma tríplice apresentação com duas ideias centrais. (1) A tese ética, de que se o crente não andar na luz, não pode ter comunhão com os irmãos nem com Deus (1.5-2.17; 2.28 a 3.24; 4.7-21), e (2) a tese cristológica, que é o alerta contra os que negam o Senhor, que também se desenvolve nos textos de 2.18-27; 4.1-6; 5.1-12. (James Hastings, Vol. I p 643).

Não é possível ter comunhão com o Filho e com o Pai quando se odeia o irmão.

VII. O PAPEL DE JOÃO NA EDIFICAÇÃO DA IGREJA

Os apóstolos tiveram funções diferentes na construção da igreja. Usando uma expressão didática, Pedro fundou a igreja –

porque todos os apóstolos a fundaram – Paulo tornou a igreja conhecida no mundo todo e João completou a construção espiritual. Assim como o AT mostra um Deus irado, João, o último escritor do NT mostra um Deus amoroso. A bem da verdade, o AT não se limita em apresentar apenas um Deus irado, porque em suas páginas pode-se sentir o amor de Deus. Assim também o NT continuamente respira em suas páginas o espírito de amor, mas ao mesmo tempo alerta constantemente contra o pecado. João faz jus ao seu apelido, Boanerges, “filho do trovão”.

Sua mãe era Salomé, esposa de Zebedeu, provavelmente irmã da mãe de Jesus (Veja Jo 19.25 com Mt 27.56; Mc 15.40), o que torna João primo de Jesus.

É recomendável que o aluno estude sistematicamente a 1ª epístola de João, se possível, seguindo o esboço baixo:

I. Introdução: A realidade da encarnação (1.1-4).

II. A vida cristã como comunhão com o Pai e com o Filho (1.5 2.28).

A) Testes éticos de comunhão (1.5 a 2.11).

1. Semelhança moral (1.5-7).
2. Confissão de pecado (1.8 a 2.2).
3. Obediência (2.3-6).
4. Amor aos irmãos na fé (2.7-11).

B) A vitória sobre o Maligno (2.12-14).

C) Teste cristológico de comunhão (2.18-28).

1. Contraste entre apóstatas e os crentes (2.18-21).
2. Cristo: O âmago do teste (2.22-23).
3. Perseverança na fé: O segredo de uma comunhão contínua (2.24-28).

III. A vida cristã como filiação divina (2.29 a 4.6).

A) Testes éticos da filiação (2.29 – 3.24).

1. Justiça (2.29 – 3.10a).
2. Amor (3.10b - 24).

B) Testes cristológicos de filiação (4.1-6).

IV. A vida cristã como integração da ética e da cristologia (4.7 a 5.12).

- A) O teste ético: O amor (4.7 a 5.5).
1. A origem do amor (4.7-16).
 2. O fruto do amor (4.17-19).
 3. O relacionamento entre o amor a Deus e o amor ao nosso irmão espiritual (4.20 – 5.1).
 4. A obediência: Evidência do amor aos filhos de Deus (5.2-5).
- B) O teste cristológico (5.6-12).

V. Conclusão: As grandes certezas da vida cristã (5.13-21).

SEGUNDA E TERCEIRA EPÍSTOLAS DE JOÃO

I. INTRODUÇÃO

Depois de estudar atentamente a primeira epístola, o estudante tem diante de si duas cartas menores que serão vistas num só bloco ou seção. A segunda carta com apenas 13 versículos, e a terceira, pequeníssimas quando comparadas com a anterior são dirigidas a pessoas diferentes.

II. AUTENTICIDADE DA SEGUNDA E TERCEIRA EPÍSTOLAS

Não há dúvidas de que estas epístolas foram escritas pelo mesmo autor. Elas são semelhantes em tom, estilo e sentimentos. Mas nem sempre foi assim. Alguns anos se passaram até que a autoridade canônica fosse definitivamente reconhecida pelos pais apostólicos. À semelhança da epístola anterior, este autor tratará aqui de duas evidências bíblico-históricas: A evidência externa e a interna.

III. EVIDÊNCIAS EXTERNAS

Irineu, em *Contra Heresias* e outros pais apostólicos como Clemente de Alexandria, Dionísio de Alexandria e do próprio historiador Eusébio atestam estas epístolas.

1. As cartas eram conhecidas da igreja e da escola de Alexandria, no Egito, e foram recebidas por aquela igreja como escritos sagrados. Orígenes, sucessor de Clemente afirmou que “João nos legou uma epístola cheia de estilo, e talvez uma segunda e uma terceira, que alguns não consideram como dele”.
2. Estas epístolas foram recebidas pela igreja do Ocidente no segundo e terceiro séculos. Uma das melhores testemunhas dessas epístolas, conforme citado foi Irineu, é a frase dele: “porque na escola onde estudo, as epístolas de João eram também estudadas”. Irineu, nasceu em Esmirna, e viveu logo após a era apostólica. Discípulo de Policarpo, que também fora discípulo de João sabia muito bem a autenticidade das epístolas de João.
3. No terceiro século, as igrejas do norte da África, reconheciam João como autor da segunda carta. No sínodo de Cartago, o bispo de Chulabi ao dar seu voto contra o batismo de heréticos cita o v.10 da segunda carta, afirmando: “João, em sua epístola etc.”.

IV. EVIDÊNCIAS INTERNAS

São muitas as evidências nas duas epístolas que atestam sua autenticidade e autoria de João: Estilo, sentimentos a forma da escrita. Veja no quadro abaixo as semelhanças entre duas das epístolas e o evangelho de João:

2 Jo 5	1 Jo 2.7	Jo 13.34,35
2 Jo 6	1 Jo 5.3	Jo 14.23
2 Jo 7	1 Jo 4.2,3	xx
2 Jo 12	1 Jo 1.4	Jo 15.11; 16.24

SEGUNDA EPÍSTOLA DE JOÃO

I. ESTRUTURA E COMENTÁRIO

A) A QUEM É DIRIGIDA

Existem divergências entre os teólogos quanto quem seria “a senhora eleita” (2 Jo 2.1), porque parece contraditar com o encerramento da carta em que diz: “os filhos da tua irmã eleita te saúdam” (v 13). Pode ser uma irmã, não conhecida das Escrituras do NT ou uma maneira gentil de se dirigir a alguma congregação. A expressão “os filhos” podem se referir aos membros da igreja.

O autor volta a mencionar “os teus filhos” (v 4), e segue a mesma linha de pensamento da 1ª epístola sobre amar uns aos outros (vv. 5-6).

O apóstolo se considera ancião ou presbítero, porque este é o ofício do líder de uma igreja local. (Veja o comentário sobre presbítero na epístola a 1 Timóteo, quando este autor comentou as qualidades do líder no capítulo 3).

“E agora, senhora”, diz o apóstolo, enfatizando novamente a pessoa ou a igreja a quem se dirige.

Novamente, seguindo a linha doutrinária da primeira carta, João volta a tratar dos falsos mestres, enganadores que pregavam o docetismo, isto é, que Jesus veio em aparência de carne, mas não era carne (v 7). Nos textos seguintes João é incisivo ao afirmar que o que ultrapassa a doutrina de Cristo “e nela não permanece, não tem Deus” (2 Jo 9).

Finalmente João estabelece o princípio das boas-vindas aos obreiros que visitavam aquela igreja: “Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas. Porquanto aquele que lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice de suas obras más” (vv. 10-11). Se este mandamento fosse obedecido pelos líderes da igreja hoje, certamente os púlpitos não

seriam lugar de espetáculos, chocarrices e autopromoção de pastores.

João esperava visitar essa igreja uma vez mais, por isso resumiu sua carta (v 12).

TERCEIRA EPÍSTOLA DE JOÃO

I. A QUEM FOI REMETIDA

A terceira epístola é dirigida a Gaio, “a quem eu amo na verdade” (v 1). É difícil saber a qual Gaio o apóstolo se referia, se ao Gaio da Macedônia (At 19.29) o Gaio de Corinto (Rm 16.23; 1 Co 1.14) ou quem sabe ao Gaio de Derbe (At 20.4).

II. ÉPOCA EM QUE FOI ESCRITA

Eusébio em *História Eclesiástica* relata que depois da morte do imperador Domiciano, João voltou de seu exílio na ilha de Patmos para Éfeso e saiu em viagens missionárias por terras pagãs. Aproveitou também para visitar as igrejas ordenando novos presbíteros ou bispos. Algumas jornadas são mencionadas (2 Jo 1.12; 3 Jo 1.10,14). Se Eusébio estiver correto, ambas as epístolas devem ter sido escritas depois da redação do Apocalipse, quando o apóstolo estava bem velho. Seu ensinamento está em perfeita harmonia com o tom das epístolas. Possivelmente escreveu a partir de Éfeso, porque, em uma de suas visitas não foi recebido por Diótrefes (3 Jo 1.9,10).

Seguindo o esboço abaixo o estudante poderá se aprofundar no conteúdo desta terceira epístola.

A) Saudação (1-2).

O apóstolo deseja que seu amigo tenha prosperidade. É certo que João não está falando de prosperidade financeira, mas

espiritual, pois os crentes daquela época não pensavam em se enriquecer, mas em se gastarem a favor do evangelho de Cristo. João deseja a Gaio saúde – certamente saúde física – porque ele faz o adendo: “Assim como é próspera a tua alma”.

B) Elogio a Gaio (3-8).

Os irmãos que conheciam a Gaio levaram a João boas notícias, avisando ao apóstolo que este homem dava bom testemunho da verdade, e a notícia encheu o coração do apóstolo de alegria “a de ouvir que meus filhos andam na verdade”. Esses irmãos de quem João fala, eram certamente obreiros que visitavam aquela igreja, porque João elogiou a Gaio por haver ajudado financeiramente os irmãos para que continuassem sua jornada. Esses irmãos saíram pelo mundo por causa do Nome – o Nome de Cristo e merecem ser acolhidos pelas igrejas.

C) Condenação de Diótrefes (9-10).

João reclama a respeito de Diótrefes, certamente um líder da igreja que “não nos dá acolhida”. Diótrefes falava mal do apóstolo, referindo-se a João com palavras maliciosas. E, pior, não acolhia na igreja os que falavam bem de João, e se algum irmão da igreja tentasse hospedar ou receber esses irmãos, Diótrefes os expulsava da igreja. O estudante perceberá que no ministério este problema diotrofiano ainda perdura na igreja. Líderes há que expulsam de suas congregações qualquer pessoa que tenha opinião contrária às suas.

D) Exortação a Gaio (11).

João aproveita para exortar a Gaio recomendando-o a imitar o que é bom, porque quem ama conhece a Deus.

E) Exemplo de Demétrio (12).

Em contrapartida a Diótrefes, havia na igreja Demétrio, pessoa de caráter ilibado. Todos davam bom testemunho dele.

F) Conclusão (13-14).

O apóstolo esperava se encontrar brevemente com Gaio e então poderia colocar em dia os assuntos.

EPÍSTOLA DE JUDAS

I. AUTORIA

1. O autor se identifica como “Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago”. O Tiago a que Judas se refere, não é o filho do trovão, irmão de João, porque este foi executado por Herodes (At 12). Judas era irmão de Tiago, o mesmo que se tornou bispo em Jerusalém, irmão de Jesus. Na lição IV, no estudo da carta de Tiago, o estudante se deparou com vários pontos confirmando ser Tiago, irmão de Judas e de Jesus. Gálatas 1.19 confirma que Tiago era irmão do Senhor. Assim, Judas irmão do Senhor e Judas o apóstolo são a mesma pessoa.

A razão de Judas se denominar “irmão de Jesus” é porque Tiago, como bispo de Jerusalém era mais conhecido que ele.

2. Era conhecido como Labeu e Tadeu para ser diferenciado de Judas Iscariotes, o traidor. Labeu vem do hebraico “leeb”, “coração” e significa corajoso. Tadeu é o mesmo que Teudas, do hebraico “thad”, o “peito”. Lucas e João por escreverem seus evangelhos anos depois de Mateus o chamam de Judas, porque aí não haveria mais confusão com esse nome. Em apenas uma ocasião ele é registrado nos evangelhos como Judas. “Disse-lhe Judas, não o Iscariotes: Donde procede, Senhor, que estás para manifestar-te a nós e não ao mundo?” (Jo 14.22).
3. Jerônimo em seu comentário sobre Mateus escreveu que Judas foi enviado a Edessa, para se encontrar com Abgarus, rei de Edessa e que teria pregado na Síria, Arábia, Mesopotâmia e Pérsia e neste país sofreu o martírio.
4. Da pena do historiador Eusébio vem a informação de que Abgarus, acamado e enfermo, ao ouvir que Jesus tinha poder

para curar as enfermidades enviou mensageiros para chamar a Jesus. O Senhor enviou-lhe a dizer que o admirava pela fé que tinha, pois cria, mesmo sem ver o Salvador. E acrescentou: "Agora, quanto ao que me escreveste que eu deveria te visitar, é necessário que eu cumpra aqui a missão para a qual fui enviado. Depois de terminá-la serei recebido no alto por aquele que me enviou. Depois de ser recebido no céu, enviarei pra te visitar, alguns de meus discípulos que curarão as tuas enfermidades e de todos os da tua casa".

Afirma-se que Tomé sentiu-se inspirado e enviou Tadeu para curar e batizar Abgarus. Documentos que confirmam esta versão teriam sido encontrados nos arquivos de Edessa.

II. AUTENTICIDADE

1. Eusébio, em *História Eclesiástica* (Livro 3. 25) afirma que o texto de Judas é controverso, "inda que reconhecido pela maioria". A referência a Miguel, o arcanjo que discutiu com Satanás a respeito do corpo de Moisés – fato não mencionado no AT – mas encontrado no livro apócrifo de Enoque, levantou dúvidas quanto a sua autenticidade. Pelo fato da epístola não ser dirigida especificamente a uma igreja ou pessoa em particular, demorou para ser reconhecida como canônica.
2. O estudante deve saber que, pelo fato de Judas mencionar o livro de Enoque isto não significa que esteja canonizando o livro ou defendendo-o como verdadeiro, da mesma maneira que Paulo cita a poesia de Epimênides, mas não a qualifica como canônica. A maioria dos comentaristas concorda que o livro de Enoque fazia parte da tradição dos judeus, pois da mesma tradição, Paulo mencionou os nomes de James e Jambres (2 Tm 3.8), nomes que sequer são vistos no AT.
3. O livro de Enoque é citado também por Justino Mártir, Irineu e Clemente de Alexandria. Bruce, o viajante da Abssínia trouxe consigo três cópias do livro escritas em Etíope, de Alexandria, a partir da qual o Arcebispo Lourenço fez uma tradução para

o inglês no ano de 1821. Mas o livro de Enoque não é canônico, e por isso, as cópias que hoje são publicadas não devem ser aceitas como parte das Escrituras Sagradas.

III. DATA E LOCAL EM QUE FOI ESCRITA

Não se tem certeza quanto a época. Os comentaristas divergem quanto a data, alguns acreditando ter sido antes da destruição de Jerusalém e outros depois desse acontecimento. No entanto, como existem coincidências fortes entre esta epístola e a de 2 Pedro que ocupam a maior parte desta pequena carta, a maior parte dos comentaristas acredita que a segunda epístola de Pedro baseia-se em Judas.

É até possível que os leitores de Judas tenham ouvido alguns dos apóstolos falar (vv. 17-18). Os comentaristas consultados variam a data entre 65 a 80 d.C.

IV. JUDAS

O autor agiu diferentemente dos demais escritores da época e escreveu uma epístola curta para exortar a liderança a se manter firme na fé: “Amados, quando empregava toda a diligência em escrever-vos acerca da nossa comum salvação, foi que me senti obrigado a corresponder-me convosco, exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (v 3).

Esta é a única epístola que temos de Judas. Veja o esboço abaixo:

A) Saudação (1.2).

B) Ocasão da carta (vv. 3-4).

C) Advertência contra os falsos mestres (5-16).

1. Exemplos de apóstatas que foram condenados (5-7).

A iniquidade de Sodoma é explicitamente abordada pelo profeta Ezequiel, que acrescenta o pecado da luxúria e a falta de cuidado dos pobres da cidade (Ez 16. 49).

2. Descrição dos apóstatas dos dias de Judas (8-16).

- a) Sua conversa difamatória (vv. 8-10).
- b) O caráter desses rebeldes (vv. 11-13).
- c) A destruição dos rebeldes é anunciada (vv. 14-16).

D) Exortação aos crentes (17-23).

- 1. Judas pede aos irmãos que tenham sempre em mente as palavras dos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo, o que implica afirmar que alguns daqueles irmãos devem ter ouvido pessoalmente os primeiros apóstolos (v 17).
- 2. Judas fornece o segredo da perseverança na fé: Edificar-se na fé orando no Espírito Santo (v 20).
- 3. As duas recomendações finais: a) Permanecer no amor de Deus (v 21); b) compadecer-se ou ajudar os que ainda vivem com dúvidas “arreatando-os do fogo” (vv. 22-23).

E) Doxologia final (vv. 24-25).

Judas encerra sua epístola escrevendo o que, possivelmente, era um cântico daqueles dias, uma expressão de adoração dando honras e glórias a Deus e ao seu Filho Jesus Cristo:

“Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória, ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém!”.

No meio de tantos falsos mestres, com todo tipo de ensinamentos e filosofias, Deus é poderoso para guardar o crente dos tropeços! Esta é a grande esperança do cristão!

ATIVIDADES – LIÇÃO V

- **Marque “C” para Certo e “E” para Errado:**

- 1) ☐ Pedro foi levado a Cristo por André, seu irmão, que era discípulo de João Batista e, passou a seguir a Jesus depois que seu mestre, João Batista apontou para Jesus, dizendo, “Eis o Cordeiro de Deus” (Jo 1.29,35-37).
- 2) ☐ Quando Jesus viu a João pela primeira vez, deu-lhe um nome pelo qual é conhecido até hoje, indicando qual seria sua função na Igreja: Pedro (grego) ou Cefas (aramaico) que quer dizer “uma pedra”.
- 3) ☐ Homens de Capadócia, Ponto e da Ásia estavam presentes no dia de Pentecostes, por ocasião da descida do Espírito Santo em que Pedro discursou.
- 4) ☐ Em suas duas cartas, Pedro como pastor das ovelhas de Cristo (Jo 21.15-17), procura recomendar aos seus leitores uma combinação sadia de fé e práticas cristãs.
- 5) ☐ Como o fizeram os demais apóstolos (Paulo, Tiago e Pedro), João, em suas epístolas, faz questão de abordar o perigo dos falsos mestres, que eram conhecidos de seus leitores.
- 6) ☐ Judas encerra sua epístola escrevendo o que, possivelmente, era um cântico daqueles dias, uma expressão de adoração dando honras e glórias a Deus e ao seu Filho Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblias:

NVI – Nova Versão Internacional;

Bíblia de Jerusalém;

Bíblia Edição Revista e Atualizada da SBB.

Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

Bíblia de Estudo Vida, Editora Vida;

Bíblia Revista e Atualizada, SBB.

Bíblia de Estudo Dake, Editora Atos.

The Companion Bible, Bíblia comentada em inglês.

Notas de Barnes (Barne's Notes), Notes on the New Testament por

Albert Barnes, Baker Book House, edição de 1884-85, Volume V.

John Gill's Expositor, no softer da SBB.

Jamieson, Faucet, Brown Commentary, no softer da SBB.

Mathew Henry Full Commentary, Zondervam, edição em inglês.

Scott's Commentary, de James Scott, edição de 1853, Willian S.

Martien, Filadélfia, USA.

Hastings, James, Dictionary of Christ and the Apostles, Scribner's Sons, Edimburgo, 1908.

Hastings, James em Dictionary of the Apostolic Church, Scribner's Sons, Edimburgo, 1916.

WHITE, Thomas, Ann Arbor, Mich. Servant Publications, 1990.

Tertuliano, Os Espetáculos, Verbo, Lisboa - São Paulo.

J.H. Bernard, *The Pastoral Epistles* – Cambridge, Greek Testament, 1899.

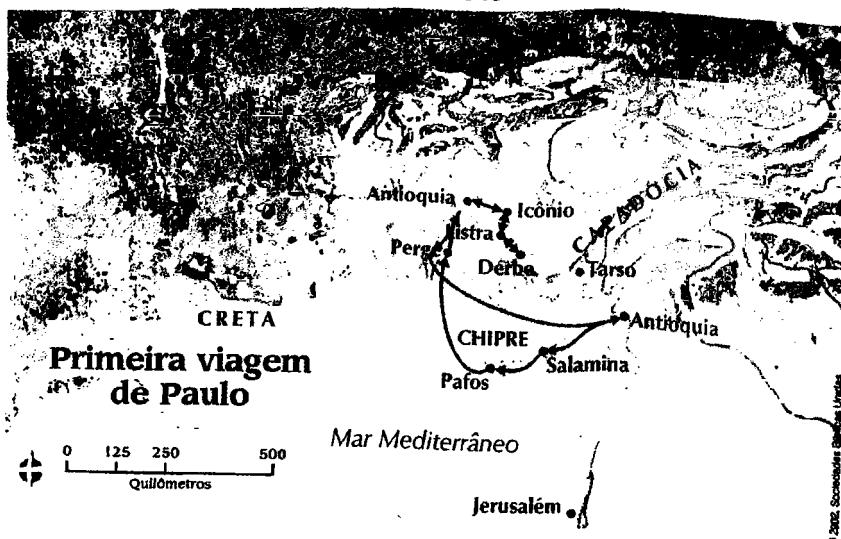
Souza Filho, João Antônio, Cultura Bíblica, CETADEB.

AGOSTINHO, *The Question of the Gospels*.

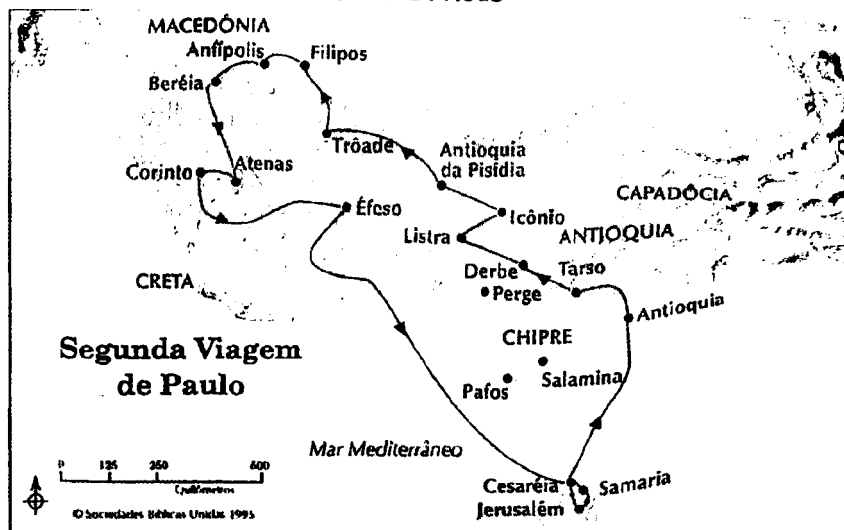
ROHDEN, Huberto, *Paulo de Tarso* (Editora Martin-Claret).

APÊNDICE

✦ MAPA 1 – PRIMEIRA VIAGEM DE PAULO



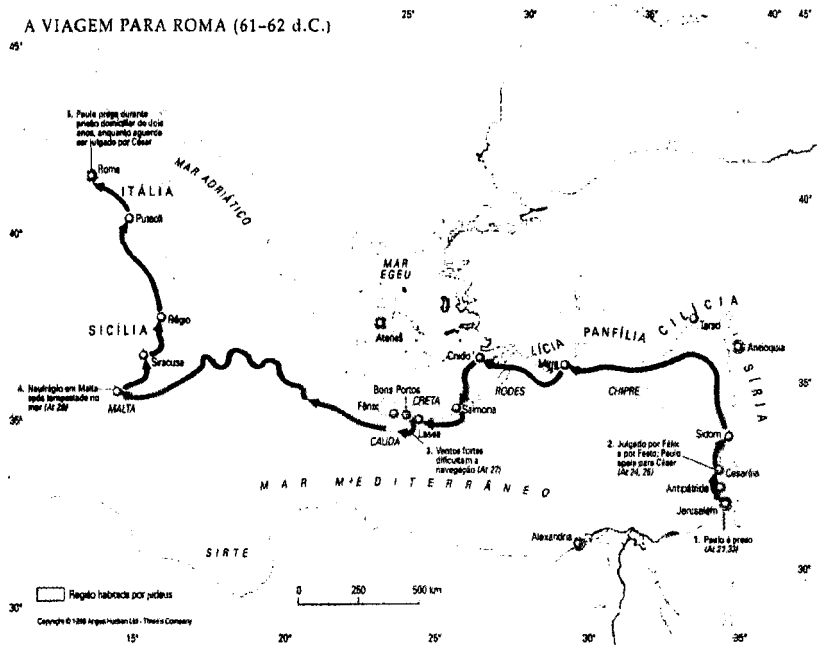
✦ MAPA 2 – SEGUNDA VIAGEM DE PAULO



★ MAPA 3 – TERCEIRA VIAGEM DE PAULO



★ MAPA 4 – VIAGEM DE PAULO A ROMA





O ensino teológico além das fronteiras At. 1.8

Rua Antônio José de Oliveira, 1180

Bairro São Carlos - Cx. Postal 1120

86800-472 – Apucarana – PR

Fone/Fax: (43) 3426-0003

 **+55 43 99814-9696**

	(43) 99960-0910	(43) 99924-0708	(43) 99960-8886
	(43) 98455-4830	(43) 98455-4831	(43) 98455-4832
	(43) 99133-3953	(43) 99157-1462	(43) 99179-3492
	(43) 98823-7070	(43) 98846-1257	(43) 98806-6976

 **E-mail: contato@cetadeb.com.br**

 **Site: www.cetadeb.com.br**